UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DO SERIDÓ
DEPARTAMENTO DE LETRAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

ERIRÓBSON DANTAS DE LIMA

O LETRAMENTO LITERÁRIO PELA FICÇÃO CIENTÍFICA: A SALA DE AULA COMO LABORATÓRIO

CURRAIS NOVOS
2019

ERIRÓBSON DANTAS DE LIMA

O LETRAMENTO LITERÁRIO PELA FICÇÃO CIENTÍFICA: A SALA DE AULA COMO LABORATÓRIO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional (PROFLETRAS), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Campus Currais Novos), como requisito para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Valdenides Cabral de Araújo Dias

Área de concentração: Linguagens e Letramentos

Linha de Pesquisa: Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes

CURRAIS NOVOS

2019

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ensino Superior do Seridó - CERES Currais Novos

Lima, Eriróbson Dantas de.
O letramento literário pela ficção científica: a sala de aula como laboratório / Eriróbson Dantas de Lima. - 2019.
98 f.: il. color.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ensino Superior do Seridó, Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Letras. Currais Novos. RN, 2019.
Orientador: Profa. Dra. Valdenides Cabral de Araújo Dias.

1. Letramento literário - Dissertação. 2. Ficção científica - Dissertação. 3. Sequência básica - Dissertação. I. Dias, Valdenides Cabral de Araújo. II. Título.

RN/UF/BSCN CDU 82:37.014.22

Elaborado por Jailma Santos - CRB-15/745

ERIRÓBSON DANTAS DE LIMA

O LETRAMENTO LITERÁRIO PELA FICÇÃO CIENTÍFICA: A SALA DE AULA COMO LABORATÓRIO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional (PROFLETRAS), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Campus Currais Novos), como requisito para obtenção do título de Mestre.

Aprovada em: _____/_____/_____.

BANCA EXAMINADORA

_____

Profa. Dra. Valdenides Cabral de Araújo Dias

Orientadora

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

_____

Profa. Dra. Maria Suely da Costa

Membro da banca

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

_____

Profa. Dra. Ana Maria de Oliveira Paz

Membro da banca

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

A Deus, força insondável que habita em cada um de nós. A mim, que encontro essa força em todos os lugares.

A Davi Lucas, meu filho, que também vai saber, a seu modo, encontrar essa força

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer à minha orientadora, Valdenides Cabral de Araújo Dias, pelo apoio em uma tarefa que eu achava improvável, que era escrever esta dissertação. Seu jeito simples, calmo, me passando confiança, sem perder o rigor da cobrança, foi essencial para mim. Sem a sua ajuda este trabalho não existiria; obrigado por tudo.

Agradeço também à minha orientadora de graduação, professora Conceição Flores. Os ensinamentos que tive com a senhora são algo que levarei para sempre, em toda minha vida.

Agradeço ao senhor Ronaldo Gurgel Diniz, proprietário do Sebo Rio Branco. Minha trajetória como leitor e como rato de sebos não seria a mesma sem o seu estabelecimento comercial do ramo fabricador de sonhos. Obrigado!

Agradeço aos meus colegas de curso, pelo companheirismo e lealdade que vocês demonstraram ao longo do curso. Compartilhamos alegrias e angústias, sempre unidos, perseverantes de que tudo ia correr bem. Obrigado e um abraço bem apertado em cada um de vocês.

Agradeço aos Macacos Elétricos. Sem vocês, um voo desse tamanho jamais seria possível. Obrigado!

E tenho ainda comigo, para meu consolo, duas estranhas flores brancas – ressequidas agora, escuras, secas e esfarelando-se – para testemunhar que, mesmo quando a inteligência e a força tiverem desaparecido, a gratidão e a ternura mútua ainda encontrarão espaço nos corações humanos.

H. G. Wells

RESUMO

A escolarização da literatura, apesar de praticada desde tempos imemoriais, constantemente é alvo de críticas e reflexões, gerando debates acerca das possibilidades metodológicas para tornar o acesso ao texto literário viável e significativo ao aluno. É notável a deficiência leitora dos estudantes brasileiros, principalmente quando se trata da leitura do texto literário. Garantir esse acesso à literatura, enquanto bem incompressível, é um desafio que se impõe ao professor de português, pois ele é o principal mediador, no contexto escolar, entre o estudante e a leitura literária. Destarte, este trabalho tem como objetivo geral estimular o processo de letramento literário, via alternativa e emergente do ensino de literatura na escola, usando o gênero ficção científica como porta de acesso para uma experiência de leitura que seja significativa para o leitor. Para tanto, foi desenvolvida uma sequência básica, que serviu como instrumental de coleta de dados para análise do corpus. Este trabalho foi realizado com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede municipal da cidade de São Pedro – RN, tendo como suporte metodológico qualitativo a pesquisa-ação, centrada no trabalho de Thiollent (1986). A fundamentação teórica deste trabalho pauta-se nos estudos de Cosson (2016), na compreensão do lugar da literatura no contexto escolar e da sequência básica enquanto via de acesso ao texto literário; em Candido (2011), cujo ensaio, “O direito à literatura”, oferece importantes reflexões sobre a natureza do texto literário; além dos trabalhos de Roberts (2018), Otero (1987) e Tavares (1986), acerca do gênero ficção científica. Os resultados apontam que, a partir do corpus coletado e de sua análise, houve um amadurecimento dos alunos em relação à leitura do texto literário, mostrando aos mesmos que é possível ler uma obra literária sem medo, e de que eles podem construir seus próprios caminhos enquanto leitores.

Palavras-chave: Letramento Literário. Ficção Científica. Sequência Básica.

ABSTRACT

The schooling of literature, although practiced since immemorial times, is constantly the subject of criticism and reflection, generating debates about the methodological possibilities to make access to the literary text viable and meaningful to the student. The reading deficiency of Brazilian students is remarkable, especially when it comes to reading the literary text. Ensuring this access to literature, while well incompressible, is a challenge imposed on the Portuguese teacher, since he is the main mediator, in the school context, between the student and the literary reading. To do so, a didactic sequence will be developed, with the intention of making the reading of the literary text something attractive to the student. This work will be carried out with students of the 9th year of an Elementary Public School in the city of São Pedro - RN, with qualitative methodological support to action research, centered on the work of Thiollent (THIOLLENT, 1986). The theoretical basis of this work is based on the studies of Cosson (COSSON, 2016) in the understanding of the place of literature in the school context and of the didactic sequence as a way of accessing the literary text; in Candido (CANDIDO, 2011), whose essay “The Right to Literature” offers important reflections on the nature of the literary text; besides the works of Léo Godoy Otero (OTERO, 1987) and Bráulio Tavares (TAVARES, 1986), about the genre of science fiction. It is hoped that this work, which is in its process of execution, is based on the hypothesis that the use of the genre of science fiction as a triggering element of the taste for literary reading, to make literary reading a habit in life (not only at school) of the student.

Keywords: Literary Literacy. Science Fiction. Teaching.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01 – Texto referente ao aluno A1..... 50
Imagem 02 – Texto referente ao aluno A2..... 51
Imagem 03 – Texto referente ao aluno A3..... 51
Imagem 04 – Texto referente ao aluno A4..... 52
Imagem 05 – Texto referente ao aluno A4..... 53
Imagem 06 – Texto referente ao aluno A5..... 54
Imagem 07 – Texto referente ao aluno A1..... 55
Imagem 08 – Capa do livro utilizado para a sequência diática..... 56
Imagem 09 – Texto referente ao aluno A1..... 60
Imagem 10 – Texto referente ao aluno A3..... 61
Imagem 11 – Texto referente ao aluno A5..... 64
Imagem 12 – Texto referente ao aluno A4..... 66
Imagem 13 – Texto referente ao aluno A6..... 68

LISTA DE SIGLAS

FC Ficção científica

SB Sequência básica

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO..... 13
2 A LEITURA LITERÁRIA EM SALA DE AULA..... 19
2.1 Ficção científica para desenvolver o gosto pela leitura..... 28
2.2 A máquina do tempo: autor e obra..... 36
3 APORTES METODOLÓGICOS: CONSTRUINDO O TEMPO DA LEITURA..... 41
3.1 A pesquisa-ação..... 41
3.2 O lugar da pesquisa..... 44
3.3 Os participantes da pesquisa..... 44
3.4 Sequência básica: construindo a máquina do tempo da leitura..... 46
4 MANUAL DE LEITURA E ANÁLISE DA MÁQUINA DO TEMPO DA LEITURA..... 50
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 71
REFERÊNCIAS..... 75
APÊNDICE – PLANO DE ENSINO ELABORADO A PARTIR DO MODELO DE SB DE COSSON..... 77
ANEXO – UM SOM DE TROVÃO (RAY BRADBURY)..... 85

CAPÍTULO I

1 INTRODUÇÃO

É difícil subestimar a importância da leitura em qualquer esfera social do mundo civilizado. Ela permite ao ser humano o contato com o conhecimento acumulado através dos séculos. Esse conhecimento, subdividido entre as diversas ciências, permitiu ao homem materializar o que antes era apenas imaginado: carros, aviões, bombas e etc.; e, em sua vida escolar, o aluno, desde o ensino básico até a universidade, tem acesso a todo esse edifício de ideias, teorias e suas tecnologias. Ler é tornar todo esse conhecimento cognoscível à mente.

Diante de todo esse universo de conhecimento construído ao longo dos séculos, tendo a leitura como principal porta de acesso, o edifício da literatura ocupa um lugar central nessa metrópole; não há civilização, da ágrafa à mais letrada, que prescinda dela na formação de seu povo. Devido a sua forma peculiar de organização, ela permite-nos interpretar o mundo como algo em constante processo de transformação, que se reinventa a cada nova leitura. Ler o mundo através da literatura é também ler a si próprio enquanto linguagem, nos humanizando e transformando.

Apesar de toda essa importância, e mesmo sendo praticada desde os primórdios da educação escolarizada, o uso do texto literário em sala de aula é um tema que constantemente gera conflito de opiniões entre os professores. Esse debate acerca da presença da literatura no ensino de Língua Portuguesa gira basicamente em torno da seguinte questão: a literatura, no contexto escolar, é um meio ou um fim? Ou seja, a literatura deve servir como um mero veículo para o estudo de noções gramaticais e de interpretação textual, ou ela deve ser levada em consideração a partir do ponto de vista estético, um objeto artístico organizado discursivamente de forma singular, que pode influenciar positivamente na vida dos alunos? Em boa parte dos casos, a prática dos professores nas escolas brasileiras aponta para a primeira alternativa. Não cabe aqui descobrir os motivos de tal escolha. Contudo, esse uso equivocado da literatura tem contribuído para o fracasso escolar, naquela que talvez seja a principal missão da escola: formar leitores.

É possível que exista um nexo causal entre a forma pela qual a literatura é usada nas aulas de Língua Portuguesa e os baixos índices de leitura e escrita dos estudantes brasileiros. Esse trabalho não tem como escopo estabelecer essa relação de causalidade; não obstante isso, o fato é que, na escola básica, isso é um

problema grave, pois a falta de interesse dos alunos pela leitura leva à falta de hábito, o que pode limitar a competência linguística dos estudantes, e distanciar ainda mais os alunos dos textos literários.

Como foi mencionado acima, privar o aluno do contato com a literatura impede-o de tornar-se, através da leitura literária, sensível a questões que fazem parte da essência do ser humano, como por exemplo, valores éticos e morais, questionando-o, vislumbrando essa essência, e além de colocar-se no lugar do outro, de entender suas dúvidas e angústias. Sendo assim, ainda mais grave é o desinteresse dos alunos pela literatura. Infelizmente, a escola tem contribuído para isso, seja usando os textos literários como meros veículos para o estudo da gramática, seja ensinando literatura a partir apenas de uma visão histórica, mostrando a arte literária como um mosaico de formas prontas e cristalizadas. Negligencia-se, dessa forma, o que talvez seja o mais importante: a fruição estética do próprio texto, o contato direto com as obras, a sua leitura enfim.

Diante de toda essa problemática, surgem os questionamentos: como tornar a leitura uma atividade significativa para o aluno por meio da fruição estética de textos literários? Como associar essas leituras ao discurso científico presente na vida escolar do aluno? E como fazer com que essa leitura tenha um efeito humanizador nos leitores?

Cosson (2016) nos fala que apesar do espaço reduzido que a escola fornece para a leitura literária, ela permanece obedecendo a dois tipos de atividades: a primeira, voltada para a leitura ilustrada, cuja missão é inserir o aluno no universo da escrita e, por essa razão, os livros literários infantis se prestam muito bem a desempenhar esse papel, pelas suas ilustrações; a segunda, a leitura aplicada, já destinada aos alunos que dominam a escrita e a leitura, para fins de promoção de conhecimento, de aprendizado.

Sabe-se que o segundo caso é o mais utilizado na escola. No entanto, cabe ao professor a reversão desse quadro, fazendo com que a leitura ilustrada passe a fazer parte da vida escolar de seu aluno. E o próprio Cosson (2016) se interroga sobre a possibilidade de se ensinar ou mediar a leitura literária, para o que responde com o pensamento de que a grande responsabilidade encontra-se no professor e na visão que este tem da leitura literária. Se for um bom leitor, vai ocorrer o que Bordini e Aguiar preconizam: “professores leitores com boa fundamentação teórica e

metodológica, programas de ensino que valorizem a literatura e, sobretudo, uma interação democrática e simétrica entre alunado e professor" (AGUIAR; BORDINI, 1988, p. 17).

Pensando nessa possiblidade, como professor leitor e na condição de pesquisador, escolhemos para a nossa intervenção uma obra literária de ficção científica, voltada para o interesse dos alunos. A ficção científica, doravante (FC), é um gênero literário que nasce nos Estados Unidos, nas primeiras décadas do século XX, tendo como principais precursores, ainda no século XIX, Mary Shelley (*Frankenstein*), Júlio Verne (*Vinte mil léguas submarinas, Viagem ao centro da terra*, dentre outros) e Herbert George Wells (*A máquina do tempo, A guerra dos Mundos*, entre outros). É um gênero que tem como principal característica partir de uma hipótese (por mais inverossímil que ela possa parecer), por exemplo: e se o homem conseguisse viajar no tempo? E se ele conseguisse viajar para outros planetas? Para, a partir disso, fazer uma reflexão sobre a nossa condição humana. Na visão de Léo Godoy Otero (OTERO, 1987, p. 15), a ficção científica "é um método literário eminentemente especulativo, cuja constante deve ser a ciência para a qual são estabelecidos fatos, os quais, uma vez laborados no tempo, venham a produzir uma nova situação, uma nova estrutura para a ação humana"; ou seja, é um tipo de literatura fantástica que extrapola os limites da realidade ancorado em especulações científicas ou alguma tecnologia derivada disso, para a partir disso imaginar os conflitos humanos decorrentes desse novo universo criado.

Semelhantemente a um cientista quando se depara com um fenômeno desconhecido, os leitores de ficção científica também lidam com um universo muitas vezes estranho ao seu, o que os obriga a refletir sobre temas universais (trabalho já realizado pela literatura no seu sentido mais amplo), só que a partir de alguma hipótese científica mostrada como factual; daí a sua especificidade enquanto gênero literário.

Assim, tendo que lidar com o novo, com o inexplicável a FC, faz-nos pensar sobre os caminhos que a humanidade, enquanto produtora de conhecimento, tem percorrido ao longo de sua história, e sobre o vislumbre de um futuro desconhecido e remodelado a cada nova descoberta científica; descobertas essas que antes, na maioria dos casos, já haviam sido objeto de especulação fabulatória dos escritores de FC.

A FC é um gênero de massa, associado ao público infanto-juvenil, mas que

não alcançou no Brasil o sucesso que teve e continua tendo em outros países. De acordo com Sodré (1988, p. 6), a literatura de massa se distingue da literatura culta por várias razões, dentre elas, o modo de circulação, o discurso específico que gera no leitor “efeitos ideológicos diferentes” e o meio acadêmico/escolar que não a valoriza enquanto tal. No entanto, para ele, “[...] o que importa mesmo são os conteúdos fabulativos (e, portanto, a intriga com sua estrutura clássica de princípio-tensão, clímax, desfecho e catarse), destinados a mobilizar a consciência do leitor, exasperando a sua sensibilidade” (SODRÉ, 1988, p.16).

Contribui para isso também os baixos índices de leitura dos alunos e também o fato de a FC ainda ocupar um lugar à margem daquela que é considerada a boa literatura, a dos cânones, que é estudada nos manuais de história literária e nos livros didáticos. Entretanto, é sintomático em relação ao nível de leitura de nossos jovens que a ficção cientifica é o gênero que mais prospera nos cinemas, não apenas nos brasileiros; as maiores bilheterias são, em boa parte dos casos, de filmes de ficção científica.

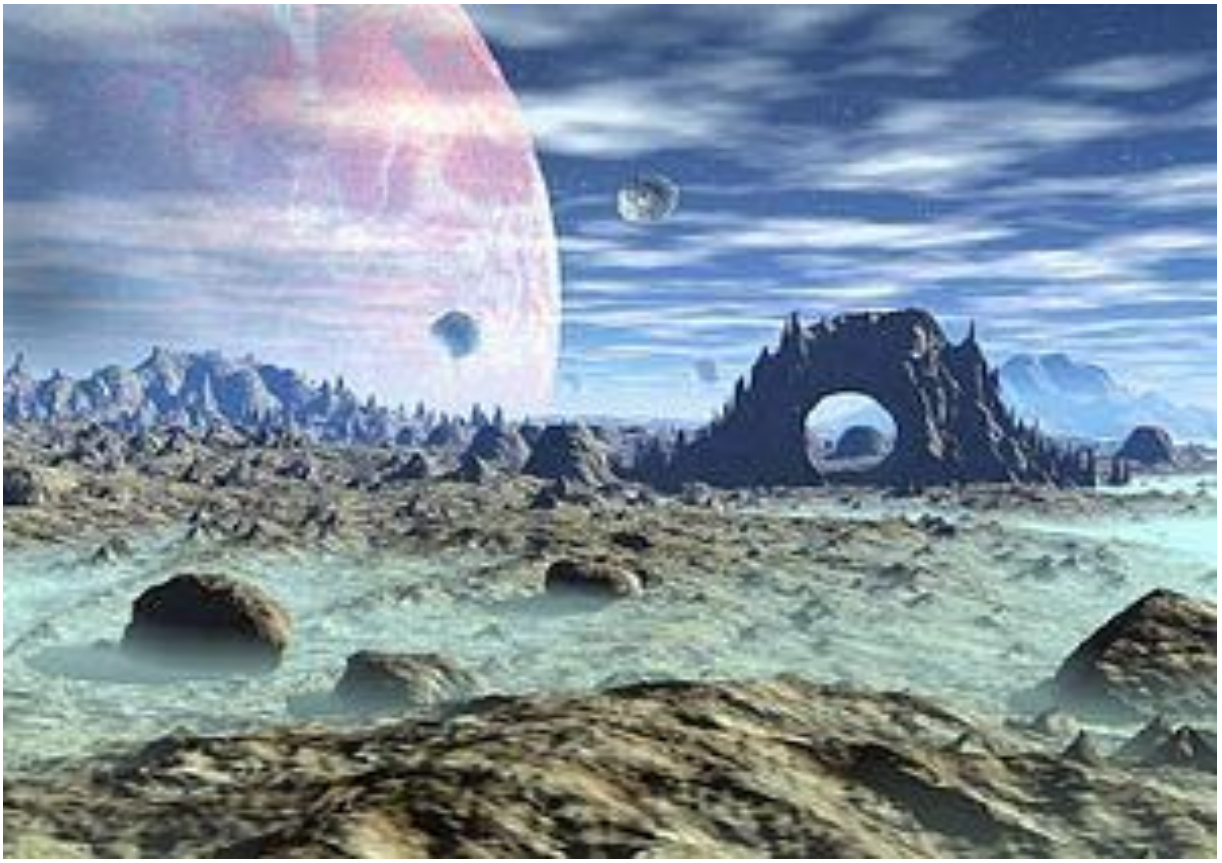
Por ser uma plataforma em que desfilam duas aparentemente diferentes esferas discursivas, a científica e a artística, e por ser um gênero muito popular no cinema, principalmente apreciado pelo público jovem, mostra-se promissora a ajuda da FC no intuito de tornar significativa para o aluno a leitura de um texto literário que fala sobre temas científicos. Partindo da problemática dos estudantes não se interessarem pela leitura e de não se identificarem com as leituras literárias que são oferecidas a eles, esse trabalho levanta a possibilidade de que o uso da ficção científica pode ser catalizadora do gosto pela leitura, podendo ajudar a reverter esse desinteresse generalizado.

O foco principal desse trabalho é a percepção de que a leitura literária em sala de aula não alcança seu objetivo principal, que é formar leitores, por não estar proporcionando a leitura de obras que façam sentido para eles. Desenvolver a competência leitora dos estudantes é um caminho para o letramento que necessariamente passa pela literatura, por se tratar de um tipo de texto em que há uma multiplicidade de significados a serem explorados, cobrando do leitor um nível de concentração e uma sensibilidade dificilmente alcançadas em outro tipo de discurso. O aluno que se habitua às sutilezas do texto literário está preparado para lidar com qualquer espécie de texto. Pretendemos, de acordo com a problemática, analisar a FC como possibilidade para suscitar o gosto literário dos estudantes.

O presente trabalho tem como objeto de estudo o processo de letramento literário do aluno, de forma a proporcionar situações de leitura que sejam significativas para ele. Para tanto, a partir da problemática das dificuldades da escola no sentido de desenvolver o hábito da leitura literária no estudante, tem-se como objetivo geral estimular o processo de letramento literário a partir do gênero ficção científica. Como objetivos específicos, proporcionar situações de leitura da obra *A máquina do tempo*, de H.G. Wells, que favoreçam a reflexão acerca dos temas trabalhados, bem como os alunos irão conhecer os principais temas da ficção científica e descrever algumas de suas características.

Este trabalho estrutura-se da seguinte forma: na introdução está exposto um panorama explicativo geral da dissertação; partimos do conceito de leitura de uma forma abrangente, para a partir daí discorrer sobre a leitura literária e sua especificidade. Passa-se após isso aos problemas referentes à forma de abordar o texto literário em sala de aula, associando-os aos níveis de leitura dos estudantes. Assim, levantamos a hipótese de usar a ficção científica como disparador do gosto dos alunos pela leitura literária. No segundo capítulo discorremos sobre os aspectos da leitura literária em sala de aula, no intuito de mostrar os benefícios da FC para desenvolver o gosto pela leitura, bem como aspectos biográficos de Herbert George Wells, autor do livro *A máquina do tempo* (obra utilizada na sequência básica deste trabalho), além de um breve esboço de sua obra. No terceiro capítulo serão apontados os aportes metodológicos que embasam este trabalho, que será realizado tendo como método a pesquisa-ação (THIOLLENT, 1986), e que terá como instrumental uma sequência básica feita a partir do modelo de Cosson (2016), com o intuito de proporcionar uma experiência de leitura da obra de H.G. Wells acima citada. Além disso, nesse capítulo faremos uma descrição do local da pesquisa, bem como de seus participantes, para assim se ter um panorama empírico do ambiente físico e humano da intervenção. No quarto capítulo, encontra-se um estudo do manual de leitura e análise da máquina do tempo da leitura, de sua aplicação e de seus resultados. Por fim, na conclusão é feita uma reflexão acerca dos resultados dessa pesquisa, seus pontos positivos e negativos e seu alcance enquanto intervenção pedagógica.

CAPÍTULO II



2 A LEITURA LITERÁRIA EM SALA DE AULA

Neste capítulo formalizamos nosso pensamento acerca do papel da leitura literária em sala de aula, bem como apresentamos o recorte literário que serviu de base para o desenvolvimento de nossa intervenção.

A leitura, num sentido amplo, é a força motriz através da qual convergem todas as atividades realizadas no âmbito escolar, porque é através dela que o conhecimento perfaz o seu caminho cognitivo, de todo o edifício científico e cultural registrado nos livros para a mente do aluno. Diante disso, é possível inferir que o ato de ler é uma atividade que transcende a própria palavra, pois “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente” (FREIRE, 1982, p. 05).

Num sentido restrito, no que se refere à leitura na disciplina de Língua Portuguesa, a leitura, particularmente a leitura literária, tem enfrentado, ao longo dos anos, alguns dilemas, os quais tiveram o mérito de motivar reflexões nos educadores acerca do ensino do nosso idioma, gerando mudanças de paradigmas e redimensionamentos metodológicos.

O que pensarmos do lugar da leitura na escola? Como ela é abordada? Qual o seu espaço e tempo disponível para ser recebida e apreciada pelos alunos? Podemos pensar com Gebara (2012), que “a convivência com textos em ambiente escolar passa a ser o centro de várias questões”, que vão desde a postura do professor às necessidades da própria escola em promover essa convivência, porque ambos, professor e escola estão imbuídos da visão utilitarista da leitura. No entanto,

> Quando alguém consegue romper com essa relação de caráter utilitarista, constata-se que a superação é fruto de um trabalho diferenciado que considera a leitura em suas múltiplas funções e desdobramentos, seja em sala de aula, seja em qualquer outro ambiente (GEBARA, 2012, p. 25).

Para que possamos realmente romper com esse caráter utilitarista que se formou em torno da leitura, podemos tomar os documentos oficiais que já demonstram uma abertura, mas que são pouco colocados em prática, principalmente quando o assunto é leitura. Vejamos por que: os parâmetros curriculares nacionais (PCN) abordam a questão da leitura a partir de diferentes

prismas, mostrando o quão complexo é esse tema. Essa discursão não é recente, pois:

> O ensino de Língua Portuguesa tem sido, desde os anos 70, o centro da discussão acerca da necessidade de melhorar a qualidade de ensino no país. O eixo dessa discussão no ensino fundamental centra- se, principalmente, no domínio da leitura e da escrita pelos alunos, responsável pelo fracasso escolar que se expressa com clareza nos dois funis em que se concentra a maior parte da repetência: na primeira série (ou nas duas primeiras) e na quinta série. No primeiro, pela dificuldade de alfabetizar; no segundo, por não se conseguir levar os alunos ao uso apropriado de padrões da linguagem escrita, condição primordial para que continuem a progredir (BRASIL, 1998, p. 17).

Isso mostra o quão antiga é essa discursão, pois desde os anos 70 há o debate acerca do fracasso escolar e da importância de haver um olhar especial sobre a forma como se ensina a língua portuguesa, desde os anos iniciais, na tentativa de responder a uma demanda por novas perspectivas de ensino que tentassem resolver problemas detectados pelos professores e pelos teóricos acerca do ensino tradicional (BRASIL, p. 18), e a leitura ocupa um lugar central nessa discursão.

A partir dos PCN, a unidade de análise linguística passa a ser o texto, reforçando lugar central da leitura no ensino do nosso vernáculo, pois:

> Não é possível tomar como unidades básicas do processo de ensino as que decorrem de uma análise de estratos, letras/fonemas, sílabas, palavras, sintagmas, frases que, descontextualizados, são normalmente tomados como exemplos de estudo gramatical e pouco têm a ver com a competência discursiva (BRASIL, 1998, p. 23).

O que mostra a necessidade de uma mudança de direção: partir do texto como unidade discursiva, para a partir disso passar aos aspectos gramaticais do idioma, prezando a diversidade de gêneros textuais. Essa mudança de perspectiva se tornou possível porque houve um desenvolvimento dos estudos linguísticos, principalmente nos anos 80, que fugiram à tradição filológica e normativa, o que permitiu que houvesse grandes avanços nas reflexões acerca do processo de ensino e aprendizagem do nosso vernáculo (BRASIL, p. 17).

Partindo dessa premissa, do texto como unidade de análise, a leitura passou a novamente a ocupar um lugar que já era seu por direito, de protagonista do processo didático que acompanha o desenvolvimento da competência linguística do estudante. Seja em sua modalidade oral ou escrita, privilegia-se o contato direto com

o texto, nas suas mais variadas manifestações, como unidade discursiva.

Sobre os textos orais, eis o que dizem os PCN:

> (...) cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral no planejamento e realização de apresentações públicas: realização de entrevistas, debates, seminários, apresentações teatrais etc. Trata-se de propor situações didáticas nas quais essas atividades façam sentido de fato, pois é descabido treinar um nível mais formal da fala, tomado como mais apropriado para todas as situações. A aprendizagem de procedimentos apropriados de fala e de escuta, em contextos públicos, dificilmente ocorrerá se a escola não tomar para si a tarefa de promovê-la (BRASIL, 1998, p. 25).

O que mostra a necessidade de a escola priorizar os usos públicos da linguagem oral, em contextos que possibilitem ao aluno o desenvolvimento do discurso de forma ativa para o seu pleno exercício da cidadania, e não apenas para a decodificação oral de textos escritos.

Acerca dos textos escritos, os PCN dizem o seguinte:

> Analisando os textos escritos que costumam ser considerados adequados para os leitores iniciantes, verifica-se que, na grande maioria, são curtos, às vezes apenas fragmentos de um texto maior. sem unidade semântica e/ou estrutural, simplificados, em alguns casos, até o limite da indigência. Confunde-se capacidade de interpretar e produzir discurso com capacidade de ler e escrever sozinho (BRASIL, 1998, p. 25).

Os trechos acima reforçam a importância de se trabalhar a leitura enquanto unidade discursiva, ou seja, com textos orais e escritos que desenvolvam a capacidade interpretativa dos alunos, tornando-os aptos a produzirem discurso. Dentre os textos escritos sobre os quais os PCN falam, optamos pelo texto literário para desenvolvermos a proficiência leitora dos alunos, que envolve, principalmente, a capacidade de compreensão crítico-reflexiva sobre o lido. Ou seja, utilizamos o texto literário, no caso, o romance de ficção científica, como elemento disparador do gosto pela leitura, pensando na leitura como:

> Processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem, etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência (BRASIL, 1998, p. 69)

Vindo para a BNCC (2019), que estabelece para o ensino de Língua Portuguesa o contato com a diversidade de gêneros textuais, vemos a literatura colocada dentro de um campo denominado de “práticas artístico-literárias”. Nesse campo as manifestações artísticas se ampliam e engloba o texto literário, supondo que, anteriormente, o letramento literário já se tenha iniciado.

> Está em jogo a continuidade da formação do leitor literário, com especial destaque para o desenvolvimento da fruição, de modo a evidenciar a condição estética desse tipo de leitura e de escrita. Para que a função utilitária da literatura – e da arte em geral – possa dar lugar à sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora, é preciso supor – e, portanto, garantir a formação de – um leitor-fruidor, ou seja, de um sujeito que seja capaz de se implicar na leitura dos textos, de ‘desvendar’ suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura (BRASIL, 2019, p, 138).

Nesse sentido, compactuamos com as reflexões de Gebara (2012, p. 22), para quem a leitura literária na escola envolve vários aspectos que merecem ser redimensionados, sob pena de passarmos a ideia de que é uma imposição da escola, o que causará um “certo incômodo” para nossos alunos. E quem deve redimensionar o uso da leitura em sala de aula é o professor, utilizando-se de estratégias capazes de extrair conhecimento e prazer, informação e formação, sabendo explorar não somente os elementos linguísticos do texto, mas os elementos estéticos responsáveis por torná-lo literário. Tais elementos estéticos, bem explorados na idade escolar, podem ser vistos “como uma forma de assegurar esse tipo de vivência e descoberta do mundo na idade adulta” (GEBARA, 2012, p. 31). Ou seja, a leitura literária bem aplicada no espaço escolar pode desenvolver em seus alunos uma proficiência leitora que o acompanhará vida à fora, longe dos muros da escola.

Em suma, como foi visto acima, esse redimensionamento do ensino de Língua Portuguesa coloca a leitura do texto, como um todo semântico passível de análise, na instância central para a qual convergem todas as atividades escolares, trazendo para a escola uma diversidade de gêneros que permitem ao aluno vislumbrar a heterogeneidade de manifestações do nosso idioma no dia a dia, o que favorece o desenvolvimento discursivo do estudante. No entanto, sabemos que a leitura de alguns gêneros literários, por exemplo, é relegada, como é o caso do romance e da poesia, pelo grau de dificuldade que comporta: da parte do professor,

que não é leitor, da parte do livro didático, que oferece o texto fragmentado e da parte do aluno que não se sente estimulado a esse tipo de leitura.

A respeito da leitura literária, os PCN ressaltam a sua especificidade como manifestação artística recriadora da realidade, “uma forma peculiar de representação e estilo em que predominam a força criativa da imaginação e a intenção estética” (BRASIL, 1998, p. 26). Fica evidente o caráter complexo do texto literário, por se tratar de um tipo de discurso que não se prende a convenções normativas e gramaticais, além de prescindir de uma descrição precisa da realidade tal qual ela é. Ela “não é mera fantasia que nada tem a ver com o que se entende por realidade, nem é puro exercício lúdico sobre as formas e sentidos da linguagem e da língua” (BRASIL, 1998, p. 26), ou seja, apesar dessa possibilidade de desprendimento em relação à realidade factual, ela permite profundas reflexões sobre nossa condição humana, nos humanizando, conforme Candido (2011). Por isso, ela vai muito além de um mero devaneio lúdico acerca das possibilidades da língua portuguesa.

Apesar de alguns livros didáticos, nos últimos anos, terem tido a preocupação de mostrar o texto literário a partir de um ponto de vista estético, a nossa prática profissional ainda encontra empecilhos que dificultam o trabalho com a leitura literária sob o ponto de vista artístico, como uma unidade semântica, como a falta de condições materiais de trabalho, desmotivação dos alunos, falta de planejamento, entre outros fatores. Mas o principal motivo ainda é a falta de iniciativa de muitos professores em fazer o que a literatura faz tão bem: recriar a partir de uma realidade adversa e transformá-la em algo positivo. Segundo Candido (2011):

> A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade” (CANDIDO, 2011, p. 188).

Dessa forma, a leitura literária, se bem orientada, pode proporcionar ao aluno uma abertura a níveis mais profundos de interpretação do texto e da própria realidade; devido ao seu grau de complexidade, ela permite ao aluno o enfretamento de qualquer tipo de texto, tornando-o independente, capaz de encontrar ele próprio a sua representação da realidade através da linguagem.

Candido (2011), no ensaio *O direito à literatura*, fez significativas reflexões acerca da literatura e de sua importância na formação do homem, chamando

atenção aos prejuízos que a sua privação acarreta. A questão que serve de mote para esse texto é: a literatura é um bem incompressível? Ou seja, a literatura é algo tão importante para o homem quanto o direito à alimentação e à moradia? Segundo ele, todos os povos, nas mais variadas culturas, experimentam em alguma ocasião, alguma espécie de fabulação (CANDIDO, 2011, p. 176). Além disso: “se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura (...) parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito” (CANDIDO, 2011, p. 177).

A leitura literária, dessa forma, é vista como algo de suma importância para uma sociedade, pois nela o processo de humanização ganha um importante aliado, na busca por uma emancipação intelectual que é condição básica para o pleno exercício da cidadania. Ela (a literatura) “confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas” (CANDIDO, 2011, p. 177). Essa multiplicidade de perspectivas possíveis de se olhar para um problema, possibilitando o confronto desses olhares, faz da literatura uma importante aliada no desenvolvimento da capacidade de empatia, de colocar-se no lugar do outro e entender suas angústias, além da percepção do quão complexo é o mundo e os seres que o habita. Perceber essas coisas é tornar- se mais humano (CANDIDO, 2011, p. 182). Talvez nunca tenha sido tão visível quanto nos dias atuais as consequências deletérias dessa privação da literatura.

Entretanto, o autor alerta que a experiência com a literatura está longe de ser uma experiência inofensiva, pois ela tem a capacidade de gerar dilemas que dizem respeito às questões essenciais da existência, podendo até causar problemas psíquicos e morais; e não há como, no ambiente escolar, haver um controle rígido, “porque os seus efeitos transcendem as normas estabelecidas” (CANDIDO, 2011, p. 178). Segundo Candido, ela (a literatura) “não corrompe nem edifica, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o mal, humaniza em seu sentido profundo, porque faz viver” (CANDIDO, 2011, p. 178). A última frase do texto é emblemática, resumindo toda a importância da literatura para o ser humano enquanto ser social; ei-la: “Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável” (CANDIDO, 2011, p. 193).

Esse direito inalienável é de difícil alcance em razão dos altos valores cobrados pelos livros. Adentramos a segunda década do século XXI aparelhados

tecnologicamente. Cada aluno munido de seu aparelho celular exposto a um sem número de leituras que, se bem orientado, pode fazer um bom uso e até estimulá-lo à leitura do livro. Lajolo (2018) apresenta algumas considerações sobre esse universo digital. Para ela, o mundo digital provocou uma mudança considerável no meio literário por algumas razões que merecem reflexão:

> Em primeiro lugar, ele favorece formas alternativas, mais baratas e mais práticas de distribuição de textos. Bancos de textos e sites disponibilizam livros, jornais, revistas. De hoje, de ontem e de anteontem! [...]. O computador também favorece a produção de e-books, portáteis como este. Livros eletrônicos são ótimos, mas não são o fim do impresso (LAJOLO, 2018, p. 154).

Pensando que o livro impresso é mais caro, o professor pode se apropriar desse acesso mais fácil dos alunos alunos e promover leituras compartilhadas em rede para estimular o gosto pela leitura. Se o livro físico está distante do aluno, começa pelo uso do digital e vai formando o leitor até que ele atinja uma maturidade para a leitura do livro físico. E quando isso acontece, podemos pensar no termo letramento literário.

Cosson (2016), no livro *Letramento literário: teoria e prática,* mostra uma alternativa no enfretamento do problema que a leitura literária se tornou para a escola básica: o letramento literário, no intuito de repensar e redefinir as práticas de ensino de literatura enquanto disciplina escolar. Segundo o autor, “no exercício da literatura, podemos ser os outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e ainda assim, sermos nós mesmos” (COSSON, 2016, p. 17), o que mostra a importância da literatura na percepção do mundo através da linguagem. Essa capacidade de abstrair-se, de ver o mundo e os outros a partir de um olhar externo, é algo de suma importância no processo de humanização defendido por Candido, já explicitado anteriormente.

Por outro lado, a leitura literária, segundo Cosson, “não pode ser feita de forma assistemática e em nome de um prazer absoluto de ler. Ao contrário, é fundamental que seja organizada segundo os objetivos da formação do aluno, compreendendo que a literatura tem um papel a cumprir no âmbito escolar” (COSSON, 2016, p. 23), mostrando a importância do papel do professor como mediador das leituras realizadas na escola, com o objetivo de dar um norte ao processo de letramento literário do aluno; orientando, mas respeitando as suas escolhas.

Além disso, existe o problema da visão historiográfica do ensino literário. Acerca disso, Cosson diz o seguinte:

> Os que se prendem aos programas curriculares escritos a partir da história da literatura precisam vencer uma noção conteudística do ensino para compreender que, mais que um conhecimento literário, o que se pode trazer ao aluno é uma experiência de leitura a ser compartilhada (COSSON, 2016, p. 23).

Além disso, o autor cita alguns preconceitos que envolvem a leitura literária na escola: o de que os livros falam por si mesmos ao leitor, o de que ler é um ato solitário e o da impossibilidade de expressar o que sentimos na leitura dos textos literários (COSSON, 2016, p. 25-30); preconceitos que são desconstruídos pelo autor, o qual mostra a dimensão solidária e polifônica da leitura literária; ele também mostra que a análise é um elemento importante, e que o texto literário não é algo intocável e inacessível. Ademais, a seleção dos textos deve ser feita com base em três critérios: o não desprezo ao cânone, prezar pela atualidade dos textos, e não apenas em contemporaneidade, e a aplicação do princípio da diversidade, buscando o desconhecido através do conhecido (COSSON, 2016, p. 31-36). Acerca da atualidade dos textos, o autor diz o seguinte: “O letramento literário trabalhará sempre com o atual, seja ele contemporâneo ou não. É essa atualidade que gera a facilidade e o interesse de leitura dos alunos” (COSSON, 2016, p. 34). É também a partir dessa atualidade que o professor poderá trabalhar na busca de desenvolver o gosto do aluno pela leitura, considerando que a leitura do texto literário deve dispensar atividades avaliativas de caráter quantitativo e tomar por base o prazer que essa leitura pode e deve despertar no aluno e seguir, como defende Antunes (2009), a ideia de que,

> Ler textos literários possibilita-nos o contato com a arte da palavra, com o prazer estético da criação artística, com a beleza gratuita da ficção, da fantasia e do sonho, expressos por um jeito de falar tão singular, tão carregado de originalidade e beleza. Leitura que deve acontecer simplesmente pelo prazer de fazê-lo. pelo prazer da apreciação, e mais nada (ANTUNES, 2009, p. 200).

Nesse sentido, o professor deve estar investido de seu papel de leitor, para que as estratégias de leitura utilizadas para tal fim sejam atingidas de forma satisfatória. Se aqui escolhemos como estratégia de leitura o romance de ficção científica, temos, primeiramente, que nos apoderarmos, enquanto professor pesquisador, de conceitos

sobre essa forma de ficção para, em seguida, podermos proporcionar ao nosso aluno participante desta intervenção o usufruto desta leitura. Se a nossa intenção, enquanto professores, é formar leitores, então, acreditamos estar no caminho certo, proporcionando ao leitor novos horizontes de leitura, novos autores, pois,

> Formar-se como leitor é adquirir cultura literária, definir preferências de gêneros literários, de autores, ousar conhecer escritores desconhecidos, explorar temáticas inatuais, fazer um catálogo de "clássicos pessoais". [...] A literatura leva-nos à prática da inquietude. Uma inquietude positiva [...] porque não descamba no desânimo, e porque estimula o pensamento e a sensibilidade (PERISSÉ, 2006, p. 79 - 82).

Não podemos, portanto, pensar em formar leitores sem haver a fruição estética do texto literário sem a leitura direta das obras, e sem essa leitura direta a humanização através da literatura preconizada por Candido (2011) torna-se inviável. Nesse sentido, no intuito de melhorar a qualidade de leitura dos alunos, pensamos em desenvolver na sala de aula a leitura do romance, *A máquina do tempo* através de uma sequência básica, que foi elaborada pensando nas habilidades e competências dos alunos em sala de aula.

Seguindo o modelo da sequência básica de Cosson (2016), a mais adequada ao ensino fundamental (por isso escolhida para a presente intervenção) e aos estudos do texto literário por explorar as várias nuances da obra literária escolhida, serão trabalhadas suas quatro etapas, sempre pensando no prazer que a leitura irá proporcionar aos alunos.

A sequência básica de Cosson, constituída por quatro etapas, favorece a compreensão do leitor do texto literário porque promove o letramento literário como uma prática social, que tem a escola como essencial para o seu desenvolvimento saudável. Entendemos esse desenvolvimento saudável como forma de a escola se preocupar mais com a leitura do texto literário e menos com diacronicidade do mesmo. Ou seja, partir da valorização do texto literário, da sua linguagem plurissignificativa e das condições de produção de sentidos, objetivando um leitor que interage com o texto. Assim,

> [...] na escola é preciso compartilhar a interpretação e ampliar os sentidos construídos individualmente. A razão disso é que, por meio do compartilhamento de suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma coletividade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura (COSSON, 2016, p. 66).

Destarte, o letramento literário, através da sequência básica, para ser exitoso, deve prezar por uma sistematização necessária, que deve ser feita tendo em mente as diferentes formas de aprendizagem acerca do texto literário: a aprendizagem da literatura, a aprendizagem sobre a literatura e a aprendizagem por meio da literatura (COSSON, 2016). A SB deve ser pensada para se atingir principalmente a aprendizagem da literatura, tendo como protagonista o texto literário, o confronto direto com suas sutilezas.

Segundo Cosson (COSSON, 2016), os limites de interpretação da obra devem ser buscados na coerência da leitura realizada pelo aluno, e não nos preconceitos que perfazem a leitura estigmatizada imposta pela escola. Por essa razão, para que a presente intervenção obtivesse o êxito desejado, elaborei a sequência básica que se encontra em apêndice.

A sequência básica visa ao aprimoramento da intervenção, no sentido de que guiará o trabalho do professor em sala de aula. Desenvolvida a partir de oficinas, a intenção é assegurar a participação ativa dos alunos, bem como formar um banco de dados para leitura e análise por parte deste professor pesquisador. Os dados coletados serão analisados para compreendermos o grau de letramento em que se encontram os alunos, se houve avanço.

2.1 Ficção científica para desenvolver o gosto pela leitura

Ao refletirmos sobre que que temática literária poderia prender de imediato a atenção dos alunos, em sala de aula, a escolha recaiu na ficção científica por uma série de razões que passamos a elencar: a possibilidade de aguçar a imaginação criativa dos alunos, mostrar que a leitura de ficção científica liga-se a outras disciplinas e que é um dos temas preferidos do meio cinematográfico. Para Asimov[1] (1979), por exemplo, o estudo de Ciências deveria ser iniciado a partir da leitura de Ficção científica, ou seja,

> Em muitas estórias de ficção científica um princípio científico é deliberadamente destorcido, com a finalidade de tornar possível um

[1] Asimov, escritor e professor russo, um dos maiores da Ficção Científica produzida no século XX, publicou romances, contos e séries (Robôs, Império Galáctico, Luck Starr e Fundação). A Trilogia da Fundação, traduzida para o português, questiona o comportamento humano frente à ciência e faz previsões sobre uma era de trevas e barbárie.

> determinado enredo. É uma realização que pode ser conseguida com perícia por um autor versado em ciência ou de modo canhestro por um outro menos versado na matéria. Em ambos os casos, mesmo no último, a estória pode ser útil. Uma lei da natureza que é ignorada ou destorcida, pode suscitar mais interesse, algumas vezes, do que uma lei da natureza que é explicada. São possíveis os eventos apresentados na estória? Se não o são, porque não? E ao tentar responder a tal pergunta o estudante pode algumas vezes aprender mais a respeito de ciência, do que com uma série de demonstrações corretas feitas em sala de estudo (ASIMOV, 1979, p. 7).

Ou seja, esse tipo de literatura favorece questionamentos que se estendem para além da literatura, os quais podem ser mais interessantes e produzir mais conhecimentos que uma aula formal.

A literatura, desde suas origens, nunca prescindiu da capacidade de fabular a partir de elementos contrafactuais; na verdade, essa é uma de suas principais características. A inserção de ingredientes fantásticos é, desde a antiguidade, uma prática comum do texto literário, recriando a realidade a partir da linguagem: dos mitos ao romance pós-moderno, dos cantos tribais ao poema concreto, o elemento fantástico está fortemente atrelado ao conceito de literariedade[2]. Como nos diz Todorov,

> [...] a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano (TODOROV, 2009, p.23).

Apoiando-nos no pensamento de Todorov (2009), no que a literatura tem de bom a oferecer aos nossos alunos e nos ombros dessa tradição fantástica da literatura, qual seria a especificidade da ficção científica enquanto gênero autônomo?

Como acontece com frequência nas artes (e em quase todas as áreas do conhecimento), as tentativas de nomeação de determinada tendência estética tornam-se inevitavelmente imprecisas, pois é muito difícil encontrar uma palavra ou expressão que consiga sintetizar um espectro de autores tão diversos num único feixe de luz. Acerca disso Fiker (1985) diz o seguinte:

---

[2] Por literariedade, os formalistas russos, nas primeiras décadas do século XX, entenderam ser algo ligado ao modo como a obra literária se apresenta, a sua linguagem peculiar, ou como disse Eikenbaum, a "literariedade é o que faz de uma determinada obra uma obra literária" (EIKENBAUM, 1971, p.8).

> A questão do nome traz embutido o problema da definição: nomear é de certa forma definir. Por exemplo, se escolhemos um nome como "literatura de antecipação" – que é um dos muitos nomes alternativos propostos para a ficção científica – estamos definindo o gênero como relativo apenas ao futuro e limitando-o a um tipo específico de FC, quando um sem-número de histórias do gênero se passam no passado ou no presente, apresentando, por exemplo, passados ou presentes alternativos. Dessa forma, assim como ao nomear estamos definindo, definir, (...), seria limitar (FIKER, 1985, p. 10-11).

Historicamente, o termo ficção científica foi criado por Hugo Gernsback, no início do século XX, na revista Amazing Stories, revista pulp norte americana que publicava histórias de Júlio Verne, E. A. Poe e H. G. Wells (FIKER, 1985).

David Allen, no livro *No mundo da ficção científica*, apresenta-nos a seguinte definição:

> Ficção científica é um subgênero da ficção em prosa que é distinguida de outros tipos de ficção pela presença de uma extrapolação dos efeitos humanos de uma ciência extrapolada, definida em termos gerais, assim como pela presença de "engenhos" produzidos pela tecnologia resultante de ciências extrapoladas (ALLEN, 1974, p. 235).

Essa extrapolação pode manifestar-se sob diferentes formas, tendências narrativas que se transformaram em estereótipos do gênero: impérios galácticos (*Fundação* – Isaac Asimov), distopias (*1984* – George Orwell e *Admirável Mundo Novo* – Aldous Huxley), passados alternativos (*O Homem do Castelo Alto* – Philip K. Dick), cataclismos e apocalipses (Eu sou a Lenda – Richard Matheson e *Um cântico para Leibowitz* – Walter M. Miller), robôs e androides (*Eu Robô* – Isaac Asimov), entre outros. Partindo sempre de uma premissa retirada de uma hipótese científica extrapolada, os autores de FC nos fazem pensar nas consequências para a humanidade caso essas hipóteses se tornassem factuais.

Ray Bradbury, escritor americano de FC, certa vez afirmou: "Ficção científica é uma ótima maneira de fingir que você está falando do futuro quando, na realidade, está atacando o passado recente e o presente" (BRADBURY, 2012). Sendo assim, é um erro achar que a FC versa apenas sobre o futuro; o presente, com seus questionamentos, é o principal foco da FC.

Como qualquer gênero literário novo que surge, buscou-se traçar uma genealogia da FC, rastreando suas origens, desde a antiguidade, obras que

apresentassem elementos que mais tarde seriam caracterizadores da FC. Essa viagem através dos séculos pode trazer uma luz sobre o seu conceito.

No século II a. C., o filósofo grego Luciano de Samos escreveu uma obra intitulada *Vera Historia*, na qual é narrada a viagem de um navio que fica preso numa tromba e acaba indo parar na lua. Lá, ao enfrentar várias aventuras, os tripulantes da embarcação descobrem que o astro é habitado. Essa obra apresenta importância histórica para a FC pelo fato de o narrador fazer uma descrição técnica minuciosa do navio, o qual fora preparado para enfrentar a viagem, que duraria muitos dias. Além disso, há a descrição de um ambiente alheio ao conhecimento humano, a região dos astros, supralunar (LEONARDO, 2007).

No século XVII, em 1634, quatro anos após sua morte, o matemático e astrônomo alemão Johannes Kepler tem um livro lançado; a obra intitula-se *Somnium*, palavra latina que significa sonho, e narra uma viagem onírica à lua feita pelo próprio Kepler quando este era adolescente. Lá, faz a descrição de um ambiente hostil ao homem, com uma fauna lunar composta por criaturas horrendas. Esta história, nunca publicada em vida pelo cientista, é considerada por muitos a primeira história de FC, tendo influenciado autores como Júlio Verne e H. G. Wells; apesar de o escritor argentino Jorge Luís Borges tê-la classificado como literatura fantástica apenas. O fato é que a obra acabou se tornando uma referência no gênero FC.

Apesar de as obras acimas mencionadas apresentarem elementos que mais tarde fariam parte das características da FC, ainda não havia nessas obras um componente que é a peça chave para entender a especificidade da FC: a especulação a partir de uma hipótese científica transformada em realidade factual através de um olhar verossimilhante. É no século XIX que encontraremos autores que estabelecerão as bases para o nascimento da FC enquanto gênero literário, o que ocorrerá somente no início do século XX, nos Estados Unidos.

Os grandes avanços científicos, além da revolução industrial em curso desde meados do século XVIII, primeiro na Inglaterra e depois espalhada pelo continente europeu, fizeram com que a ciência e as suas derivadas tecnologias passassem a ser um assunto comum na Europa do início do século XIX. Esse ambiente propício fez surgir escritores que empreenderam em suas obras profundas reflexões acerca das possibilidades e limites da ciência, além de estabelecer arquétipos que fariam parte do imaginário da FC.

No ano de 1816, aos 19 anos, Mary Wollstonecraft Shelley escreve um livro que é hoje por muitos apontada como a primeira obra de Ficção Científica: *Frankenstein ou o Moderno Prometeu*. Apoiado na hipótese científica do galvanismo, "possibilidade de recriar-se vida a partir da eletricidade" (LACERDA, 2004), o livro conta a história do doutor Victor Frankenstein, cientista que cria um monstro em seu laboratório. A criatura, ao tomar consciência de si própria enquanto ser vivo e pensante, revolta-se contra o seu criador, e passa a engendrar uma vingança contra o mesmo. Apesar de ser também classificada como terror gótico, essa obra apresenta elementos que podem inseri-la no gênero FC, como o fato de ela ter sido idealizada a partir de uma ideia científica em voga na época (o galvanismo) e tê-la mostrada como factual; outro elemento muito importante é o questionamento ético que a obra impõe sobre os limites da ciência. Além disso, a obra apresenta dois arquétipos que se tornarão clichês no gênero: a figura do cientista louco e da criatura que se volta contra o seu criador.

Outro escritor que contribuiu para o estabelecimento da FC enquanto gênero literário foi o americano Edgar Allan Poe. Nascido em Boston, Massachusetts, em 1809, ele é um dos escritores mais influentes da literatura, por ser um ponto de convergência de diferentes vertentes literárias, como o horror gótico, a literatura policial, além da própria FC. Alinhado com as descobertas científicas de sua época, principalmente sobre os ainda nascentes estudos sobre o inconsciente humano, preocupou-se com o aspecto verossimilhante de suas obras, no intuito de fazer com que o leitor compactua-se com a história contada. Exemplo disso é o conto *O embuste do balão*, publicado em 1844. O conto narra uma suposta travessia feita com um balão através do oceano atlântico. Apesar do título denunciador, o conto foi escrito de forma a parecer um relato jornalístico, o qual fez com que muitas pessoas acreditassem ser verdade, num exemplo de *fake News* em pleno século XIX. O que é importante citar com essa narrativa é o fato de Poe ter feito uma minuciosa descrição do balão em seus pormenores técnicos para dar verossimilhança à estória, característica que seria levada às últimas consequências pelo próximo escritor dessa lista de precursores da FC: Júlio Verne.

Outra importante obra de Poe no gênero FC é o conto *Hans Pfaall – Uma aventura sem paralelo* (1835); nessa história, é narrada uma viagem à lua feita por um aventureiro chamado Hans Pfaall. O grande mérito de Poe, em suas narrativas, para o desenvolvimento da FC foi impor "um equilíbrio dialético entre

ciência e magia, entre racionalismo e fantasia mística, que é (...) o determinante da FC como expressão histórica de escrita" (ROBERTS, 2018, p. 205). Em suma, temos em Poe um salto evolutivo na história da FC, porque enquanto Mary Shelley, ao redigir os elementos fantásticos de *Frankenstein*, "adota um tom de voz sublime, tenso, de um gótico elevado" (ROBERTS, 2018,p. 210), Poe escreve sobre esses elementos fantásticos em suas narrativas "da maneira mais prosaica possível" (ROBERTS, 2018, p. 210).

Passamos agora para uma figura que é tida como central na história da FC: o francês Júlio Verne. Nascido em 1828, incorporou como poucos o ideal positivista do século XIX, escrevendo obras que aliavam narrativas envolventes com as grandes conquistas científicas da época. Visionário, sua imaginação conseguiu antecipar inventos que só viriam anos depois, como o submarino, máquinas voadoras, além da viagem à lua. De sua vastíssima obra, concentrar-me-ei em duas: *Da terra à lua e Vinte mil léguas submarinas*. Estas são consideradas por Ana Maria Machado como seus melhores livros, os quais ainda hoje prendem a atenção de muitos leitores. Para Machado (2009, p. 88), Verne era,

> Dotado de uma imaginação que o fez se lançar pelos caminhos da aventura misturada com elementos fundadores da ficção científica, esse autor francês empolgou gerações de leitores, mas suas qualidades tinham mais a ver com as peripécias e situações do enredo.

Publicado em 1865, *Da terra à lua* (terceira das *Voyage Extraordinaire*, série de obras que tinham o intuito de fazer um apanhado geral dos conhecimentos científicos até meados do século XIX), narra o plano de alguns veteranos da guerra civil americana de lançar um projétil tripulado à lua através de um imenso canhão. A trama concentra-se nos preparativos da viagem, com muitos cálculos matemáticos e informações científicas acerca do referido astro. Alguns pontos merecem destaque nessa obra: ao invés de um cientista solitário num quintal, Verne mostra que uma empreitada dessas só seria possível através de um grandioso projeto de engenharia, com a despesa de milhões; além disso, o lançamento do projétil de Verne guarda inúmeras semelhanças com a missão dos EUA que levou a primeira nave tripulada à lua, um século depois. Verne utiliza em sua obra conceitos retirados de muitas ciências, como a física, geografia, balística e etc e, a partir dessa matéria prima, dá um passo além, extrapolando uma hipótese contrafactual (a ida à lua) e suas

consequências.

O romance *Vinte mil léguas submarinas,* publicado em 1870, mostra as aventuras daquele que é o personagem mais conhecido de Júlio Verne, o enigmático Capitão Nemo, num universo até então desconhecido para a maioria das pessoas: o fundo do mar. Com a sua característica erudição, Verne mostra a riqueza da fauna e flora dos oceanos com uma riqueza de detalhes até então nunca vista, retratando o ecossistema marinho de forma taxionômica; além disso, a descrição do *Nautilus,* o submarino, está entre as melhores páginas já escritas de FC *hard.* Acerca dessa obra, David Allen (1974, p. 41) diz o seguinte:

> [...] o que Júlio Verne está tentando fazer em *20.000 léguas submarinas* é tornar o leitor um participante no processo de descoberta científica, mostrando-lhe o eu já foi descoberto e sugerindo muitas coisas que ainda devem ser descobertas. Para Verne, a ciência e suas descobertas eram empolgantes, e ele tentou divulgar uma sensação disto a seus leitores.

Para muitos jovens do século XIX, os livros de Júlio Verne eram a porta de entrada para o universo da ciência que, mesclado a enredos irresistíveis, tornava esse universo digerível a um público juvenil que descobria assim as maravilhas do progresso tecnológico no auge da euforia positivista da época.

Apesar de atualmente a literatura coexistir com outras mídias e canais através dos quais o conhecimento é veiculado, acreditamos que a literatura de FC tem o poder de gerar reflexões profundas em relação à ciência e seus limites. Tendo como ponto de partida alguma hipótese científica extrapolada, a literatura de FC permite ao leitor vislumbrar as consequências que essa hipótese, mostrada como factual, traz para os personagens inseridos nesse universo ficcional. Trazer essa possibilidade ao aluno, de refletir sobre a condição humana a partir da ciência, é um dos benefícios que a FC pode trazer. Além disso, a FC permite mostrar de forma lúdica a interconexão existente entre os diferentes ramos do conhecimento, contribuindo assim para a interdisciplinaridade, tema tão recorrente nas escolas.

De forma semelhante ao que se deu na FC a nível geral, no Brasil também procurou-se traçar uma genealogia que buscasse no passado autores que de algum jeito fabularam a partir de elementos que viriam a caracterizar a FC. Por se tratar de um gênero que historicamente só se desenvolveu nos grandes centros urbanos industrializados, onde o debate acerca da ciência e suas tecnologias ganhava fôlego, as primeiras obras estritamente de FC só aparecem no Brasil a partir da

década 30 do século XX, com o processo de industrialização do eixo Rio – São Paulo.

Assim, nessa procura por precursores, ainda no século XIX, as figuras de Machado de Assis e Aluísio de Azevedo são apontadas como pioneiras da FC brasileira.

O conto *O Imortal,* de Machado de Assis, de 1882, narra o encontro do médico Dr. Leão com dois amigos. Nessa ocasião, o médico afirma que seu pai, Rui de Leão, adquiriu o dom da imortalidade através de um elixir dado a ele por um líder indígena. A partir daí, é narrada aos amigos as aventuras centenárias de seu pai. Dois pontos merecem destaque: primeiro, o autor especula acerca da imortalidade como algo crível, possível; segundo, o elixir é tratado como uma substância química como propriedades homeopáticas (A homeopatia ainda era algo novo no Brasil e, portanto, pouco conhecida).

Aluísio de Azevedo, autor ligado à corrente naturalista brasileira, escreve, em 1893, um conto chamado *Demônio,* mostrando a cidade do Rio de Janeiro debaixo de trevas. Nesse cenário, o narrador em primeira pessoa vai à procura de Laura, sua amada. Narrativa de cunho fantástico e gótico, o conto trabalha temas como o fluxo temporal e grandes cataclismos, numa linguagem carregada de termos científicos, característica do autor em toda a sua obra naturalista.

No início do século XX alguns autores brasileiros se aventuraram em livros cujas características se enquadram na FC, como Monteiro Lobato (*O presidente Negro*), Menotti Del Picchia (*Kalum, Kamonka e A Filha do Inca*) e Érico Veríssimo (*Viagem à Aurora do Mundo*). São autores que fazem parte do Cânone brasileiro, mas que não são conhecidos como escritores de FC. O próprio termo Ficção Científica só ganha relevo, aqui no Brasil, no final dos anos 50, disputado, até então, com outros termos como ciência-ficção e fantasciência (CUNHA apud ALLEN, 1974).

É somente no fim dos anos 30 e início dos anos 40 que surgem escritores brasileiros genuinamente de ficção científica. Nessa época surgem nomes como Jerônimo Monteiro (*Estação Alfa, Três Meses no Século 81*), Rubens Teixeira Scavone (*O Homem que viu o Disco Voador, degrau para as estrelas*), Fausto Cunha (*As noites marcianas*), André Carneiro (*O Homem que Adivinhava, Piscina Livre*) e Dinah Silveira de Queiroz (*Eles herdarão a terra*). Esses escritores têm uma importância histórica digna de nota, por serem os primeiros a escrever autêntica FC no Brasil. São também chamados de a “Geração GRD”, por conta do editor

Gumercindo da Rocha Dórea. Outros nomes surgidos mais recentemente merecem destaque, como Jorge Luiz Calife, Roberto de Souza Causo e Bráulio Tavares. A FC brasileira, semelhantemente ao que ocorre na FC estrangeira (aqui até mais do que lá fora), ainda sofre do estigma de ser tratada como literatura menor, feita para crianças e adolescentes, apesar do imenso sucesso que o gênero alcançou em outras mídias, como o cinema e os quadrinhos. Todavia, vimos que muitos autores canônicos, brasileiros e estrangeiros, dedicaram-se ao gênero.

2.2 A máquina do tempo: autor e obra

Sobre a narrativa de ficção científica, Bráulio Tavares diz o seguinte:

> Cada narrativa de ficção científica nos mostra, por baixo das aventuras que conta e dos ambientes que descreve, uma tensão permanente entre o conhecido e o desconhecido. Em termos de enredo, isso se manifesta muitas vezes através da chegada de um personagem estranho em nosso mundo, ou da viagem de um de nós a um espaço (ou tempo) diferente do nosso. Tais situações forçam os personagens (e o leitor) a se depararem com situações "além da imaginação", nas quais ele é obrigado a identificar, prever e controlar fenômenos inexplicáveis [...] (TAVARES, 1986, p. 17).

Para aplicarmos a nossa intervenção nos valemos de uma obra que se aplica à descrição feita acima, por Tavares (1986). Aqui será feito um esboço biográfico de H. G. Wells, além de um resumo do enredo da obra *A máquina do tempo*, para que possamos compreender melhor como se desenvolveu a sequência básica preparada, de onde iremos colher os dados de análise de nossa pesquisa.

Herbert George Wells nasceu em Bromley, Inglaterra, no ano de 1866. Oriundo de uma família de classe média baixa, fez seus estudos primários numa escola particular de Bromley, para depois estudar Biologia no Royal College of Science, onde foi aluno de Thomas Huxley, importante cientista da época e defensor das teorias de Charles Darwin. Seus biógrafos apontam um fato ocorrido na sua infância que influenciaria muito a sua futura vida de escritor: aos sete anos de idade, sofre um acidente e quebra a sua perna; foi durante esse período de recuperação que ele teve seus primeiros contatos com os livros. Esse fato, segundo Wells, foi decisivo na sua formação leitora: "Esse tombo foi uma das maiores felicidades de minha vida" (WELLS apud ALDISS 2016). Antes de se tornar escritor, Wells ainda trabalhou como professor, além de ter sido aprendiz têxtil.

Começa sua carreira literária como romancista em 1895, aos 29 anos, com o livro *A máquina do tempo*. Obra pioneira do gênero ficção científica, é considerada a primeira a tratar o tema da viagem no tempo. Ao lado de Mary Shelley e Júlio Verne, é considerado um dos principais precursores da ficção científica, unindo as duas grandes obsessões de sua vida: a escrita e a ciência. Num período de aproximadamente dez anos, publica livros que se tornariam clássicos do gênero, como *A Ilha do Dr. Moreau* (1896), *O Homem Invisível* (1897), *A Guerra dos Mundos* (1898) e *O Alimento dos Deuses* (1904). Aliando especulação a partir de hipóteses científicas e grande capacidade imaginativa, Wells, na contramão do positivismo reinante no final do século XIX, mostra o lado sombrio e o impacto social das consequências das conquistas científicas para a humanidade. Para Léo Godoy Otero “Wells é um pessimista clássico. Não deseja acreditar que a grande técnica, a cujo nascimento assiste, vá provocar, realmente, modificações cabais na estrutura mental do homem” (OTERO, 1987, p. 74).

Estudioso de variadas áreas do pensamento humano, Wells foi um dos escritores mais prolíficos de seu tempo, obtendo grande estima e reconhecimento de seus pares ainda em vida. Escreveu mais de cem livros, “debatendo questões como a evolução, a superpopulação, a educação e o aperfeiçoamento da humanidade” (ALDISS, 2016). Wells faleceu no dia 13 de agosto de 1946, aos 79 anos, em Londres.

Tratamos agora do enredo do livro, *A Máquina do Tempo* (1895), obra que será trabalhada na sequência básica desta intervenção. O livro narra a história de um cientista inglês chamado de Viajante do tempo. Numa das visitas de seus amigos, ele discorre acerca de suas ideias sobre a quarta dimensão, o tempo. Nessa mesma noite mostra um artefato em miniatura que, segundo o Viajante do tempo, trata-se de um protótipo de uma máquina do tempo em pequena escala; coloca-a em funcionamento na frente dos incrédulos convidados. Após isso, ele mostra aos presentes a máquina original e marca uma outra reunião para a outra semana.

Na noite da reunião anteriormente marcada, as pessoas presentes aguardam a chegada do Viajante em sua casa. Quando o anfitrião chega, os convidados ficam perplexos com a aparência do Viajante: roupas rasgadas, com ferimentos pelo corpo e semblante cansado. Depois de se recompor e fazer sua refeição, o Viajante pede para não ser interrompido. Assim, ele inicia, diante de uma plateia atônita, o relato de sua viagem através do tempo.

Assim, o viajante do tempo começa a narrar sua viagem ao ano 802.701. Ele descreve o lugar: muita vegetação, alguns prédios decadentes distribuídos de forma esparsa e uns habitantes pequenos e inofensivos chamados de Elois. Um misto de admiração e estranheza invade a mente do viajante, pois aquele era um futuro bem diverso do que sempre fora imaginado por ele.

Após esse contato inicial, o Viajante põe-se a explorar esse mundo novo. Salva um dos Elois de um afogamento, travando após isso amizade com esse ser, chamado Weena. Entretanto, o inesperado acontece: a sua máquina do tempo desaparece. A partir desse fato, ele começa a vislumbrar a verdade daquele lugar aparentemente tão pacífico e idílico. Percebe que os Elois não são os únicos habitantes desse lugar; existem outros seres, os Morlocks, que habitam a parte subterrânea, num habitat bem diferente daquele dos Elois. O viajante desce ao mundo subterrâneo dos Morlocks, só escapando com muito sacrifício. Ele percebe que os Morlocks não gostam da luz, portanto era por isso que eles só eram vistos na superfície nas noites sem lua. Faz uma descoberta terrível, a de que os Morlocks se alimentam da carne dos Elois, os quais eram como gado que serviam de alimento para eles.

O viajante chega à conclusão de que foram os Morlocks que capturaram a sua máquina do tempo, escondendo-a no interior de uma esfinge. Resolve resgatá-la para poder voltar para a sua era. Vai em busca de armas para poder enfrentar os Morlocks, encontrando-as num museu em ruínas; consegue fósforos, cânfora e uma alavanca. No seu retorno, ele e Weena são atacados pelos Morlocks, havendo um enorme incêndio provocado por ele mesmo, o que acaba o salvando; mas Weena não tem a mesma sorte, desaparecendo em meio às chamas.

Voltando à esfinge, descobre que a porta, antes trancada, estava agora aberta, com a máquina no seu interior. Ao entrar, percebe que era uma armadilha dos Morlocks para pegá-lo; luta com os monstros, conseguindo subir na máquina e acioná-la, indo para milhares de anos no futuro. Chegando nessa era, observa uma terra bem diferente; o sol com um aspecto diferente e criaturas estranhas, como um caranguejo gigante. A criatura tenta pegá-lo, mas o Viajante aciona a máquina e avança ainda mais para o futuro. Nesse futuro extremo, quase mais nada resta, a terra havia se transformado num lugar inóspito, impróprio par a vida. Enfim, após observar o ocaso do planeta, o Viajante do tempo volta para a sua era.

Ao concluir o seu relato, o Viajante viu-se diante de uma plateia abismada

com tal história, fantástica e inverossímil. Incrédulos, os convidados se despendem do anfitrião, impressionados com a narrativa.

No dia seguinte, o narrador da história, que estava presente em todos os encontros anteriores, retorna à casa do Viajante do tempo, mas o mesmo não estava. O narrador hesita em acreditar nessa história de viagem no tempo, acreditando que tudo não passou de uma criação da fértil mente de seu colega. Todavia, fica espantado com o fato de o Viajante do tempo ter sumido junto com a sua máquina. Voltamos assim ao presente narrativo, em que o narrador, três anos após os acontecimentos, relembra os fatos e afirma que o Viajante do tempo ainda está desaparecido.

Para além dos elementos que extrapolam a logicidade real, a ficção científica, como podemos perceber pelo enredo da obra escolhida para leitura em sala de aula, exibe um encontro de personagens discutindo sobre problemas humanamente possíveis e duvidando de outros. E, por mais que *A máquina do tempo* esteja longe, cronologicamente falando, dos nossos alunos, ela contemporaniza-se pela leitura, porque

> A ficção científica traz assuntos contemporâneos muito ricos em conceitos ligados às ciências naturais. Esse tipo de literatura, porém, não trata apenas de ciência, mas também das relações humanas: A ficção científica isto deve ser claramente entendido, não é ficção sobre ciência. É sobre pessoas, como é toda ficção – apesar de que nesse caso especial, elas podem bem não ser humanas – beneficiadas ou afligidas pelo impacto das mudanças técnicas. (BRUNNER apud SOUZA, GOMES; PIASSI, p. 14, 2012).

Dentro desse universo ficcional a nossa intervenção fluiu, gerando dados de análise a partir da leitura desenvolvida pelos alunos no decorrer das oficinas. O quanto de valioso para o crescimento dos alunos como leitores será apresentado no capítulo que analisa os dados colhidos.

CAPÍTULO III

3 APORTES METODOLÓGICOS: CONSTRUINDO O TEMPO DA LEITURA

> Do ponto de vista metodológico, a melhor maneira para se captar a realidade é aquela que possibilita ao pesquisador “colocar-se no papel do outro”, vendo o mundo pela visão dos pesquisados.
>
> Arilda Schmidt Godoy

Neste capítulo, abordamos o passo a passo de nossa intervenção: o tipo de pesquisa, os envolvidos na pesquisa e a Sequência Básica a ser aplicada, seguindo o modelo de proposto por Rildo Cosson (2016). Os dados obtidos serviram de corpus para atingirmos os resultados analíticos da pesquisa que intenta responder se a leitura da ficção científica é estímulo para a leitura literária.

3.1 A pesquisa-ação

A pesquisa-ação insere-se no horizonte das ciências sociais como uma alternativa à rigidez positivista dos métodos convencionais de observação empírica, os quais dão grande atenção à quantificação dos dados coletados, bem como a não interação entre pesquisador e seu objeto de estudo. Por outro lado, a pesquisa-ação abre espaço ao diálogo entre pesquisador e os membros participantes da pesquisa, além de dar uma maior ênfase ao caráter qualitativo e argumentativo na análise dos dados. Alguns veem nela um rebaixamento do ideal da neutralidade científica mediante a interação entre o pesquisador e os outros participantes da pesquisa; postura essa justificada pelo fato de que na pesquisa convencional haver pouco espaço para a argumentação, para o posicionamento do pesquisador em face dos dados obtidos através da sua atuação empírica. Esse é um tipo de pesquisa que faz uma espécie de simbiose entre o cientista e seu objeto de estudo, permitindo que ele tenha uma visão privilegiada do fenômeno analisado e, por essa razão, aplica-se muito bem à Educação e, consequentemente, aos propósitos da presente intervenção.

Apesar de também levar em consideração aspectos teóricos, a pesquisa-ação é de caráter eminentemente empírico, “da pesquisa voltada para a descrição de situações concretas e para a intervenção ou a ação orientada em função da resolução de problemas efetivamente detectados nas coletividades consideradas”

(THIOLLENT, 1986, p. 09). Sendo assim, é a partir da vivência do professor em sala de aula, da identificação dos problemas enfrentados pelos alunos, que a pesquisa-ação é válida no intuito de solucionar tal problema através da intervenção pedagógica. E foi dessa forma, na labuta diária em sala de aula, que foi identificada a deficiência de leitura dos alunos.

Apesar de sua flexibilidade, a pesquisa-ação, por se tratar de um método acadêmico, não prescinde de um certo rigor científico. No entanto, ela deve "evitar, de um lado, o tecnocratismo e o academicismo e, por outro, o populismo ingênuo dos animadores" (THIOLLENT, 1986, p. 20). Portanto, é nessa posição híbrida, num lugar virtual entre o senso comum e o positivismo científico, que a pesquisa ação encontra seu universo de atuação, no intuito de compreender o fenômeno estudado a partir do diálogo direto com os participantes da pesquisa, da análise dos dados e sua interpretação, para assim encontrar possibilidades de soluções para o problema. No que diz respeito às formas de raciocínio, a pesquisa-ação privilegia os aspectos dialógicos e argumentativos, deixando em segundo plano o caráter lógico dedutivo, o que não quer dizer falta de rigor, pois "não há pesquisa sem raciocínio. Quando não queremos pensar, raciocinar, conhecer algo sobre o mundo circundante, é melhor não pretendermos pesquisar" (THIOLLENT, 1986, p. 28); até porque a descrição axiomática dificilmente é alcançada de modo satisfatório nas ciências sociais, podendo chegar ao ponto de haver a distorção dos dados no intuito de enquadrá-los em um modelo formal e quantitativo ineficaz na compreensão da pesquisa, "pois na área de ciências sociais (e humanas) nem todas as variáveis são quantificáveis" (THIOLLENT, 1986, p. 34). Dessa forma, o pensar racional acerca do problema sempre começa com o diálogo, com a interação entre os coparticipantes. Por consequência, o professor pesquisador, no contato com os alunos, deve levar em consideração seus anseios, ouvi-los, para, a partir disso, desenvolver sua pesquisa.

Assim, o papel do professor pesquisador, enquanto mediador no processo de ensino e aprendizagem, ocupa lugar de suma importância na compreensão dos problemas relativos à sala de aula, seja no diálogo, seja na coleta e análise dos dados empíricos obtidos ou na interpretação do fenômeno estudado e sua consequente solução. A pesquisa-ação coloca os participantes no mesmo eixo de busca pelo conhecimento, em parceria, e vai de encontro ao que diz Pilati (2017) em relação ao professor enquanto mediador, cujo papel é não entregar leituras prontas,

mas “estimular a inquietação, a curiosidade, a formulação de interrogações, convidando os alunos a partilharem de uma imersão em um ‘jogo’, que é o texto literário” (PILATI, 2017, p. 59).

A partir dessas considerações, este trabalho pretende, utilizando-se do método da pesquisa-ação, abordar a problemática do desinteresse dos alunos pelas leituras que são oferecidas a eles no contexto escolar, partindo da ideia de que o gênero ficção científica pode ajudar na ressignificação da forma como os alunos veem o texto literário, oportunizando uma experiência de leitura prazerosa para os mesmos.

O objetivo da pesquisa-ação “consiste em resolver ou, pelo menos, em esclarecer os problemas da situação observada” (THIOLLENT, 1986, p. 16). Dessa forma, este trabalho não tem a pretensão de reverter totalmente o baixo índice de leitura dos estudantes envolvidos na pesquisa, pois o processo de letramento é algo que perdura durante toda a vida do aluno. Entretanto, acreditamos que proporcionando experiências de leitura para os alunos, eles possam ressignificar o ato de ler o texto literário na escola, tendo o gênero ficção científica como elemento catalizador para a leitura prazerosa. Além disso, a intervenção proposta por este trabalho pode permitir que se olhe o fenômeno sob outros pontos de vista, identificando nuances não percebidas no cotidiano de sala de aula.

Cabe aqui aliar, à pesquisa-ação, a pesquisa qualitativa, cuja essência ratifica a primeira, no sentido de que lida também com essa relação entre pesquisador e pesquisado, no sentido de buscar a construção do conhecimento. Ou seja, há um envolvimento do pesquisador que merece ser considerado, uma vez que a preocupação aqui é a de que, ao final, os alunos demonstrem uma proficiência leitora em relação ao pretendido. Ao ser tomada a obra de Wells para leitura, o pesquisador transformou num estudo de caso de base interpretativista, considerando o que Moita Lopes diz: “o significado não é o resultado da intenção individual, mas de inteligibilidade interindividual” (MOITA LOPES, 1994, p. 331). Nesse sentido, ao longo das oficinas percebemos esse significado sendo construído à medida em que a leitura vai avançando. E mesmo que cada um apresente sua compreensão individual de leitura, a partilha dessa compreensão passa a ampliar os sentidos, rumo a uma interação ou integração destes.

3.2 O lugar pesquisa

Etapa necessária em qualquer pesquisa de caráter empírico, a observação do lugar da pesquisa e sua consequente descrição tem o mérito de permitir o vislumbre das variáveis em ação no seu próprio habitat, permitindo ao pesquisador uma visão privilegiada do meio social ao qual fazem parte os seus participantes. Entender esse contexto social é um passo basilar no enfrentamento do problema detectado pelo pesquisador, que busca, através do método da pesquisa ação, alternativas para reverter tal problemática. Sendo assim, escolhemos uma escola municipal de São Pedro/RN para ser o lócus da investigação proposta, a qual será o palco do fenômeno observado.

A referida escola se localiza na comunidade de Lagoa de Fora, Município de São Pedro, RN, CEP. 59.480-000, próximo a RN 203. A mesma ainda não tem registro de autorização para funcionamento, mesmo assim oferece a Educação Básica nos níveis de Ensino Infantil e Ensino Fundamental (1º ao 9º ano), funcionando de segunda à sexta-feira nos turnos matutino e vespertino, atendendo crianças e adolescentes das comunidades vizinhas, cujos pais sobrevivem, em sua grande maioria, da agricultura familiar e de programas de políticas sociais.

A citada escola possui em sua estrutura física 06 (seis) salas de aula, 01 (uma) sala improvisada com uma pequena biblioteca, sala dos professores, 03 (três) banheiros, sendo 01 (um) para o corpo docente da Escola e 02 (dois) para o uso dos discentes. Há 01 (uma) cozinha, 01 (uma) sala onde funcionam a diretoria e despensa dos materiais de limpeza e pedagógico, além de um pequeno espaço para recreação.

Quanto ao corpo de profissionais, a referida escola possui os seguintes profissionais: 01 (um) Gestor, 01 (uma) Coordenadora Pedagógica, 01 (uma) Coordenadora Administrativa, 01 (uma) secretária, 11 (onze) Professores, sendo 02 (dois) do Ensino Infantil, 09 (nove) do Ensino Fundamental, e 06 (seis) Auxiliares de Serviços Gerais.

3.3 Os participantes da pesquisa

Nesta seção serão apresentados os participantes da pesquisa: a turma do 9º ano e da figura do professor pesquisador, imerso no ambiente empírico da pesquisa.

Os participantes da pesquisa são alunos do 9º ano do ensino fundamental II; essa turma é composta por 16 alunos, todos moradores da zona rural do município de São Pedro; sendo, em sua maioria, adolescentes, com a idade média de aproximadamente 15 anos. São jovens provenientes de famílias de baixa renda e pais com pouca escolarização, que cresceram num contexto em que não há incentivo à leitura literária. A escola possui uma pequena biblioteca, com aproximadamente 200 títulos; não obstante, a falta de motivação da gestão e dos professores em propiciar situações de leitura prazerosa e significativa aos alunos é mais um aspecto relevante nesse quadro desfavorável.

Redes sociais, música pop (principalmente funk, hip hop e forró) e aplicativos de jogos para smartphone estão entre os seus principais interesses. Por outro lado, experiências de leitura realizadas nessa turma mostram que, com planejamento, é possível realizar estratégias de leitura que favoreçam o letramento literário dos alunos. É, portanto, promissora, uma intervenção pedagógica através do letramento literário com o intuito de alavancar o gosto pela leitura, usando o gênero ficção científica como artefato catalizador.

Enquanto professor-pesquisador, usei o método da pesquisa-ação a partir da sequência básica de Cosson (2016), permitindo-me sair da zona de conforto às avessas, de um círculo vicioso que se perpetuou ao longo de alguns anos de minha atividade docente, o que gerou em mim uma inércia profissional que fez com que eu me acomodasse e não tentasse meios de reverter um contexto desfavorável ao incentivo de leituras que fossem significativas para os alunos. Destarte, ter a oportunidade de rever meus conceitos e métodos de trabalho dá-me condições para mudar minha conduta, e assim ajudar a reverter esse quadro desfavorável, obtendo com isso um rendimento mútuo de ensino-aprendizagem.

Como integrante e colaborador da pesquisa, minha trajetória de vida até chegar à docência me dá condições de entender a capacidade humanizadora da leitura literária. Órfão de mãe aos treze anos, tive que morar em muitos lares durante minha adolescência. Assim, em meio às dúvidas e angústias que essa fase traz junto, passei por muitas dificuldades; todavia, superei-as. Depois de alguns anos, refletindo acerca disso, percebi que a literatura me acompanhou durante todo esse tempo, nos momentos tristes e alegres; os ensinamentos que os livros me deram ajudaram-me a ser o que sou hoje, e tenho plena convicção de que sem eles minha vida seria muito diferente; não sei se melhor ou pior, mas com certeza menos

humana; seria um professor insensível, o que por si só já é algo terrível.

Enfim, Apesar das dificuldades que encontramos ao longo dos caminhos da docência, do contexto muitas vezes desmotivador e estressante, a ideia que move este trabalho, do uso da literatura de ficção científica como disparador do gosto pela leitura mostrou-se promissor, tendo em vista o bom relacionamento dos alunos comigo, enquanto professor mediador e as experiências de leitura passadas, nas quais eles se mostraram receptivos e dispostos.

3.4 Sequência Básica: construindo a máquina do tempo da leitura

As oficinas que se desenvolveram ao longo da intervenção consideram o pensamento de Cosson (2016), para quem, professores e alunos precisam caminhar juntos na busca de construírem os sentidos do texto literário, ou seja, o entendimento aqui é o de que o letramento literário é uma construção solidária onde,

> Professores e alunos que desejarem compartilhar esse caminho talvez descubram que a prática do letramento literário é como a invenção da roda. Ela precisa ser inventada e reinventada em cada escola, em cada turma, em cada aula. Nessa reinvenção do mesmo, que não se faz sem oposição, como na fábula, o ensino de literatura passa a ser o processo capaz de dialogar no tempo e no espaço com sua cultura, identificando, adaptando ou construindo um lugar para si mesmo (COSSON, 2016, p. 120).

Vendo esse letramento como um processo que se constrói ao longo do tempo e, no intuito de melhorar a qualidade de leitura dos alunos, pensamos em desenvolver na sala de aula a leitura do romance *A máquina do tempo* através de uma sequência básica, que foi elaborada pensando nas habilidades e competências dos alunos em sala de aula. Seguindo o modelo da sequência básica de Cosson (2016), a mais adequada ao ensino fundamental (por isso escolhida para a presente intervenção) e aos estudos do texto literário por explorar as várias nuances da obra literária escolhida, serão trabalhadas suas quatro etapas, sempre pensando no prazer que a leitura irá proporcionar aos alunos.

A sequência básica de Cosson (2016) é composta por quatro passos: motivação, introdução, leitura e interpretação; e organiza-se da seguinte forma: a motivação prepara o aluno para o texto lido. Na introdução faz-se a apresentação do

autor e da obra, para então justificar-se o porquê de se usar tal obra, elencando aspectos que motivaram a escolha. Por conseguinte, a leitura será feita com intervalos, conversando com os alunos acerca do andamento da história, além de atividades mais específicas, como a leitura de outro texto menor com a mesma temática e a leitura de alguns capítulos da obra estudada. A interpretação, por sua vez, na perspectiva do letramento literário, deve ser pensada em dois momentos, um interior e outro exterior; a primeira, de caráter individual, é a leitura de fato por parte do aluno, para apreensão global da obra; já a segunda, de caráter coletivo, é construção conjunta dos sentidos do texto, com o compartilhamento das interpretações.

Como instrumental para geração de dados, a SB faz uso de rodas de conversa e de exemplares de textos escritos pelos alunos (linha do tempo e conto de FC). A Sequência Básica abaixo resumida no quadro abaixo e apresentada no apêndice direcionou o percurso de leitura, sempre atento aos objetivos traçados desde a introdução. Enquanto professor, quero que meus alunos leiam, que encontrem na leitura os motivos para torná-la um hábito; enquanto pesquisador, quero saber se a leitura que ofereci a meus alunos gerou os efeitos desejados. Desse modo, os próximos capítulos tratarão dessas verificações, apresentando o desenrolar da intervenção e, posteriormente, a análise dos dados colhidos.

OFICINA 1: MOTIVAÇÃO	
Tempo estimado	2 aulas
Objetivo	Refletir acerca do conceito de tempo
Temática	Contagem regressiva para a leitura
OFICINA 2: MOTIVAÇÃO	
Tempo estimado	2 aulas
Objetivo	Criar uma linha de tempo imaginária
Temática	Cronologia dos sonhos
OFICINA 3: INTRODUÇÃO	
Tempo estimado	2 aulas
Objetivo	Conhecer o gênero FC Ter o primeiro contato com o livro *A máquina do tempo*
Temática	Conhecendo o gênero FC
OFICINA 4: LEITURA	
Tempo estimado	2 aulas

Objetivo	Fazer a leitura dos dois primeiros capítulos do livro Entender a quarta dimensão de que fala o livro Perceber a mudança de foco narrativo no início da narrativa
Temática	Iniciando a viagem
OFICINA 5: LEITURA	
Tempo estimado	3 aulas
Objetivo	Fazer a leitura de outra obra sobre viagem no tempo
Temática	Lendo outra história sobre viagem no tempo
OFICINA 6: INTERPRETAÇÃO	
Tempo estimado	2 aulas
Objetivo	Refletir sobre o conceito de paradoxo temporal; Associar os paradoxos estudados na oficina e aplicá-los ao romance A Máquina do Tempo
Temática	Paradoxo temporal
OFICINA 7: INTERPRETAÇÃO	
Tempo estimado	2 aulas
Objetivo	Assistir a um filme baseado na obra *A máquina do tempo*, de H. G. Wells. Discutir sobre semelhanças e diferenças entre o livro e o filme.
Temática	Vendo outras mídias
OFICINA 8: INTERPRETAÇÃO	
Tempo estimado	2 aulas
Objetivo	Escrever um conto de FC sobre viagem no tempo
Temática	Escrevendo um conto

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

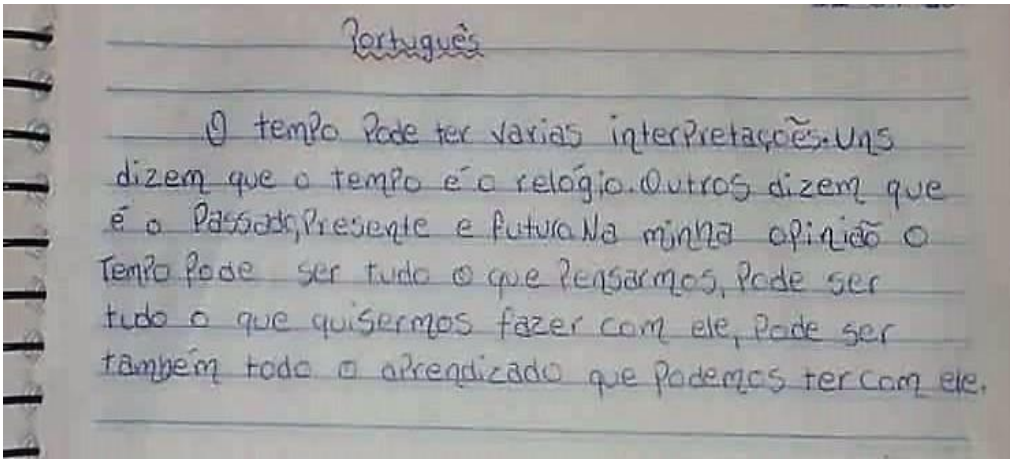
CAPÍTULO IV

4 MANUAL DE LEITURA E ANÁLISE DA MÁQUINA DO TEMPO DA LEITURA

Tomando o livro de Cosson (2016) e vendo as várias sugestões de atividades que ele nos propõe, ao final do livro, concordamos com ele quando nos diz que precisamos ter objetivos claros “sobre o que ensinar e porque ensinar desta ou daquela maneira” (COSSON, 2016, p.212). Seguindo, então, o modelo da sequência básica por ele proposta, esta intervenção dividiu-se em quatro etapas: a motivação, sensibilizando os alunos acerca da temática do livro a ser lido; a introdução, na qual foram apresentados aspectos biográficos do escritor H. G. Wells e do gênero FC; a leitura propriamente dita do romance, alguns capítulos em sala de aula e outros em casa; e a interpretação, feita principalmente através do diálogo direto com os alunos.

Na primeira oficina, a aula girou em torno do conceito de tempo, e de como ele, aparentemente tão óbvio e intuitivo, na verdade é algo extremamente difícil de definir. Vimos que entender o tempo de forma intrínseca é um problema que, há séculos, perturbam as cabeças de filósofos e cientistas, que até hoje não tem uma resposta satisfatória para isso. Além disso, foi mostrado aos alunos que o fluxo temporal não é algo tão irreversível assim: pelo menos teoricamente, é possível viajar no tempo. Após esse primeiro momento, refletimos sobre o seguinte questionamento: o tempo é algo que existe fora e independente de nós (o tempo cronológico), ou é algo interno a nós seres humanos (tempo psicológico)? Foi pedido que os alunos escrevessem um pequeno parágrafo, a partir do que foi visto, discorrendo sobre o que eles entendiam acerca do tempo. Eis alguns textos:

Imagem 01 – Texto referente ao aluno A1

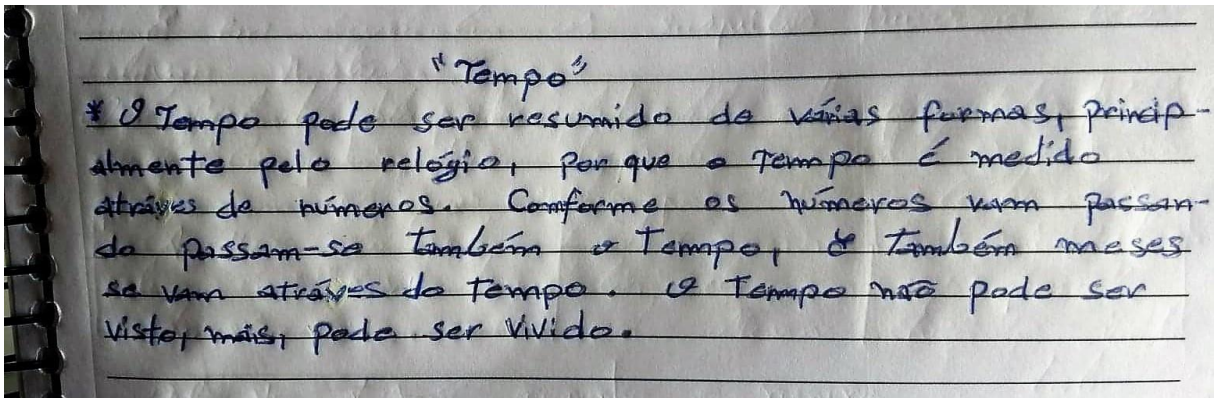


Fonte: acervo da pesquisa.

O referido texto mostra elementos importantes acerca do conceito de tempo, associando-o ao relógio (tempo cronológico), e a sua clássica divisão em passado, presente e futuro. Entretanto, a opinião da aluna é de que o tempo “verdadeiro” é o tempo psicológico, pois ela diz que: “o tempo pode ser tudo o que pensarmos, pode ser tudo o que quisermos fazer com ele”.

Semelhante ao anterior, o segundo texto abaixo também associa o tempo ao seu instrumento de medição. Menciona-se também o caráter abstrato e psicológico do tempo: “o tempo não pode ser visto, mas pode ser vivido”:

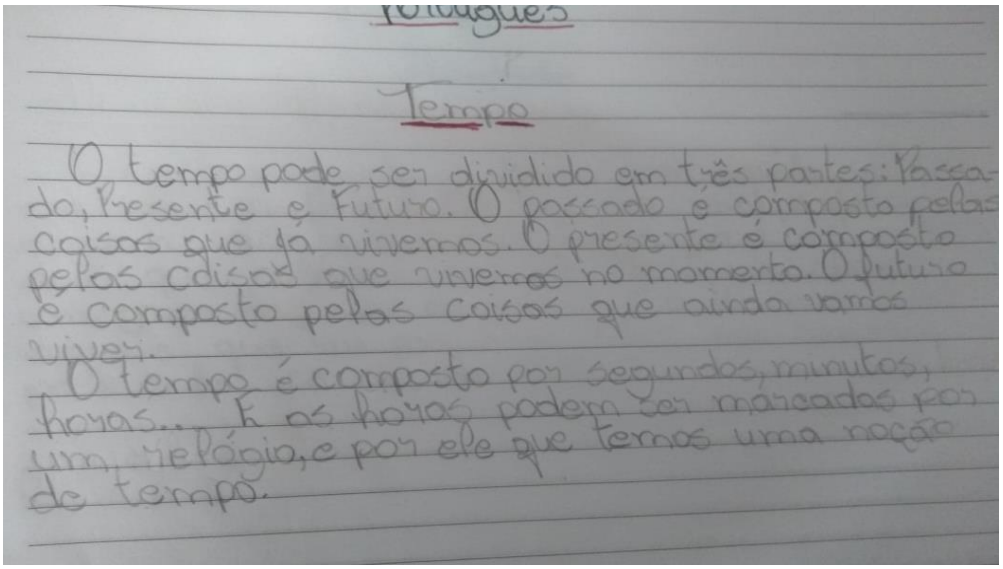
Imagem 02 – Texto referente ao aluno A2



Fonte: acervo da pesquisa.

Nesse terceiro texto, diferentemente dos anteriores, o aluno posiciona-se ao lado do tempo cronológico, exterior à mente humana, descrevendo o tempo de maneira objetiva através do senso comum.

Imagem 03 – Texto referente ao aluno A3



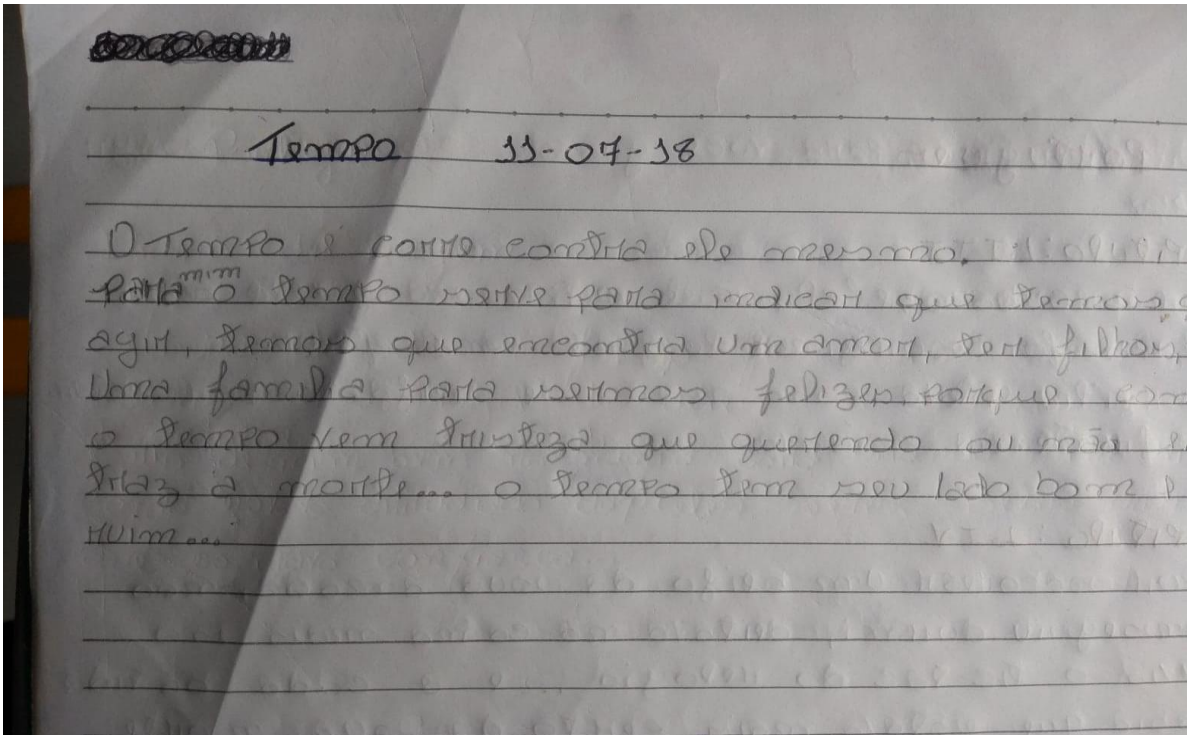
Fonte: acervo da pesquisa.

Algumas dizeres dos alunos chamaram bastante atenção, por mostrar um alto grau de reflexão e lucidez sobre um tema tão complicado. Eis algumas delas: “o tempo não existe, é uma invenção humana”, “é um fluxo infinito de movimentos e mudanças” e “o tempo não vai esperar a gente tomar uma atitude, porque ele vai, e nós ficamos”. Esse primeiro momento de motivação se mostrou bastante promissor, pela atenção dos alunos frente ao tema do livro a ser lido, e principalmente pelas respostas dadas por eles às provocações do professor durante o debate.

Essa etapa, a motivação, foi importante para sensibilizar os alunos acerca da temática do livro lido. Envolver-se com a leitura, perceber a atualidade do tema, apesar de o romance ter sido publicado em 1895, há mais de um século, foi de suma importância para o andamento das oficinas. Envolver-se com a leitura significa partilhar experiências, fazer o diálogo entre o livro e a própria vida do aluno e suas vivências, extrair da leitura algo que o faça perceber aspectos da realidade por um novo ponto de vista, ajudando o aluno a entender-se melhor como sujeito através da linguagem.

O quarto texto a seguir mostra o impacto existencial que a noção tempo pode gerar em nossas vidas:

Imagem 04 – Texto referente ao aluno A4

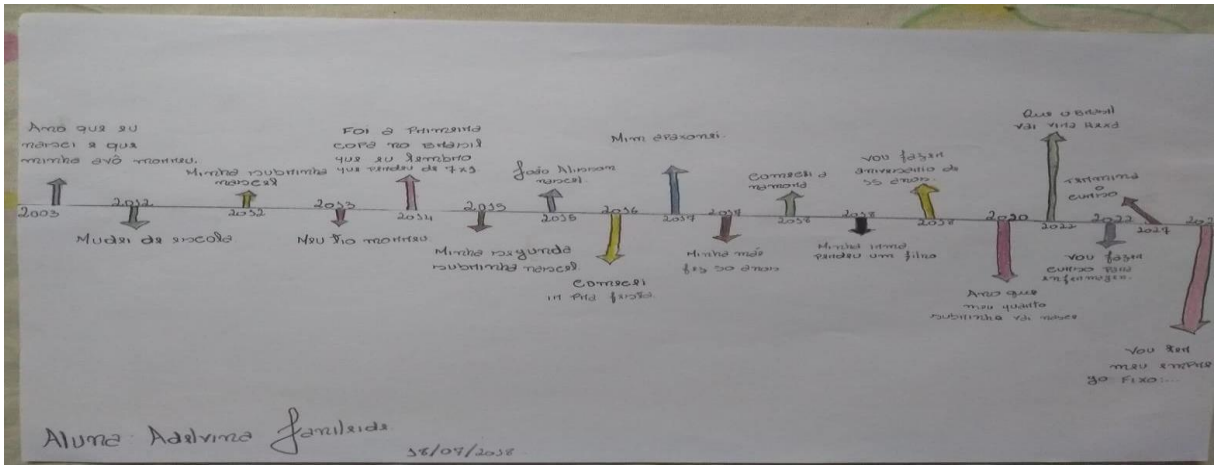


Fonte: acervo da pesquisa.

O próprio professor, que deveria manter uma postura um tanto quanto imparcial no ambiente de pesquisa empírica, se deixa às vezes levar pelas questões e reflexões levantadas pelos próprios alunos, como é o caso acima. Isso dá mostras da complexidade que é o letramento literário na vida do ser humano, pois o professor, além de pesquisador, é também um passageiro do seu próprio percurso como leitor, enriquecendo a sua trajetória leitora a partir do diálogo com seus alunos, que também estão cada um deles trilhando o seu próprio caminho. O tempo é, portanto, para esse aluno, uma passagem inevitavelmente cronológica, mas impulsionador de todas as ações que ocorrem ao ser humano até chegar ao fim, com a morte.

Na segunda oficina foi pedido que os alunos usassem a imaginação: faríamos uma linha do tempo imaginária. Nesse gênero textual, o autor deve olhar para trás e listar, numa linha temporal, os acontecimentos mais importantes de algo, seja um período histórico, da sua própria vida ou da vida de alguém. Entretanto, além do olhar para o passado, pedi aos alunos também o olhar para o futuro; eles teriam que projetar possíveis fatos e acontecimentos em suas vidas para dez anos no futuro. Associar a temática do livro à memória afetiva dos alunos mostrou-se interessante por fazê-lo de uma nova forma, dialogando com o futuro a partir das expectativas deles. Eis alguns exemplos:

Imagem 05 – Texto referente ao aluno luno A4

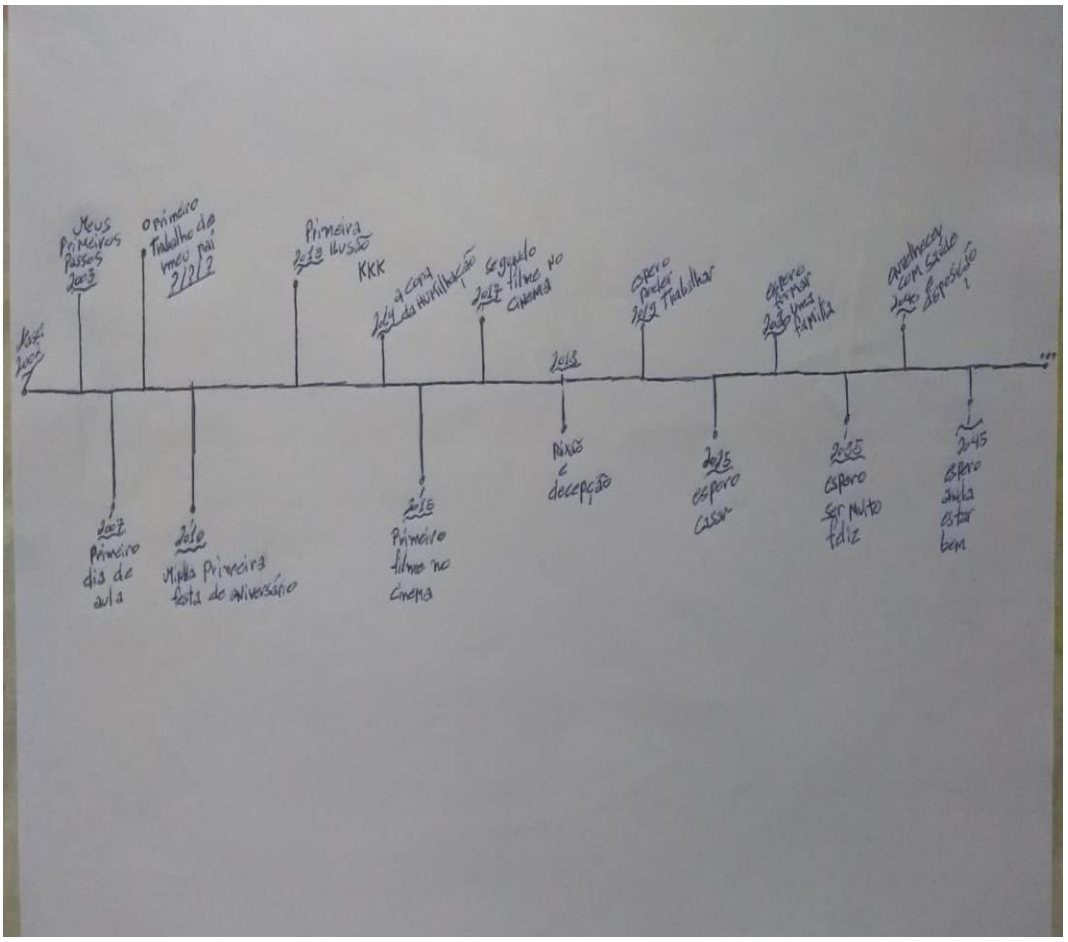


Fonte: acervo da pesquisa.

No exemplo acima, a aluna seleciona para sua linha do tempo aspectos de sua vida que a mesma julga essenciais, como o nascimento de sobrinhos, sua vida escolar e social e sua vida afetiva. Chama a atenção a presença de alguns fatos afetivos que, segundo o aluno, são dignos de figurarem na sua linha do tempo, como o ano de sua primeira paixão e de seu primeiro namoro. No que diz respeito ao futuro, a aluna faz expectativas principalmente acerca de sua carreira profissional, demonstrando o desejo de ser enfermeira. Esse momento, da motivação, é importante para mostrar ao aluno que refletir sobre o tempo é algo intrínseco à condição humana.

Nesta segunda linha do tempo, temos:

Imagem 06 – Texto referente ao aluno A5



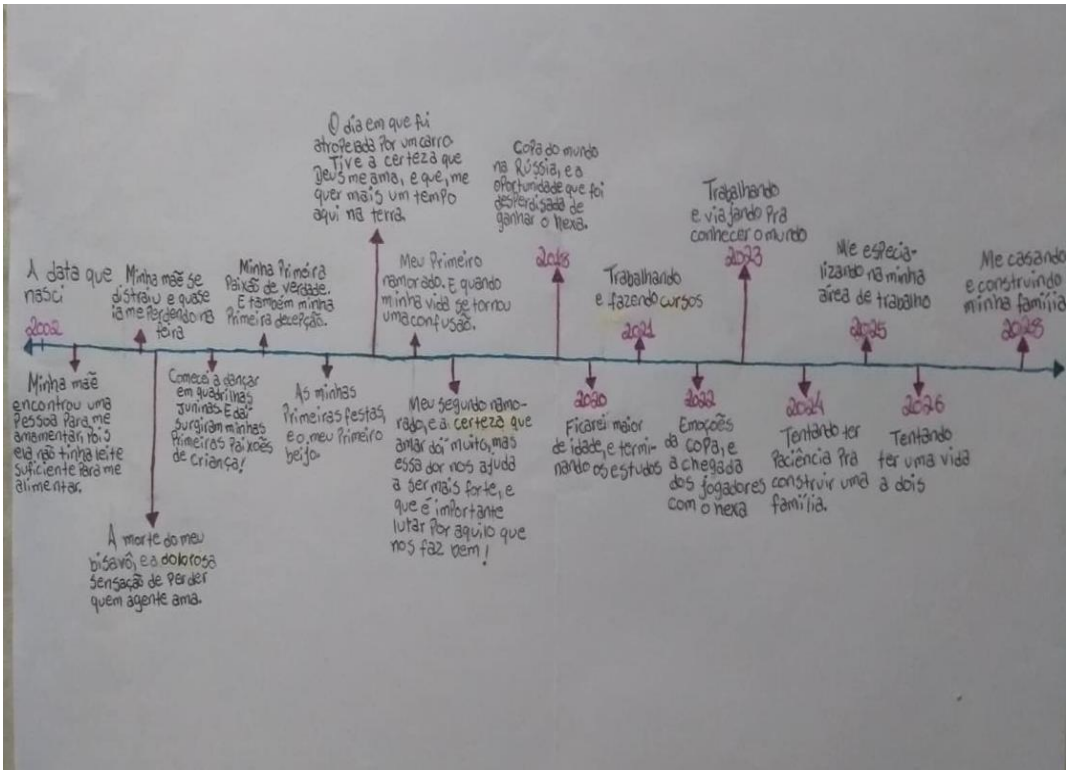
Fonte: acervo da pesquisa.

O texto mostra diferenças em relação ao recorte dos fatos passados: o aluno em questão privilegia fatos ocorridos fora do ambiente familiar, como desilusões

amorosas, idas ao cinema campeonatos de futebol. Mostrar otimismo em relação ao futuro é algo importantíssimo para todos nós, pois nos dá conforto e coragem para enfrentar o presente com a esperança de dias melhores. É comovente vê-los com tanta confiança no futuro, apesar da realidade tão adversa de muitos dos alunos.

Eis outro texto:

Imagem 07 – Texto referente ao aluno A1



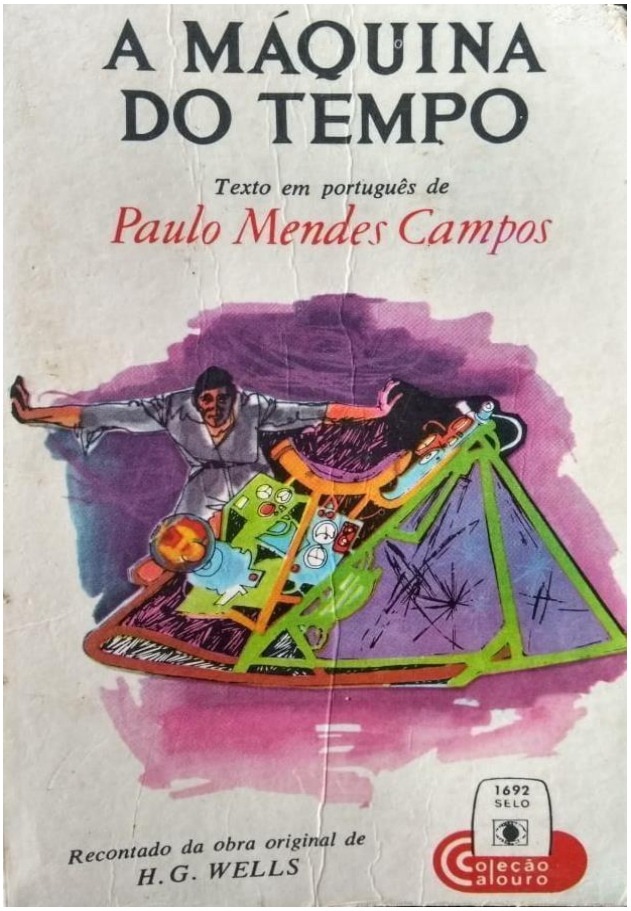
Fonte: acervo da pesquisa.

Construir uma família, ter um trabalho, conhecer o mundo, são desejos que dizem respeito à maioria de nós enquanto pertencentes a uma sociedade que valoriza tais coisas. Esse texto se diferencia dos demais pela forma minuciosa que seleciona fatos de sua vida que simbolizam pontos cardeais de sua evolução moral e afetiva. É o que melhor representa o propósito principal da oficina, que é resgatar a memória afetiva do aluno e projetá-la no futuro. Acreditamos que, com essas oficinas, foi possível motivar os alunos para a leitura do livro *A máquina do Tempo*, de H. G. Wells.

A terceira oficina foi responsável por introduzir os alunos no universo da FC. Foram mostradas a eles as características que dão especificidade a esse gênero, ou seja, que a FC é um gênero que dialoga com todo o conhecimento visto na escola,

na qual ela (a FC) dá um passo além, mostrando possibilidades teóricas como realidades factuais, como, por exemplo, a viagem no tempo. Em seguida, os alunos conheceram os seus principais autores e principais temas abordados e viram que a viagem no tempo é um de seus mais importantes. Dito isso, passou-se à apresentação do autor a ser lido, H. G. Wells, e de sua importância dentro da FC, por ser um de seus pioneiros, escrevendo livros clássicos para a FC, como *O homem invisível* e *A guerra dos mundos.* Após isso, os alunos viram a edição escolhida a ser lida por eles, com tradução de Paulo Mendes Campos:

Imagem 08 – Capa do livro utilizado para a sequência didática



Fonte: acervo da pesquisa.

Feitas as devidas apresentações acerca da FC e do autor, chegou-se ao momento de iniciar a leitura. Foi um momento importante para situar os alunos no contexto da narrativa quanto aos aspectos de tempo (fins do século XIX) e espaço (Inglaterra Vitoriana). Mostrou-se aos alunos que esse era um período de efervescência cultural, em que a intelectualidade mantinha um debate acalorado

acerca dos avanços e limites de uma ciência positivista que se encontrava no ápice de seu otimismo.

Na leitura do primeiro capítulo, conversou-se com os alunos sobre a quarta dimensão, conceito chave para entender o desenrolar da estória. O narrador, convidado do anfitrião, que é o protagonista da história, narra o debate sobre a quarta dimensão (o tempo), e mostra que, semelhantemente às outras dimensões espaciais, é possível deslocar-se no tempo. Após a leitura desse capítulo, foi pedido que os alunos lembrassem da primeira oficina, na qual foi feita uma explanação acerca do conceito de tempo, no intuito de associar o que foi visto com o debate entre os personagens da narrativa.

A leitura do segundo capítulo foi feita com o propósito principal de mostrar aos alunos a mudança de foco narrativo, que passa de um dos convidados para o anfitrião, o mesmo passando a narrar as suas aventuras no futuro. Após isso, abriu-se o espaço para os alunos exporem as suas primeiras impressões. Eles se mostraram inseguros num primeiro momento, mas gradativamente, com as pausas na leitura para explicações, mostraram-se mais confiantes e entusiasmados com a estória.

Começamos a quinta oficina conversando com os alunos acerca da leitura do livro, tirando dúvidas sobre alguns pontos da narrativa, além da discussão de possibilidades do protagonista frente aos problemas enfrentados no ano 802.701, data em que a aventura se desenrola no futuro. Continuamos com a oficina mostrando que o tema da viagem no tempo é muito usado no cinema: muitos filmes de FC abordam a viagem temporal; inclusive o próprio livro lido por eles foi adaptado duas vezes ao cinema, entre outros exemplos. Conforme orienta Cosson (2016), uma das possibilidades de atividade para o letramento literário é olhar para o mesmo tema a partir de outro ponto de vista, permitindo um enriquecimento discursivo acerca das possibilidades interpretativas do tema trabalhado. Sendo assim, passou-se à leitura de outra obra sobre viagem no tempo, sendo escolhido para a leitura o conto de Ray Bradbury *O som do trovão.* Escolheu-se esse conto por ele tratar o tema da viagem no tempo sob um ponto de vista diferente: em vez de viajar para o futuro, como no livro de H. G. Wells, o protagonista do conto viaja para o passado, o que vai acabar trazendo questões diferentes ao leitor, como se verá na próxima oficina.

A leitura, feita de forma oral e compartilhada, contou com a participação ativa

dos alunos, os mesmos mostrando-se envolvidos com a leitura, fazendo questionamentos sobre o enredo, e acompanhando com atenção os passos do protagonista. Procurou-se, durante a leitura, instigar os alunos com questionamentos acerca de possibilidades narrativas do enredo, sobre o quanto que é delicada uma viagem ao passado, em que uma ação aparentemente banal no passado pode resultar, seguindo uma projeção geométrica, em mudanças significativas no futuro, como foi mostrado no conto. Mostrou-se aos alunos outro conceito derivado do tema da viagem no tempo: o efeito borboleta, conceito esse retirado da teoria do caos, que tem a seguinte frase emblemática: "O bater das asas de uma borboleta num extremo do globo terrestre, pode provocar uma tormenta no outro extremo no espaço de tempo de semanas"[3]. Fizemos a associação dessa ideia com o conto lido, e vimos as consequências terríveis das ações irrefletidas do protagonista no passado. A partir dessa leitura, fazendo um diálogo com as nossas vidas e o livre arbítrio, foi possível fazer uma reflexão sobre as consequências de nossas ações passadas, e de como elas repercutem no presente.

Nesta oficina tratamos sobre o conceito de paradoxo temporal. Baseados na leitura da oficina passada, do conto *O som do trovão*, retomamos as reflexões sobre o efeito borboleta para entendermos o conceito de paradoxo temporal: alterações causadas por um viajante do tempo que repercutem no presente. Foi mostrado um exemplo clássico disso explicando para os alunos o problema do paradoxo do avô: Se um viajante do tempo voltasse para o passado e acidentalmente matasse seu avô? Isso acontecendo, seu pai não nasceria, e consequentemente o próprio viajante também não. Ficou visível o desconcerto dos alunos ao lidar com esse problema, percebendo o quanto ele é complicado. Foi proposto a eles que tentassem encontrar uma forma de resolver esse problema. Choveram hipóteses, algumas bem criativas; as mais críveis envolviam a noção de universos paralelos. Um dos alunos explicou da seguinte forma: ao matar acidentalmente o avô, o viajante acabou criando duas linhas do tempo alternativas, uma na qual o avô está

[3] Na década de 60, o meteorologista Edward Lorenz, lançou os primeiros passos que deram origem à Teoria do Caos, chamando, em 1979, a sua descoberta de "efeito borboleta", em artigo intitulado: "Previsibilidade: o bater de asas de uma borboleta no Brasil pode desencadear um tornado no Texas?" No site a seguir o artigo pode ser lido no original: https://www.bayerjovens.com.br/pt/colunas/coluna/?materia=o-bater-das-asas-de-uma-borboleta- no-brasil--pode-iniciar-um-tornado-no-texas-. Acesso em: 11 fev. 2019.

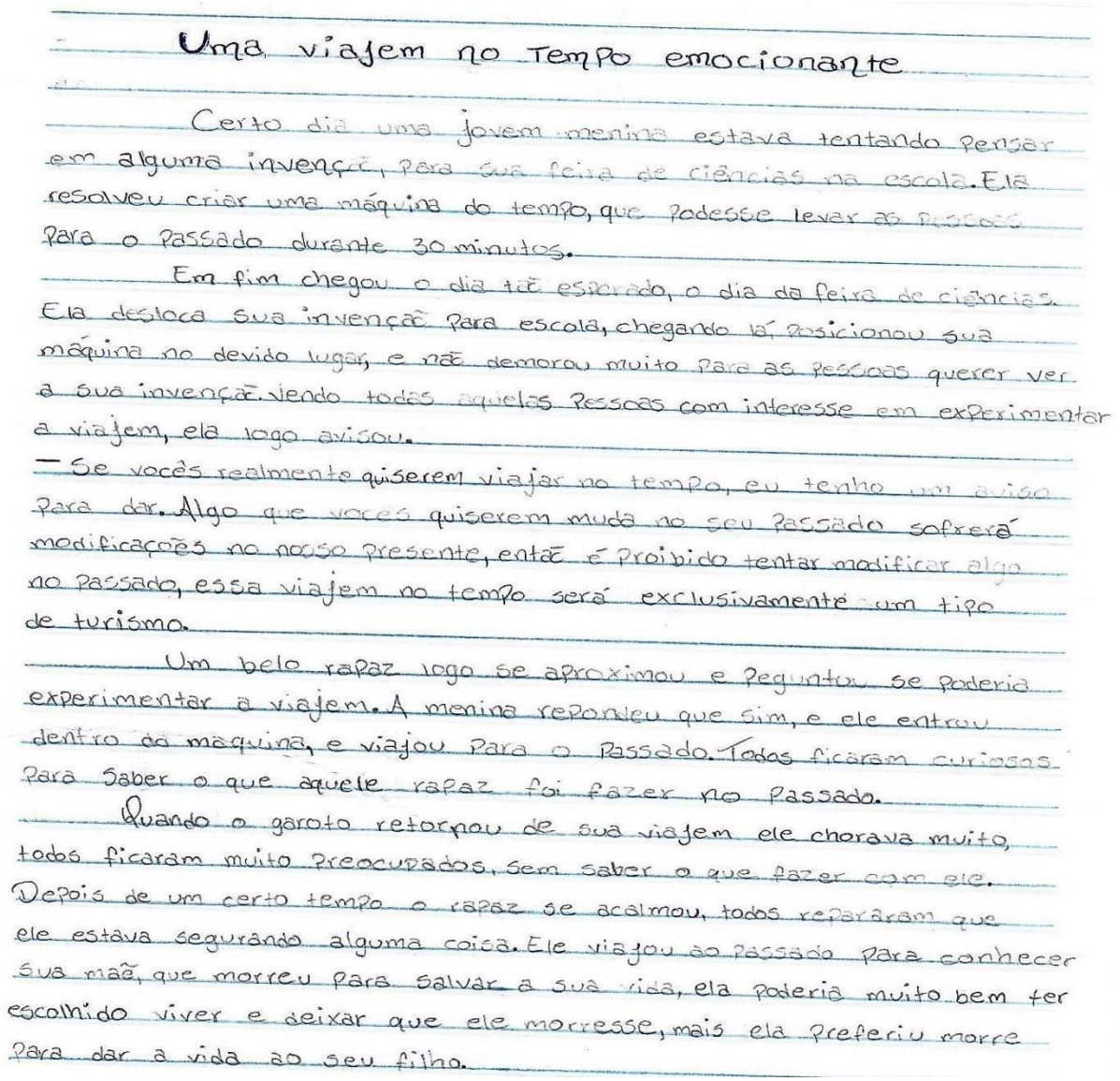
vivo e outro no qual o avô está morto. Dito isso, perguntou-se então: Para qual linha do tempo o viajante voltaria? Um dos alunos respondeu que ele voltaria para a que o avô estava vivo, porque o tempo sempre daria um jeito de resolver as coisas. Instigar os alunos a encontrar soluções elegantes para os problemas fez com que eles pensassem de forma abstrata e desenvolver a criatividade, e o experimento mental feito nessa oficina foi produtivo nesse sentido.

O começo da sétima oficina foi voltado ao debate com os alunos acerca da reflexão do protagonista sobre a evolução da humanidade até o ano 802.701, em que a mesma se acha dividida entre os Elois, habitantes da superfície, e os Morloks, que habitam o submundo, abaixo da superfície. Foi pedido aos alunos que lembrassem da apresentação da obra, nas primeiras oficinas, em que foi mostrado o contexto histórico da Inglaterra do final do século XIX e sua divisão de classes, relacionando isso à divisão social vista no futuro. Momento importante do livro, essa reflexão traz à luz todo um processo evolutivo da humanidade até chegarem a uma divisão radical da sociedade futurista. Percorrer esse caminho reflexivo com os alunos foi importante para que os mesmos entendessem a hipótese do narrador sobre a divisão social do futuro, explicada a partir de um olhar marxista da História.

Após isso, passamos a assistir ao filme A Máquina do Tempo, lançado em 2002, baseado na obra homônima de H. G. Wells. Durante o filme, foram feitas algumas pausas, no intuito de traçar alguns paralelos e diferenças com o livro. Ao término do filme, fizemos uma roda de conversa com o objetivo apontar possibilidades narrativas sobre o enredo do filme, e de que forma essas possibilidades ficariam coerentes com o livro. Essa etapa foi importante para percebermos que nem sempre um filme é absolutamente fiel ao livro, e que o embate os dois enriquece a compreensão de ambos.

Na última oficina, foi proposto aos alunos, a partir das oficinas ministradas e do livro lido pelos alunos, a escrita de um conto de FC que tivesse como tema a viagem do tempo. Essa viagem poderia ser feita de volta ao passado ou ao futuro, abordando fatos reais ou imaginários, conforme escolha de cada um. Serão analisadas algumas produções, tendo como parâmetro principal a capacidade delas de dialogarem com as características da FC enquanto gênero literário e com as oficinas desenvolvidas em sala de aula. Nos textos analisados não consideramos aspectos gramaticais, apenas a coerência de ideias em relação ao que foi lido e dicutido em sala de aula.

Imagem 09 – Imagem referente ao aluno A1



Uma viajem no Tempo emocionante

Certo dia uma jovem menina estava tentando pensar em alguma invenção, para sua feira de ciências na escola. Ela resolveu criar uma máquina do tempo, que Podesse levar as Pessoas para o Passado durante 30 minutos.

Em fim chegou o dia tão esperado, o dia da feira de ciências. Ela desloca sua invenção para escola, chegando lá, posicionou sua máquina no devido lugar, e não demorou muito para as Pessoas querer ver a sua invenção. Vendo todas aquelas Pessoas com interesse em experimentar a viajem, ela logo avisou.

— Se vocês realmente quiserem viajar no tempo, eu tenho um aviso para dar. Algo que vocês quiserem muda no seu Passado sofrerá modificações no nosso Presente, então é Proibido tentar modificar algo no Passado, essa viajem no tempo será exclusivamente um tipo de turismo.

Um belo rapaz logo se aproximou e Peguntou se Poderia experimentar a viajem. A menina reponteu que Sim, e ele entrou dentro da máquina, e viajou para o Passado. Todos ficaram curiosos para Saber o que aquele rapaz foi fazer no Passado.

Quando o garoto retornou de sua viajem ele chorava muito, todos ficaram muito Preocupados, sem saber o que fazer com ele. Depois de um certo tempo o rapaz se acalmou, todos repararam que ele estava segurando alguma coisa. Ele viajou ao Passado para conhecer sua mãe, que morreu para Salvar a sua vida, ela Poderia muito bem ter escolhido viver e deixar que ele morresse, mais ela Preferiu morre para dar a vida ao seu filho.

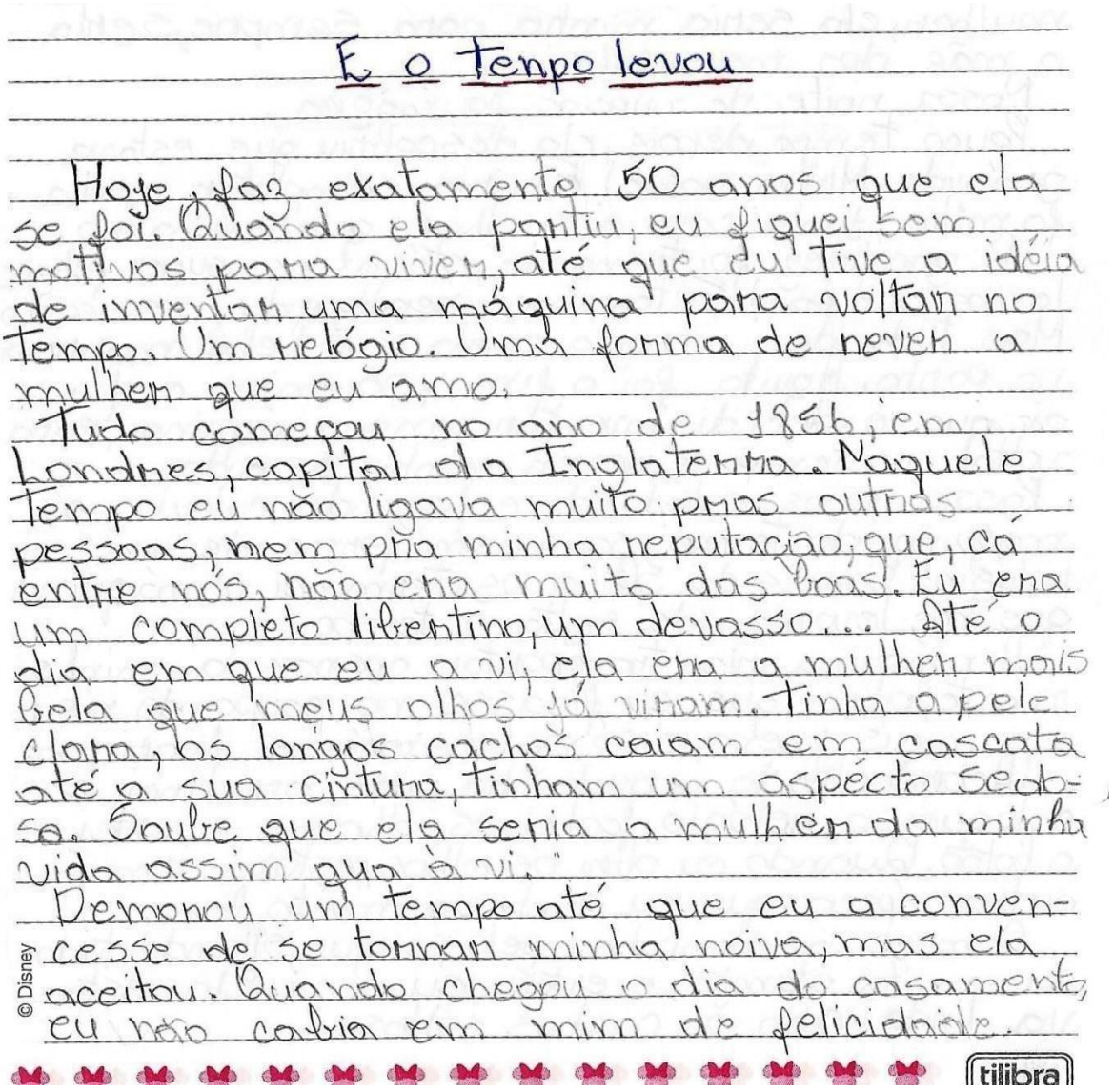
Fonte: acervo da pesquisa.

O primeiro texto, narrado em 3ª pessoa, começa fazendo uma aproximação da temática da viagem do tempo para a realidade do aluno: a protagonista cria uma máquina do tempo para apresentar na feira de ciências de sua escola. Mostrar realidades contrafactuais em situações do cotidiano é uma das principais características da FC, o que ajuda o leitor a compactuar com a narrativa. O autor do texto preocupa-se em criar uma expectativa no leitor quanto ao desenrolar do enredo, usando expressões como: “enfim chegou o dia tão esperado”. Além disso, nota-se no texto a alusão ao conceito de paradoxo temporal, trabalhado nas oficinas, na fala da protagonista: “algo que vocês quiserem mudar no seu passado sofrerá

modificações no nosso presente", estabelecendo intertextualidade com o conto do Ray Bradbury *Um som de trovão*, lido em sala de aula.

O clímax da estória é um exemplo da capacidade do aluno em estabelecer o entrelaçamento entre a temática trabalhada e sua memória afetiva. Nesse momento, um jovem, ao usar a máquina para viajar ao passado, volta para o presente chorando, despertando a curiosidade das pessoas que estavam ao redor. O narrador menciona um objeto desconhecido nas mãos do jovem, e explica o motivo da viagem ao passado: conhecer a mãe, que provavelmente deve ter morrido em decorrência do seu parto. O final é aberto, dando margem a diferentes interpretações.

Imagem 10 – Imagem referente ao aluno A3



E o tempo levou

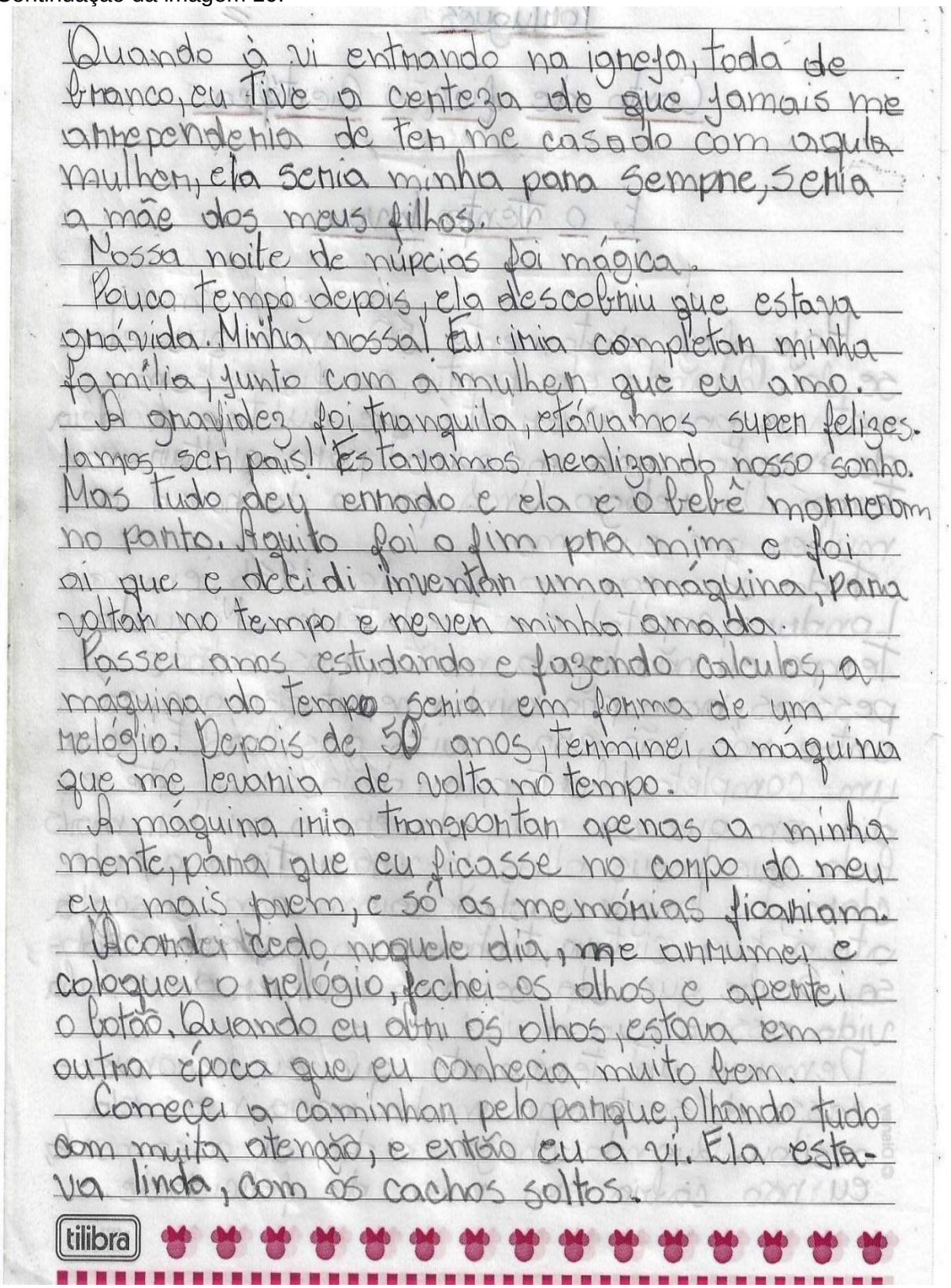
Hoje, faz exatamente 50 anos que ela se foi. Quando ela partiu, eu ligei bem motivos para viver, até que eu tive a idéia de inventar uma máquina para voltar no tempo. Um relógio. Uma forma de rever a mulher que eu amo.

Tudo começou no ano de 1856, em Londres, capital da Inglaterra. Naquele tempo eu não ligava muito pmas outras pessoas, nem pra minha reputação, que, cá entre nós, não era muito das boas. Eu era um completo libertino, um devasso... Até o dia em que eu a vi, ela era a mulher mais bela que meus olhos já viram. Tinha a pele clara, os longos cachos caiam em cascata até a sua cintura, tinham um aspécto sedoso. Soube que ela seria a mulher da minha vida assim que a vi.

Demorou um tempo até que eu a convencesse de se tornar minha noiva, mas ela aceitou. Quando chegou o dia do casamento, eu não cabia em mim de felicidade.

© Disney

Continuação da imagem 10.



Quando à vi entrando na igreja, toda de branco, eu Tive a certeza de que jamais me arrependeria de ter me casado com aquela mulher, ela seria minha para sempre, seria a mãe dos meus filhos.

Nossa noite de núpcias foi mágica.

Pouco tempo depois, ela descobriu que estava grávida. Minha nossa! Eu iria completar minha família, junto com a mulher que eu amo.

A gravidez foi tranquila, estávamos super felizes. Iamos ser pais! Estavamos realizando nosso sonho. Mas tudo deu errado e ela e o bebê morreram no parto. Aquilo foi o fim pra mim e foi ai que e decidi inventar uma máquina, para voltar no tempo e rever minha amada.

Passei anos estudando e fazendo calculos, a máquina do tempo seria em forma de um relógio. Depois de 50 anos, terminei a máquina que me levaria de volta no tempo.

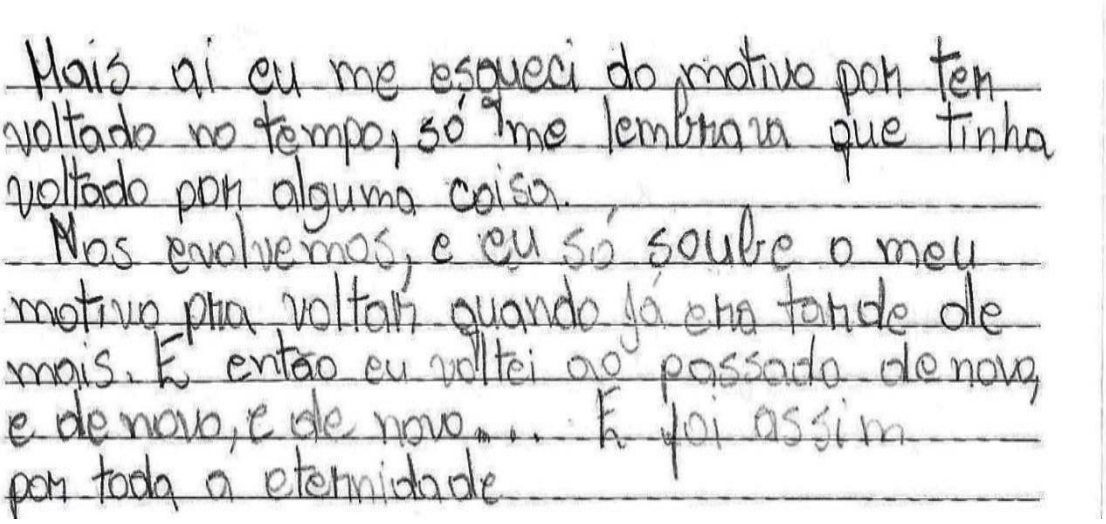
A máquina iria transportar apenas a minha mente, para que eu ficasse no corpo do meu eu mais jovem, e só as memórias ficariam.

Acordei cedo naquele dia, me arrumei e coloquei o relógio, fechei os olhos e apertei o botão. Quando eu abri os olhos, estava em outra época que eu conhecia muito bem.

Comecei a caminhar pelo parque, olhando tudo com muita atenção, e então eu a vi. Ela estava linda, com os cachos soltos.

tilibra

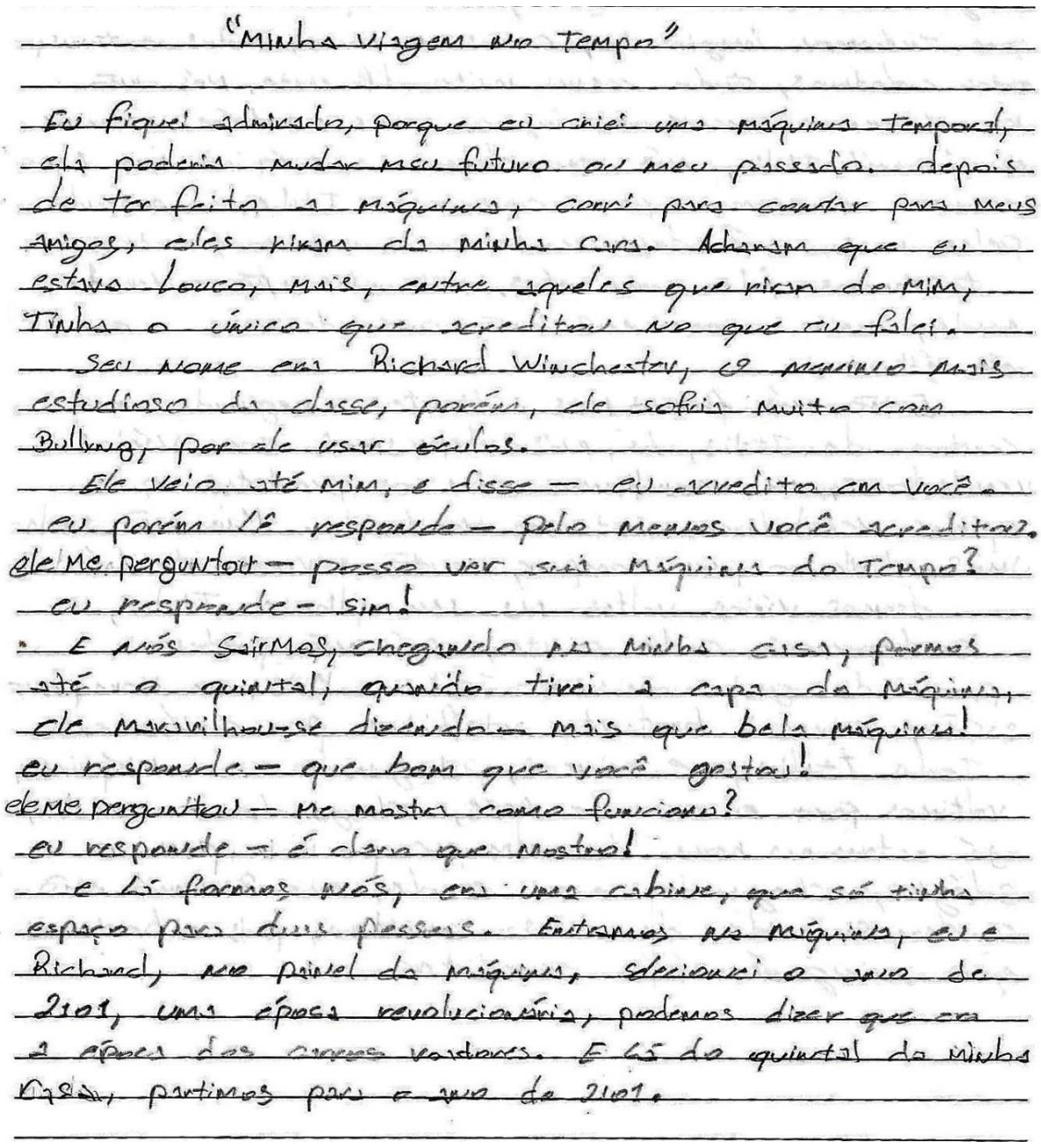
Continuação da imagem 10.


Mais aí eu me esqueci do motivo por ter voltado no tempo, só me lembrava que tinha voltado por alguma coisa.
Nos envolvemos, e eu só soube o meu motivo pra voltar quando já era tarde demais. E então eu voltei ao passado de novo, e de novo, e de novo... E foi assim por toda a eternidade

Fonte: acervo da pesquisa.

O autor do texto, narrado em 1ª pessoa, faz intertextualidade com o título do filme *E o vento levou,* drama cinematográfico de 1939, chamando assim a atenção do leitor, por fazer um trocadilho entre as palavras *vento* e *tempo*; trocadilho interessante, pois além do paralelismo sonoro, o aspecto semântico chama atenção para características que as duas palavras têm em comum, de acordo com o que foi visto em sala de aula sobre o conceito de tempo: ambas as palavras evocam um fluxo invisível, que jorra para todos os lados, eternamente. O protagonista cria a sua máquina do tempo por um motivo, mais uma vez, passional: visitar a sua amada, morta há 50 anos. O conto começa com o narrador lembrando-se da morte de sua esposa, e de como surgiu a ideia de inventar um dispositivo que permitisse a ele revê-la novamente. Dois aspectos chamam a atenção no conto, por ilustrarem como o aluno dialogou de forma criativa com as ideias debatidas na oficina; primeiro, o dispositivo, em forma de relógio, transportaria apenas a mente do protagonista para o passado, e não o seu corpo; segundo, o desfecho da estória acontece em forma de loop infinito, o que também pode ser chamado de final cíclico, pois o personagem retorna indefinidamente ao passado para encontrar-se com sua mulher. Esse é um tipo de paradoxo temporal difícil de assimilar, com um grau sofisticado de abstração, e o autor do texto foi capaz de usar isso de um jeito criativo em seu texto.

Imagem 11 – Imagem referente ao aluno A5



"Minha Viagem no Tempo"

Eu fiquei admirada, porque eu criei uma máquina temporal, ela poderia mudar meu futuro ou meu passado. depois de ter feito a máquina, corri para contar para meus Amigos, eles riram da minha cara. Acharam que eu estava louca, mais, entre aqueles que riram de Mim, Tinha o único que acreditou no que eu falei.

Seu Nome era Richard Winchester, o menino mais estudioso da classe, porém, ele sofria muito com Bullying, por ele usar óculos.

Ele veio até Mim, e disse — eu acredito em você.

eu porém lhe respondi — pelo menos você acreditou.

ele Me perguntou — posso ver sua Máquina do Tempo?

eu respondi — sim!

E nós saímos, chegando na Minha casa, fomos até o quintal, quando tirei a capa da Máquina, ele Maravilhou-se dizendo — mais que bela máquina!

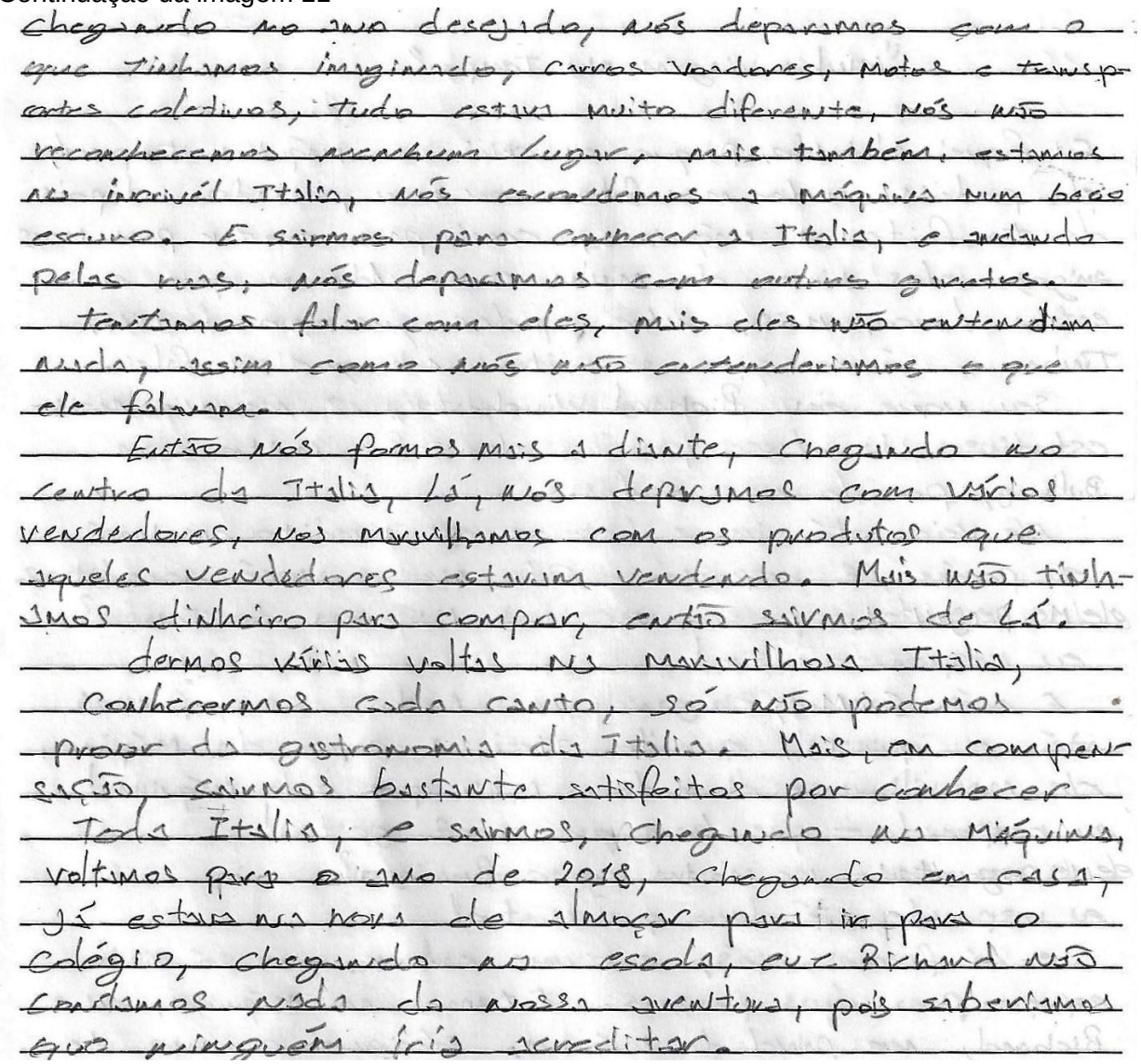
eu respondi — que bom que você gostou!

ele Me perguntou — Me mostra como funciona?

eu respondi — é claro que mostro!

e lá fomos nós, em uma cabine, que só tinha espaço para duas pessoas. Entramos na Máquina, eu e Richard, no painel da máquina, selecionei o ano de 2101, uma época revolucionária, podemos dizer que era a época dos anos verdes. E lá do quintal da Minha Casa, partimos para o ano de 2101.

Continuação da imagem 11



Chegando no ano desejado, nós deparamos com o que tínhamos imaginado, carros voadores, motos e transportes coletivos, tudo estava muito diferente, nós não reconhecemos nenhum lugar, mais também, estamos na incrível Itália, nós escondemos a máquina num beco escuro. E saímos para conhecer a Itália, e andando pelas ruas, nós deparamos com outros grantes.

tentamos falar com eles, mais eles não entendiam nada, assim como nós não entenderíamos o que ele falavam.

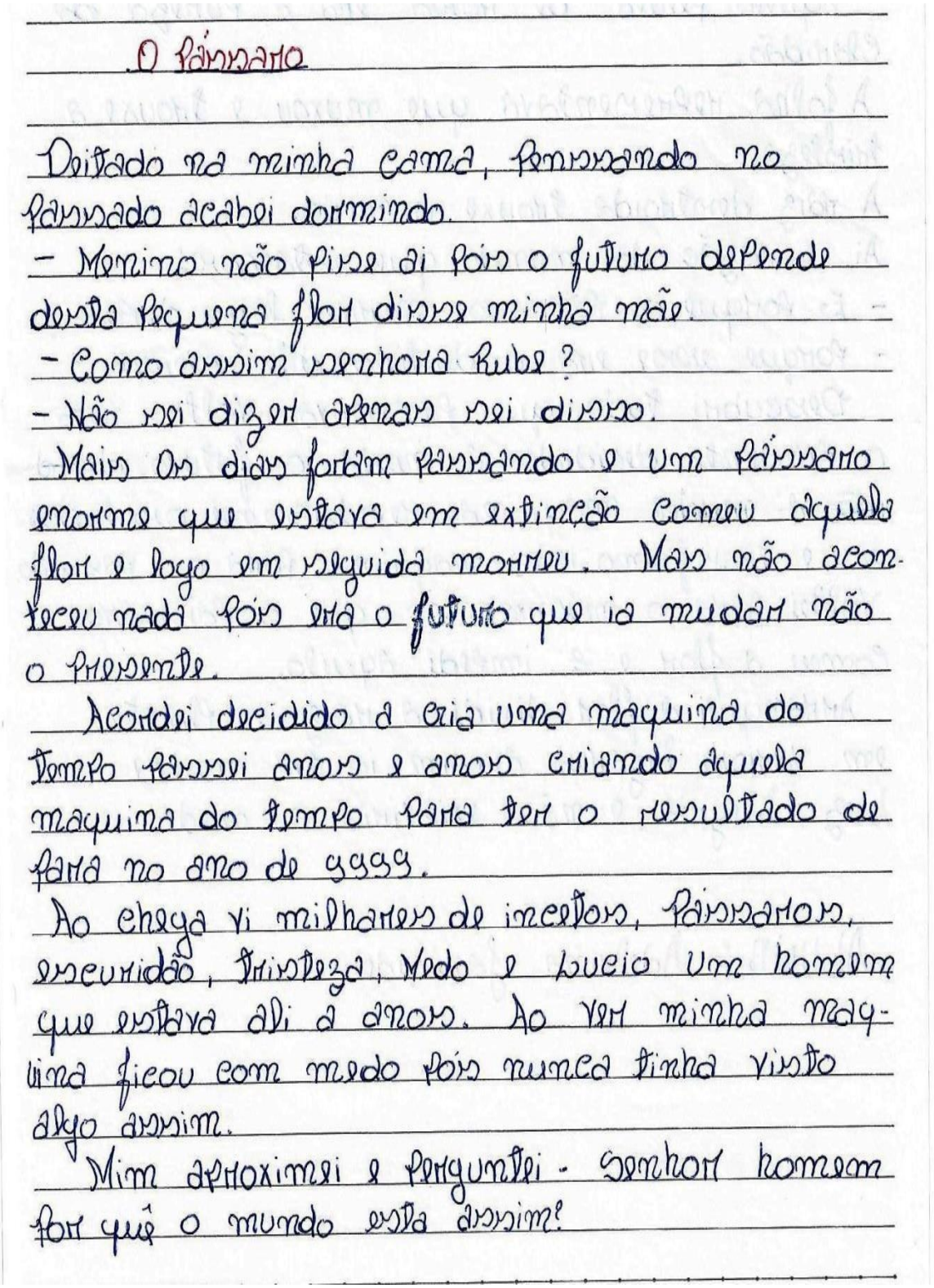
Então nós fomos mais a diante, Chegando no centro da Itália, lá, nós deparamos com vários vendedores, nos maravilhamos com os produtos que aqueles vendedores estavam vendendo. Mais não tínhamos dinheiro para comprar, então saímos de lá.

demos várias voltas na maravilhosa Itália, conhecemos cada canto, só não podemos provar da gastronomia da Itália. Mais, em compensação saímos bastante satisfeitos por conhecer Toda Itália, e saímos, Chegando na Máquina, voltamos para o ano de 2018, Chegando em casa, já estava na hora de almoçar para ir para o colégio, Chegando na escola, eu e Richard não contamos nada da nossa aventura, pois sabíamos que ninguém iria acreditar.

Fonte: acervo da pesquisa.

O texto acima faz um paralelo com o livro de H. G. Wells, a partir do momento em que os outros personagens, com exceção de um deles, não acreditam na história contada pelo protagonista, da criação de uma máquina do tempo. Muito comum em estórias que apelam para o fantástico e o sobrenatural, o uso da 1ª pessoa do jeito que foi utilizado pelo autor do conto insere o elemento da dúvida na narrativa, pois não sabemos se devemos acreditar ou não no discurso do narrador personagem. Diferentemente dos dois primeiros textos, nesse os personagens viajam para o futuro, o que é outro ponto que o aproxima com o livro de Wells. Entretanto, existe um ponto no qual esse texto se diferencia do romance do inglês: no conto do aluno, os personagens viajam no tempo e no espaço, enquanto que no livro de Wells o protagonista viaja apenas no tempo.

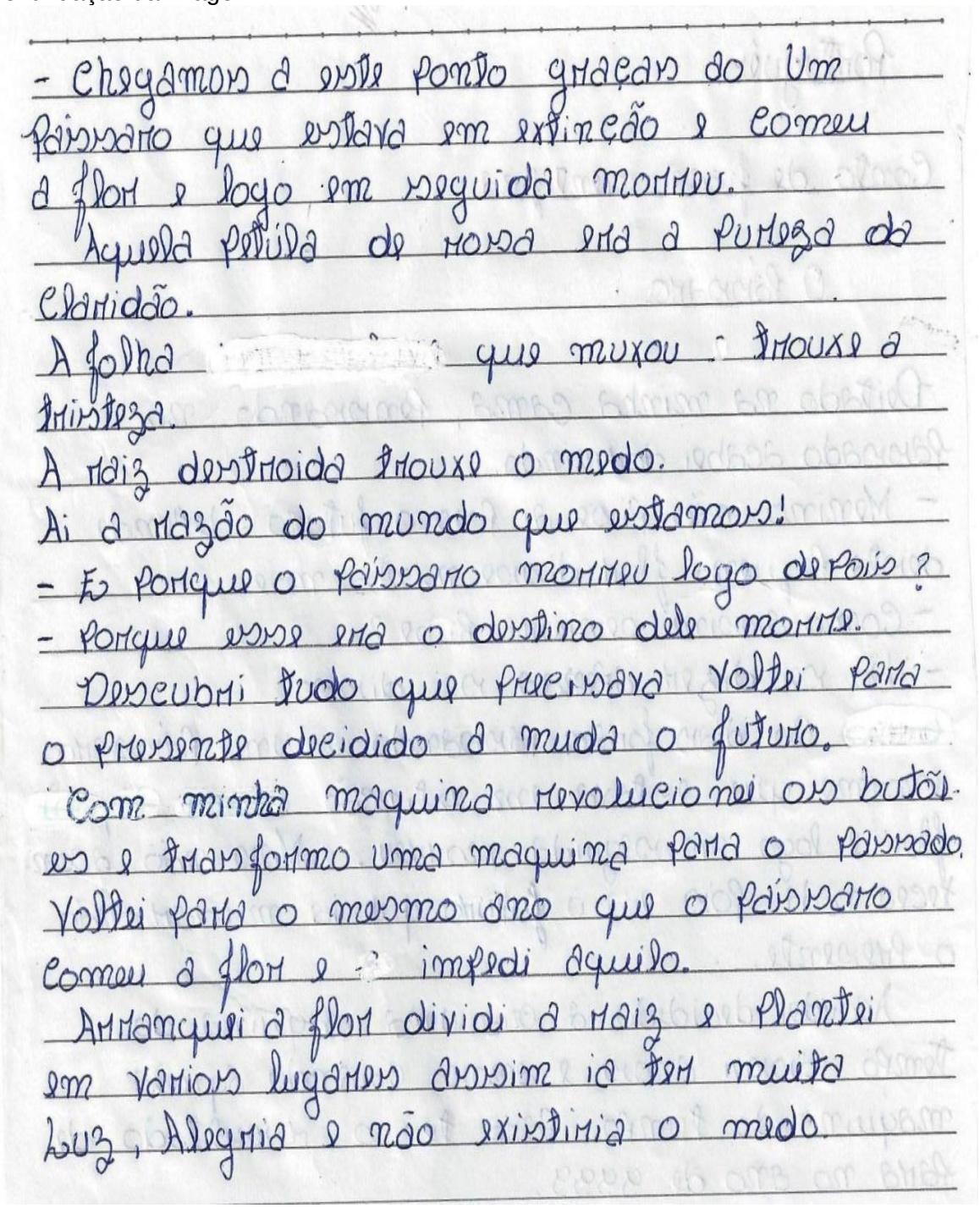
Imagem 12 – Imagem referente ao aluno A4



O Passado

Deitado na minha cama, pensando no passado acabei dormindo.
- Menino não pisse ai pois o futuro depende desta pequena flor disse minha mãe.
- Como assim senhora Rubi?
- Não sei dizer apenas sei disso.
Mais os dias foram passando e um pássaro enorme que estava em extinção comeu aquela flor e logo em seguida morreu. Mas não aconteceu nada pois era o futuro que ia mudar não o presente.
Acordei decidido a cria uma maquina do tempo passei anos e anos criando aquela maquina do tempo para ter o resultado de para no ano de 9999.
Ao chega vi milhares de incelos, pássaros, escuridão, tristeza, Medo e Lucio Um homem que estava ali a anos. Ao ver minha maquina ficou com medo pois nunca tinha visto algo assim.
Mim aproximei e perguntei - Senhor homem for quê o mundo esta assim?

Continuação da imagem 12.



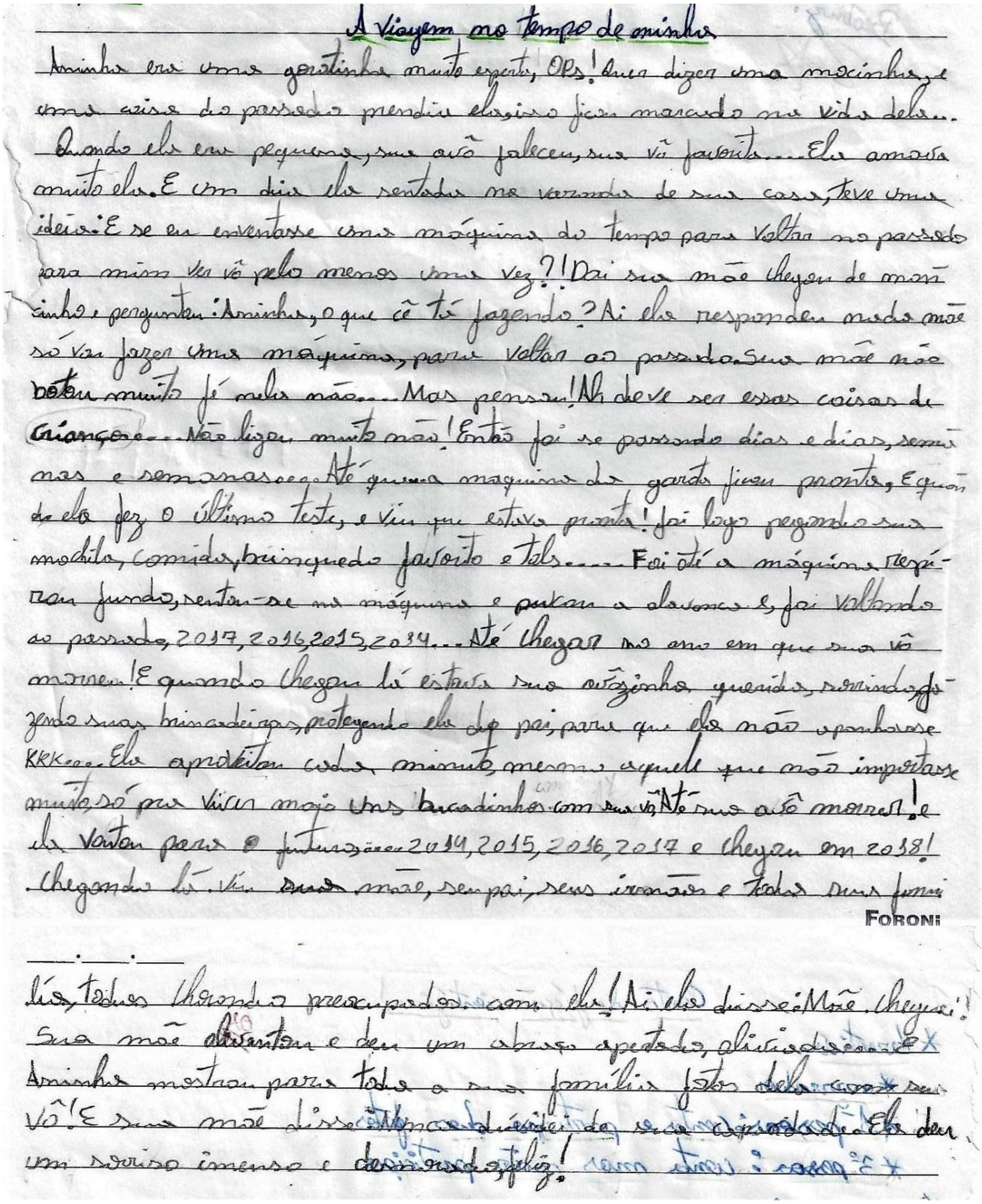
- Chegamos a este ponto graças do Um Pássaro que estava em extinção e comeu a flor e logo em seguida morreu.
Aquela pétala de rosa era a pureza da Claridão.
A folha que murchou trouxe a tristeza.
A raiz destroida trouxe o medo.
Ai a razão do mundo que estamos!
- E porque o pássaro morreu logo depois?
- Porque esse era o destino dele morrer.
Descubri tudo que precisava voltei para o presente decidido a muda o futuro.
Com minha maquina revolucionei os botões e transformo uma maquina para o passado.
Voltei para o mesmo dia que o pássaro comeu a flor e impedi aquilo.
Arrancai a flor dividi a raiz e plantei em varios lugares assim ia ter muita luz, Alegria e não existiria o medo.

Fonte: acervo da pesquisa.

O texto acima se difere dos outros pelo alto grau de lirismo empregado pelo autor. Utilizando o conceito de efeito borboleta através do viés poético, o autor enriquece o texto em seu aspecto metafórico e simbólico, num grau de abertura semântica não visto nos textos anteriores; destarte, o autor conseguiu intuir uma das características mais marcantes de Ray Bradbury, que é o aspecto lírico de seus textos. A estória inicia-se com o narrador protagonista relatando um sonho, no qual

ele trava uma conversa com uma misteriosa senhora Rubi, sobre uma flor que não deveria ser destruída, fazendo referência ao conto *Um som de trovão*. A motivação passional, presente em outros textos, não se faz presente nesse, cujo protagonista busca salvar a humanidade de um sombrio futuro pós-apocalíptico.

Imagem 13 – Imagem referente ao aluno A6


A Viagem no tempo de Aninha

Aninha era uma garotinha muito esperta, OPS! Quer dizer uma mocinha, e uma coisa do passado [illegible] ficou marcado na vida dela... Quando ela era pequena, sua avô faleceu, sua vó favorita... Ela amava muito ela. E um dia ela sentada na varanda de sua casa, teve uma ideia: E se eu inventasse uma máquina do tempo para voltar no passado para mim ver vó pelo menos uma vez?! Daí sua mãe chegou de mansinho e perguntou: Aninha, o que cê tá fazendo? Aí ela respondeu nada mãe só vou fazer uma máquina, para voltar ao passado. Sua mãe não botou muita fé nela não... Mas pensou! Ah deve ser essas coisas de crianças... Não ligou muito não! Então foi se passando dias e dias, semanas e semanas... Até que a máquina da garota ficou pronta, E quando ela fez o último teste, e viu que estava pronta! foi logo pegando sua mochila, comida, brinquedo favorito e tals.... Foi até a máquina respirou fundo, sentou-se na máquina e puxou a alavanca e foi voltando ao passado, 2017, 2016, 2015, 2014... Até chegar no ano em que sua vó morreu! E quando chegou lá estava sua avózinha querida, sorrindo fazendo suas brincadeiras, protegendo ela do pai para que ela não apanhasse KKK... Ela aproveitou cada minuto, mesmo aquele que não importasse muito, só pra viver mais uns [illegible] com sua vó. Até sua avô morrer! e ela voltou para o futuro... 2014, 2015, 2016, 2017 e chegou em 2018! Chegando lá viu sua mãe, seu pai, seus irmãos e toda sua família, todos chorando preocupados com ela! Aí ela disse: Mãe cheguei! Sua mãe [illegible] e deu um abraço apertado, aliviada [illegible]. E Aninha mostrou para toda a sua família fotos dela com sua vó! E sua mãe disse: [illegible]. Ela deu um sorriso imenso e [illegible] feliz!

Fonte: acervo da pesquisa.

Esse texto apresenta uma característica diferente dos outros, por mostrar um grau maior de coloquialidade em relação aos anteriores. A estória se desenvolve em ritmo leve, num tom de humor típico dos desenhos animados. Tirar o peso dramático, conversar com o leitor, tornar o texto agradável para quem o lê, criando um grau de cumplicidade com o texto, são ferramentas interessantes de aproximação entre a narrativa e seus possíveis interlocutores. Mais uma vez, a motivação principal para a criação da máquina do tempo foi o aspecto emotivo: a protagonista queria rever a avó, falecida há alguns anos.

Essa intervenção gerou um efeito catalizador na memória afetiva dos alunos, que buscaram, em suas narrativas, resgatar em seus textos pessoas que se foram em suas vidas. Devido a isso, é possível que o fator afetivo tenha sido determinante no fato de a maioria dos textos narrarem viagens ao passado, e não ao futuro, como no livro de H. G. Wells.

CAPÍTULO 5

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que podemos depreender de toda essa experiência interventiva? Vamos analisar em três pontos distintos e, ao mesmo tempo, complementares, para em seguida juntarmos os elementos convergentes. A Escola tem desempenhado bem o seu papel de formadora de leitores? Os alunos sentem-se estimulados à leitura e têm melhorado a proficiência leitora? O professor tem se esforçado em apresentar aos alunos leituras condizentes com os interesses deles? Tem demonstrado ser um bom leitor e os estimulado a se tornarem?

A escola, local por excelência de um estímulo a priori ao desenvolvimento da competência leitora dos alunos (mas não o único), tem se esforçado em propor estratégias de ensino que aproximem o estudante da leitura literária. Entretanto, não há uma integração num nível macro social que empreenda uma intervenção sistêmica que alcance resultados estatísticos satisfatórios. O Estado falha nesse sentido, pois não existem ainda medidas que se mostrem eficazes na formação de leitores proficientes. Outros fatores interferem nesse problema, fatores de ordem social, econômica, cultural e etc. Apesar dos esforços, escola encontra obstáculos nessa caminhada. Ela precisa se desvencilhar de um dilema que se impôs a ela nos últimos tempos: como a escola pode se adaptar a uma geração de alunos que são filhos de uma revolução tecnológica em marcha, usando técnicas de ensino oriundas ainda do século XIX? Superar esse dilema é um desafio que precisa ser enfrentado. Enquanto a escola não conseguir superar esse desafio, é possível que ela não consiga desempenhar melhor o seu papel na formação de leitores.

Por outro lado, e é importante mencionar isso, existe uma grande contradição nessa evolução no acesso à informação via tecnologia, porque, ao mesmo tempo que uma parcela cada vez maior da sociedade tem acesso à alta tecnologia, essa mesma parcela não consegue ter um nível de vida condizente com essa evolução. Entender esse contexto *cyberpunk* do lema *High Tech Low Life*, temática oriunda da ficção científica que invade a vida real, é essencial para poder equacionar a realidade atual, na qual um adolescente tem acesso ao mundo em suas mãos por um smartphone, mas muitas vezes não tem acesso a direitos básicos como água encanada e uma escola de qualidade. São questões que fogem ao controle da escola, o que faz com ela tenha problemas no entendimento e posterior enfrentamento dessas questões, questões que acabam se refletindo dentro do

ambiente escolar e que são urgentes em serem resolvidas.

Devido a tudo isso, desses problemas que ainda não foram totalmente entendidos, os alunos encontram-se numa situação difícil. Colocar a culpa neles é negligenciar um problema que também (e talvez principalmente) é da escola. Ouve-se muito dos professores que os alunos de hoje em dia não querem aprender, que eles não têm perspectiva de vida, que eles não respeitam a escola e o professor e etc. Atacar essa questão terceirizando o problema e não sentir-se parte dele é um erro, e não é assim que ele será resolvido.

Essa soma de fatores deixam o aluno muito distante da leitura, mais ainda da literária, fazendo com que a escola falhe na sua grande missão, que é formar leitores proficientes. Muitas vezes o estímulo até existe, mas ele é feito a partir única e exclusivamente do ponto de vista do professor, sem levar em consideração a cosmovisão dos alunos acerca da realidade, suas preferências e predileções. Encontrar o meio termo, estimular os alunos a ter acesso ao cânone, sem negligenciar as suas preferências, é a chave de acesso à tão almejada competência leitora. Ajudar os estudantes a perceber a atualidade dos clássicos, mesmo tratando-se de obras com mais de um século, é uma etapa essencial nesse processo.

A presença do professor em todo esse processo é vital, pois é ele que serve de ponte entre a leitura literária e o aluno. O aluno pode encontrar por si só uma prática de leitura fora da escola, mas é no ambiente escolar, com a ajuda do professor, que a leitura literária pode se transformar numa prática social, mudando a concepção de uma parcela maior da sociedade. Assim, se o professor não é um leitor proficiente, se ele não procura se atualizar, investindo em sua formação, se não pesquisa estratégias de ensino que possibilitem uma abordagem positiva com aluno, ajudando-o em seu letramento, não é possível o acesso à leitura literária no contexto escolar. O professor precisa ele mesmo ser um entusiasta da literatura, tem que ser um leitor ávido, pois não é possível que o aluno se sinta motivado a ler por um professor que não lê.

Vemos que a escola quer desempenhar bem o seu papel, mas são na maioria das vezes ações isoladas e pontuais. Falta, portanto, o intercâmbio de ideias e colocar as boas ideias em prática, sempre considerando o protagonismo do aluno.

Esta intervenção teve como mérito estimular o hábito de leitura dos estudantes, fazendo-os perceber que o letramento literário é um processo contínuo, e que eles podem ler uma obra de literatura sem se sentirem amedrontados, que é

algo factível, ao alcance deles. Desmistificar a leitura literária, taxada como algo difícil e chato, é um trabalho que se impõe ao professor, e os resultados positivos, quando esse desafio é encarado de frente, são enormes; podem ser vistos benefícios a longo prazo em todas as disciplinas, visto que a leitura é a via pela qual todo o conhecimento perfaz o seu percurso cognitivo, dos livros à mente do aluno.

Incentivar os alunos, que não têm a leitura como prática, nem na escola e muito menos fora dela, foi um desafio enorme, mas que foi encarado sem medo. Utilizar uma metodologia eficaz, fazer boas escolhas dos textos a serem lidos, dividir a intervenção em etapas, permite ao professor pensar racionalmente acerca do seu planejamento, e consequentemente encontrar meios eficazes para catalisar o hábito de leitura nos alunos. Acima de tudo, lutar contra uma realidade dura e adversa, onde muitas vezes falta o mais essencial, faz com que os grandes heróis dessa jornada literária sejam os estudantes, que algumas vezes não têm nem o que comer, e mesmo assim enfrentaram o desafio proposto pelo professor. Eles viram que podem ser os protagonistas do processo de ensino aprendizagem, e viram que o conhecimento está ali na frente, ao alcance deles.

A grande mensagem que este trabalho pode deixar aos professores é que os seus alunos são capazes de fazer coisas incríveis, desde que tenham o estímulo correto. Na maioria das vezes a realidade é adversa conosco, que não temos os meios necessários de realizar um bom trabalho com nossos alunos. Todavia, temos que pensar que essa realidade é dura também com os alunos, e que todos nós estamos imersos nesse labirinto cheio de armadilhas chamado vida; dar uma luz, servir de farol para os nossos alunos, eis a nossa missão.

Como leitores, os alunos evoluíram no sentido de se tornarem mais independentes; eles perceberam que podem ler literatura, por mais que a temática seja complexa, como o livro lido por eles, uma obra de ficção científica que tinha como tema a viagem no tempo. Eles têm pouco acesso à leitura literária na escola, o que dificultou o trajeto de letramento escolar deles. Em face disso, foi mostrado que eles podem usar a tecnologia como aliada, pois a internet dispõe de muitos livros digitais para download.

Apesar dos avanços alcançados, ainda existem muitas dificuldades a serem superadas. Observamos muitas deficiências no que diz respeito à escrita dos alunos. Os textos produzidos por eles apresentam muitos problemas de pontuação, ortografia, coesão e coerências textuais, além da noção de verossimilhança,

conceito tão caro à literatura no geral e à ficção científica em particular, que os alunos algumas vezes deixaram de lado. Apesar disso, ficamos satisfeitos com os resultados obtidos, pois o foco principal desta intervenção era o processo de letramento literário dos alunos, e de inserir de uma vez por todas a leitura literária em suas vidas.

Por fim, o Profletras como programa que promove o crescimento intelectual dos professores, deu-nos a chance de repensar a prática. Repensar a sua prática, rever seus conceitos, recalcular estratégias, são ações que devem fazer da rotina de todos os professores. Temos uma missão complicada, pois a escola, nosso ambiente de trabalho, precisa rever a forma como ela vê o aluno em face da tecnologia, cada vez mais avançada. Esse anacronismo impede a escola de entender o aluno em sua totalidade. Em vista disso, o Profletras surge como uma proposta ímpar de o professor rever e aprimorar a sua prática docente, crescendo enquanto profissional e pesquisador, o que é uma experiência nova para muitos. Fazer um mestrado voltado para a docência é algo que pode mudar a trajetória de um professor, e quando o professor consegue sair do marasmo e desânimo que às vezes ronda a sua profissão, a vida de seus alunos também pode mudar. Unir um mestrado à prática profissional é importante para o professor que quer melhorar a sua prática, e o Profletras, ao unir essas duas coisas, presta um grande serviço à sociedade.

E o que podemos concluir dessa viagem fantástica que é ser o condutor desses alunos em busca do tempo perdido sem contato com a leitura? Fornecer aos nossos alunos leituras que possam iluminar suas mentes, que os instiguem à descoberta de novos mundos, bastando só que descortinem onde se encontram as palavras mágicas, como as escreveu Drummond:

Certa palavra dorme na sombra
de um livro raro.
Como desencantá-la?

É a senha da vida
a senha do mundo.
Vou procurá-la.

Vou procurá-la a vida inteira
no mundo todo.

Se tarda o encontro, se não a
encontro,
não desanimo,
procuro sempre.

Procuro sempre, e minha procura
ficará sendo
minha palavra.

Drummond (2002).

REFERÊNCIAS

AGUIAR, V. T.; BORDINI, M. G. **Literatura**: a formação do leitor. Alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

ALDISS, Brian. **Os negros anos-luz***.* São Paulo: Cultrix, 2016.

ALLEN, David. **No mundo da ficção científica**. São Paulo: Summus editorial, 1974.

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino**: outra escola possível. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2009.

ASIMOV, Isaac. **Para onde vamos?** São Paulo: Hemus, 1979.

BRADBURY, Ray. **Farenheit 451**. 2. Ed. São Paulo: Globo, 2012.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**: língua portuguesa. Ensino fundamental. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: educação infantil e ensino fundamental. Brasília, DF: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2019.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In*: CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário**: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: contexto, 2016.

FIKER, Raul. **Ficção Científica**: ficção, ciência ou épica da época?. Porto Alegre: L&PM, 1985.

FREIRE, Paulo. Considerações em torno do ato crítico de estudar. *In*: FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

GEBARA, Ana Elvira Luciano. **A poesia na escola**: leitura e análise de poesia para crianças. São Paulo: Cortez, 2012.

LACERDA, Fábio Soares Pietraroia. Os meios de comunicação de massa, a ciência e a ficção científica. **Facom - Revista da Faculdade de Comunicação da FAAP**, São Paulo, n. 12, p. 37-43, jan. 2004. Disponível em: http://www.faap.br/revista_faap/revista_facom/facom_12/facom_12.pdf. Acesso em: 30 maio 2018.

LAJOLO, Marisa. **Literatura ontem, hoje, amanhã**. São Paulo: UNESP, 2018.

LEONARDO, Edivaldo Marcondes. **A Ficção Científica no Brasil nas décadas de 60 e 70 e Fausto Cunha**. 2007. 104 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Departamento de Teoria Literária, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: OBJETIVA, 2009.

MOITA LOPES, L. P. Pesquisa interpretativista em Lingüística Aplicada: a linguagem como condição e solução. **D.E.L.T.A**., v. 10, n. 2, p. 329-338, 1994.

OTERO, Léo Godoy. **Introdução a uma história da ficção científica**. São Paulo: Lua Nova, 1987.

PERISSÉ, G. **Literatura & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PILATI, Alexandre. **Poesia na sala de aula**: subsídios para pensar o lugar e a função da literatura em ambiente de ensino. São Paulo: Pontes Editores, 2017.

ROBERTS, Adam. **A verdadeira história da ficção científica**: do preconceito à conquista das massas. São Paulo: Seoman, 2018.

SODRÉ, M. **Best-Seller**: a literatura de mercado. Rio de Janeiro: Ática, 1988.

SOUZA, R. M.; GOMES, E. F.; PIASSI, L. P. **O Robô de Júpiter**: o ensino de ciências mediado pela ficção científica. Ensino, Saúde e Ambiente, v. 5, n. 2, p.13-24, ago. 2012. Disponível em: http://periodicos.uff.br/ensinosaudeambiente/article/view/21075/12549 . Acesso em: 9 fev. 2018.

TAVARES, Bráulio. **O que é ficção científica**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1986.

TODOROV, T. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

WELLS, H. G. **A guerra dos mundos**. Rio de Janeiro: Suma das Letras, 2016.

WELLS, H. G. **A máquina do tempo**. Porto Alegre: L&PM, 2017. 160 p.

WELLS, H. G. **A máquina do tempo**: texto em português de Paulo Mendes Campos. Rio de Janeiro: Tecnoprint S. A., 1972.

APÊNDICE – PLANO DE ENSINO ELABORADO A PARTIR DO MODELO DE SB DE COSSON

A MÁQUINA DE FAZER LEITORES

Ano / Série: 9º Ano.

Nível de Ensino: Ensino Fundamental.

Tempo previsto: 17 aulas

Professor: Eriróbson Dantas de Lima **Livro:** A Máquina do Tempo

Autor: H. G. Wells

OBJETIVO GERAL:

- Despertar o gosto pela leitura literária através do romance de ficção científica *A máquina do tempo*.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Promover o contato com o gênero romance de ficção científica;
- Explorar palavras e expressões próprias do romance de ficção;
- Identificar sensações provocadas pela leitura do romance;
- Promover discussões sobre os personagens;
- Construir uma linha do tempo inventando a sua própria viagem;
- Produzir um conto de ficção científica.

MATERIAL NECESSÁRIO:

- Cópias do livro: A Máquina do tempo, de H. G. Wells;
- Projetor de multimídia;
- Filme: A máquina do tempo;
- Quadro e pincel;
- Lápis e papel.

METODOLOGIA:

- O percurso metodológico desta intervenção de caráter qualitativo será descrito no desenvolvimento da análise da Sequência Básica utilizada como instrumental de coleta de dados.

AVALIAÇÃO:

- A avaliação será somatória, feita individual e coletivamente a partir das atividades propostas, tendo em vista os objetivos propostos e atendendo as expectativas que respondam à problemática central de nossa intervenção, que é a promoção da leitura literária em sala de aula.

REFERÊNCIAS:

COSSON, Rildo. **Letramento Literário**: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: contexto, 2016.

WELLS, H. G. **A máquina do tempo**. Porto Alegre: L&PM, 2017. 160 p.

OFICINA Nº 01 - Motivação

Tempo estimado: 02 aulas Objetivo:

- Refletir acerca do conceito de tempo;

CONTAGEM REGRESSIVA PARA A LEITURA

Nossa primeira oficina será desenvolvida a partir de uma motivação, para apresentação do romance: A máquina do tempo, de H. G. Wells, aos alunos. Conversarei com os alunos acerca do conceito de tempo, mostrando duas concepções filosóficas diferentes sobre o tempo: o tempo como algo interno ao homem, subjetivo e psicológico, e o tempo como algo externo, objetivo e cronológico; instigando-os a refletirem sobre isso, para então realizar um pequeno debate, a fim de que eles socializem as suas impressões.

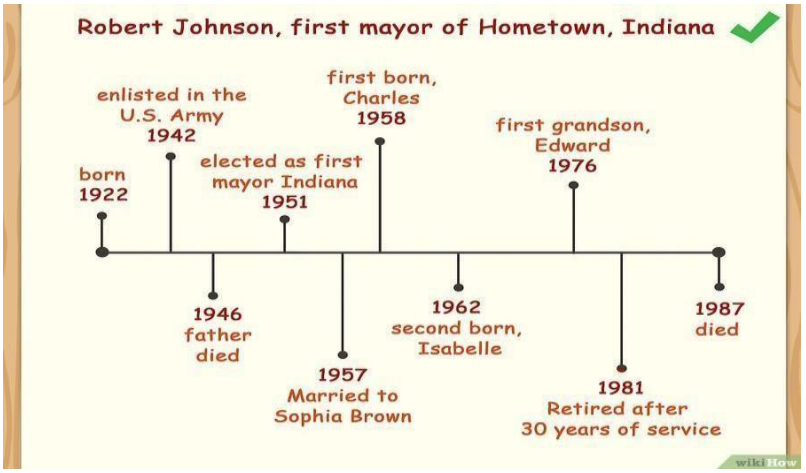
OFICINA Nº 02 - Motivação

Tempo estimado: 02 aulas Objetivo:

- Criar uma linha do tempo imaginária.

CRONOLOGIA DOS SONHOS

Nesta oficina, será pedido que cada aluno desenhe, numa folha de papel, a sua linha do tempo, desde o nascimento até o presente. Em seguida pedirei que eles projetem uma linha imaginária, como se vissem os acontecimentos futuros que desejam que aconteçam em suas vidas daqui a dez anos. Após isso, fazer a socialização da linha do tempo. A linha do tempo a ser realizada ter-se-á como modelo o exemplo a seguir:



A atividade será realizada com base na proposta de produção da linha do tempo retirada do site: https://pt.wikihow.com/Fazer-uma-Linha-do-Tempo.

OFICINA Nº 03 – Introdução Tempo estimado: 02 aulas

Objetivos:

- Conhecer o gênero ficção científica;
- Conhecer o escritor Herbert George Wells;
- Ter o primeiro contato com o livro: *A Máquina o Tempo*.

CONHECENDO O GÊNERO FICÇÃO CIENTÍFICA

Esse momento será destinado a uma exposição do gênero ficção científica, suas características, os principais temas abordados e seus principais escritores. A seguir, será apresentada uma pequena biografia de H. G. Wells e suas principais obras, explicando a importância do autor para o gênero em questão. Por fim, será mostrada a obra a ser lida pelos alunos, o livro *A máquina do tempo*, do autor acima citado.

Segue abaixo o link de um site que mostra um infográfico sobre a vida e a obra do autor: https://infograficos.oglobo.globo.com/cultura/150-anos-de-h-g-wells.html

OFICINA Nº 04 - Leitura

Tempo estimado: 02 aulas Objetivos:

- Fazer a leitura dos dois primeiros capítulos do livro A Máquina do Tempo;
- Entender o que é a quarta dimensão mencionada no livro;
- Perceber a mudança de foco narrativo no início da narrativa.

INICIANDO A VIAGEM

A leitura dos dois primeiros capítulos será feita em sala de aula, para que os alunos possam compreender de que trata o romance. Falar sobre o que é a quarta dimensão discutida pelo narrador e sobre a mudança de foco narrativo presente no início do romance. Após a leitura, será feita uma roda de conversa para os alunos exporem as suas primeiras impressões do livro.

Sobre a quarta dimensão:

O que é a quarta dimensão?

As três primeiras dimensões – comprimento, largura e altura – representam o espaço. A quarta representa o tempo. Se estabelecermos um sistema de referência como o da figura, com três eixos perpendiculares entre si, qualquer ponto do espaço pode ser definido por três números, que representam as coordenadas do ponto em relação aos eixos. Tudo o que acontece, porém, acontece no tempo. Portanto, para descrever um acontecimento, é preciso mais um número, que represente uma medida de tempo, isto é, uma coordenada temporal. A novidade anunciada no início do século por Einstein, é que espaço e tempo, ao contrário do que se pensava, são grandezas intimamente relacionadas. Para escrever as equações de sua Teoria da Relatividade, ele utilizou então sistemas de referência de quatro dimensões (de impossível representação gráfica) e passou a tratar o espaço e o tempo como uma entidade única, o espaço-tempo.

Fonte: https://super.abril.com.br/comportamento/quarta-dimensao/

OFICINA Nº 05 – Leitura

Tempo estimado: 03 aulas Objetivo:

- Fazer a leitura de outra obra sobre viagem no tempo;

LENDO OUTRA HISTÓRIA SOBRE VIAGEM NO TEMPO

Começarei essa aula falando um pouco mais sobre o tema viagem no tempo, mostrando que esse tema também é muito usado no cinema, mostrando exemplos de filmes que abordam essa temática. A seguir faremos a leitura do conto *O som do trovão*, de Ray Bradbury, que também trata sobre viagem do tempo.

Eis um resumo do enredo do conto retirado do site: http://www.cienciamao.usp.br/tudo/exibir.php?midia=cfc&cod=_umsomdetrovao

O conto começa quando Eikels vê um cartaz que falava de voltar no tempo numa atividade de Safari para práticas de caça. Interessado, se envolve numa Máquina do Tempo do qual paga, sabendo que levaria multa ou ocorreria risco de vida se não seguisse as regras. Travis, um dos guias, o acompanharia, sendo a caça permitida apenas nos animais autorizados, os que já tinham o conhecimento da morte, não alterando assim a cadeia das evoluções futuras das espécies, frisando

que o mínimo contato com esses animais poderia alterar mesmo que sutilmente o futuro. Contudo, Eikels só quando cai na realidade e o perigo de estar na época dos Dinossauros percebe a gravidade e o medo, e arrependimento fala mais alto, quebrando as regras do percurso saindo assim da pista, tomando contato com o passado. Quando volta para a realidade do seu tempo, percebe que de fato algo muito pequeno alterou seu presente, caindo num arrependimento e culpa por não poder mais alterá-lo causado pela morte de uma borboleta.

OFICINA Nº 06 – Interpretação

Tempo estimado: 02 aulas

Objetivos:

- Refletir sobre o conceito de paradoxo temporal;
- Associar os paradoxos estudados na oficina e aplica-los ao romance A Máquina do Tempo.

PARADOXO TEMPORAL

Nessa oficina, conversarei com os alunos acerca do conceito de paradoxo temporal, mostrarei alguns exemplos e proporei um debate sobre o tema. A seguir, vou propor o seguinte desafio: e se o viajante, no final da história, ao invés de viajar para o futuro, viajasse para o passado? Que tipo de consequências isso traria para o viajante? Eis alguns exemplos de paradoxo temporal que serão usados na aula:

1. **Paradoxo do Avô**: Certamente o mais famoso paradoxo temporal. Suponha um viajante do tempo voltando ao passado para matar seu próprio avô quando este ainda é uma criança, desta forma o pai do viajante não nasceria, tão pouco o viajante. Mas, o que aconteceria ao viajante? Deixaria de existir?
2. **Paradoxo da Acumulação**: Imaginemos que alguém volte a um determinado ponto do passado onde, originalmente, ele esteve. Encontraria sua própria cópia (ou melhor, seu original – ou será cópia?). Se voltasse a esse ponto da história outras vezes, veria várias cópias de si.
3. **Paradoxo Final**: Criado por um viajante do tempo que muda a História de modo que viagem no tempo nunca seja inventada.
4. **Paradoxo dos Loops de Informação**: Acontece quando uma informação é

enviada do futuro para o passado de modo a se tornar a fonte inicial da mesma informação tal como existia no futuro.

5. **Paradoxo das Linhas de Tempo Alternativas**: Segundo esse paradoxo, o passado não pode ser modificado, e qualquer tentativa de mudá-lo causará a criação de uma linha de tempo alternativa, de existência paralela à linha de tempo original a partir do ponto de mudança. A mera chegada do viajante no passado já causaria sua mudança.
6. **Paradoxo da Causa e Efeito**: Se alguém viaja para o passado no objetivo de alterar um evento para mudar o presente, assim que o fizesse o motivo pelo qual se viajou deixaria de existir, e consequentemente a viagem também. Neste paradoxo está baseado o filme “A Máquina do Tempo”.

   Fonte: https://maringapost.com.br/ahduvido/os-12-paradoxos-da-viagem-no-tempo/

OFICINA Nº 07 – Interpretação

Tempo estimado: 03 aulas

Objetivos:

- Assistir a um filme baseado na obra *A máquina do tempo*, de H. G. Wells;
- Discutir sobre semelhanças e diferenças entre o livro e o filme.

VENDO OUTRAS MÍDIAS

Nesta oficina serão mostradas outras mídias para as quais a obra *A máquina do tempo* foi adaptada: para o cinema e os quadrinhos. Conversar com os alunos sobre suas impressões acerca das adaptações, fazendo um paralelo com o livro de H. G.Wells.

Alguns dados sobre o filme:

- Data de lançamento: **19 de abril de 2002** (1h 35min);
- Direção: Simon Wells;
- Elenco: Guy Pearce, Jeremy Irons, Orlando Jones mais;
- Gêneros: Fantasia, Aventura, Ficção científica, Ação;
- Nacionalidade: EUA;
- Cartaz do filme:

Fonte: http://www.adorocinema.com/filmes/filme-29207/

OFICINA Nº 08 – Interpretação

Tempo estimado: 02 aulas

Objetivos:

- Escrever um conto de FC sobre viagem no tempo.

ESCREVENDO UM CONTO DE FC

Nesta última oficina, será proposto aos alunos a escrita de um conto de FC sobre o tema viagem no tempo.

ANEXO – UM SOM DE TROVÃO (RAY BRADBURY)

SAFARIS NO TEMPO, INC.

SAFARIS PARA QUALQUER ANO DO PASSADO

VOCÊ DIZ QUE ANIMAL.

NÓS O LEVAMOS LÁ.

VOCÊ O ABATE.

Uma flegma quente acumulou-se na garganta de Eckels; engoliu e empurrou-a para baixo. Os músculos ao redor de sua boca formaram um sorriso enquanto ele estendeu sua mão lentamente pelo ar, e naquela mão, balançava-se um cheque de dez mil dólares, para o homem atrás da escrivaninha.

— Este safári garante que eu volte v ivo?

— Não garantimos nada — falou o funcionário — exceto os dinossauros. — Voltou-se. – Este é o Sr. Travis, seu Guia, no safári ao passado. Ele vai dizer-lhe o que e aonde atirar. Se ele disser para não atirar, não se atira. Se desobedecer às instruções, há uma pesada multa de mais de dez mil dólares, mais um possível processo do governo, quando voltar.

Eckels olhou, através do amplo escritório, numa completa confusão disforme, de fios entrelaçados e caixas de aço zumbindo, para uma aurora que agora reluzia laranja, então prateada, e então, azul. Havia um som como uma descomunal pira queimando todo o Tempo, todos os anos e todos os calendários, todas as horas empilhadas e incendiadas.

Um toque da mão e esta queima, instantaneamente, se reverteria lindamente. Eckels lembrou-se literalmente das palavras da propaganda. De carvões e cinzas, da poeira e das brasas, como salamandras douradas, os velhos tempos, os anos jovens, podem saltar; rosas suavizando o ar; cabelo branco enegrecendo-se, rugas desaparecendo; tudo ,voltando totalmente à origem, fugir à morte, precipitar-se para o começo de tudo, o sol nascendo nos céus ocidentais, e pondo-se gloriosamente no leste, luas devorando-se a si mesmas no sentido oposto ao costumeiro, e tudo se

sobrepondo, como caixas chinesas, coelhos em cartolas, tudo e todos retornando à morte viva, a morte da semente, a morte verde, ao tempo de antes do começo. O toque da mão poderia fazê-lo, o mero toque da mão.

— Inacreditável. — Eckels respirava, com a luz da Máquina sobre seu rosto fino. — Uma verdadeira Máquina do Tempo. — Abanou a cabeça. — É de fazer pensar. Se a eleição tivesse ido mal ontem, eu poderia estar agora me afastando dos resultados. Felizmente Keith ganhou. Será um bom presidente para os Estados Unidos.

— Sim — falou o homem por trás da mesa. — Temos sorte. Se Deutscher tivesse ganho, teríamos a pior ditadura. Há sempre um homem anti-tudo, um militarista, um anti-Cristo, anti-humano, anti-intelectual. O povo nos requisitou, sabe, como que brincando, mas a sério. Diziam que se Deutscher se tornasse presidente, queriam viver em 1492. Claro, não é o nosso negócio conduzir Fugas, mas organizar Safáris. De qualquer maneira, Keth é o presidente, agora. Tudo com que precisa preocupar-se agora é...

— Caçar meu dinossauro — Eckels acabou para ele.

— Um Tyranossaurus rex. O Lagarto Tirano, o monstro mais inacreditável de toda a história. Assine este termo. O que quer que aconteça com você, não somos responsáveis.Esses dinossauros são muito vorazes. Eckels animou-se, nervoso. — Tentando assustar-me!

— Francamente, sim. Não queremos que vá alguém que entre em pânico ao primeiro tiro. Seis lideres de safári foram mortos no ano passado, e uma dúzia de caçadores. Estamos aqui para dar-lhe a maior emoção que um caçador de verdade jamais almejou. Mandá-lo de volta sessenta milhões de anos, para pegar a maior caça de todos os tempos. Seu cheque ainda está aqui. Pode rasgá-lo. O Sr. Eckels olhou para o cheque. Seus dedos retorceram-se.

— Boa-sorte — falou o homem atrás da escrivaninha. — Sr. Travis, ele é todo seu. Moveram-se silenciosamente, atravessando a sala, levando suas armas com eles, em direção à Máquina, rumo ao metal prateado e às luzes gritantes.

Primeiro, um dia e então uma noite e então um dia e então uma noite, e então era dia-noite-dia-noite-dia. Uma semana, um mês, um ano. uma década! 2055 a.D., 2019 a.D., 1999! 1957! Partida! A máquina rugia. Puseram suas máscaras de

oxigênio e testaram os intercomunicadores. Eckels inclinou-se no assento estofado, rosto pálido, maxilar enrijecido. Sentia o tremor em seus braços, olhou para baixo e achou suas mãos firmes no novo rifle. Haviam quatro outros homens na Máquinas. Travis, o líder do Safári, seu assistente, Lesperance, e mais dois outros caçadores, Billings e Kramer. Sentavam-se olhando uns para os outros, e os anos ardiam à volta deles.

— Estas armas podem dar conta de um dinossauro? — Eckels sentiu sua boca dizendo.

— Se os acertar direito — disse Travis pelo rádio do capacete. — Alguns dinossauros têm dois cérebros, um na cabeça e outro no fim da espinha. Ficamos longe destes. É abusar da sorte. Atire as duas primeiras vezes nos olhos, se puder, e cegue-os, e volte a atirar no cérebro.

A Máquina bramia. O Tempo era um filme passado ao contrário. Os sóis voavam e dez milhões de luas, atrás deles. — Pense só — disse Eckels. — Todos os caçadores que jamais viveram nos invejariam hoje. Isto faz a África parecer com o Illinois.

A Máquina desacelerou; seu grito caiu para um sussurro. A Máquina parou. O sol parou no céu.

A névoa que envolvera a Máquina dissipou-se e estavam num tempo antigo, muito antigo mesmo, três caçadores e dois chefes de safári com suas armas metálicas sobre os joelhos.

— Cristo ainda não nasceu — disse Travis. — Moisés ainda não foi à montanha, para falar com Deus. As pirâmides ainda estão na terra, esperando para serem recortadas e montadas. Lembrem-se disso. Alexandre; César; Napoleão; Hitler; nenhum deles existe.

O homem fez que sim.

— Aquilo. — Apontou o Sr. Travis – é a selva de sessenta milhões dois mil e cinqüenta e cinco anos antes do presidente Keith.

Mostrou o caminho de metal que cruzava o verde selvagem, sobre um amplo pântano, por entre fetos e palmeiras.

E aquele — disse — é o Caminho, colocado por Safáris no Tempo, para seu

uso. Flutua a seis polegadas acima da terra. Não toca senão no máximo uma grama, flor ou árvore. É um metal antigravitacional. Seu propósito é evitar que vocês toquem, de qualquer maneira que seja, este mundo do passado. Fiquem no Caminho. Não saiam dele. Repito. Não saiam. Por qualquer razão que seja! Se caírem, serão multados. E não disparem em nenhum animal que não aprovemos.

— Por quê? — perguntou Eckels.

Sentaram-se, na floresta antiga. Gritos distantes de pássaros vieram com o vento, e o cheiro de alcatrão e de um velho oceano salgado, grama úmida, e flores da cor de sangue.

— Não queremos mudar o Futuro. Não pertencemos ao Passado. O governo não gosta de nós aqui. Temos que pagar muita propina para garantir nossa licença. A Máquina do Tempo é um negócio extremamente delicado. Sem saber, poderíamos matar um animal importante, um pequeno pássaro, uma barata; mesmo uma flor, assim destruindo um elo importante, numa espécie em evolução.

— Isso não fica muito claro, — falou Eckels.

— Está bem — continuou Travis, — suponhamos que acidentalmente matemos um rato, aqui. Isso quer dizer que todos as futuras famílias deste rato, em particular, serão destruídas, certo?

— Certo.

— E todas as famílias das famílias, daquele rato! Com um pisão de seu pé, você aniquila primeiro um, então uma dúzia, então mil, um milhão, um bilhão de ratos, possivelmente!

— Então estarão mortos; e daí?

— E daí? — Travis torceu o nariz. — Bem, e as raposas que precisariam daqueles ratos para sobreviver? Para cada dez ratos a menos, morre uma raposa. Para cada dez raposas a menos, um leão morre de fome. Para cada leão a menos, insetos, abutres, infinitos bilhões de formas de vida são lançados ao caos e à destruição. Eventualmente, tudo recai no seguinte: cinqüenta e nove milhões de anos depois, um troglodita, um, de uma dúzia no mundo inteiro, vai caçar javalis ou tigres de dentes de sabre para comer. Mas você, amigo, pisou em todos os tigres daquela região. Pisando num só rato. Assim o troglodita morre de fome. E este

homem das cavernas, note bem, não é qualquer um dispensável, não senhor! Ele é toda uma nação futura. Dele, teriam saído dez filhos. E destes, mais cem, e assim por diante, até a civilização. Destruindo este único homem, destrói-se uma raça, um povo, toda uma história. É comparável a matar um neto de Adão. O pisão de seu pé, num rato, poderia principiar um terremoto, cujos efeitos poderiam abalar nossa terra e destinos pelo Tempo afora, até seus alicerces. Com a morte daquele troglodita, um bilhão de outros ainda não nascidos são mortos no útero. Talvez Roma nunca se erga sobre suas sete colinas. Talvez a Europa fique para sempre uma floresta espessa, e apenas a Ásia cresça, forte e saudável. Pise num rato e esmagará as Pirâmides. Pise num rato e deixará sua marca, como um Grand Canyon, pela Eternidade. A rainha Elizabete poderá nunca nascer. Washington poderá não cruzar o Delaware, poderá nunca haver Estados Unidos. Portanto, seja cuidadoso. Fique no caminho. Nunca pise fora!

— Percebo — comentou Eckels. — Então não poderíamos nem tocar a grama?

— Exato. Esmagar certas plantas poderia causar somas infinitesimais. Um erro mínimo seria multiplicado por sessenta milhões de anos, desmesuradamente. Claro, talvez nossa teoria esteja errada. Talvez o Tempo não possa ser alterado por nós. Ou talvez só possa ser alterado de maneiras sutis. Um rato morto aqui causa um desequilíbrio dos insetos ali, uma desproporção populacional mais tarde, uma colheita má mais adiante, uma depressão, fome, e finalmente uma mudança no temperamento social em países remotos. Algo muito mais sutil, como isso. Talvez algo ainda muito mais sutil. Talvez apenas uma respiração, um sussurro, um cabelo, um pólen no ar, uma mudança tão levezinha que se olhasse atentamente, não notaria. Quem sabe? Quem pode dizer que realmente sabe? Não sabemos. Estamos só adivinhando. Mas até que tenhamos certeza, se nossos passeios pelo Tempo podem fazer um barulhão ou um barulhinho na História, seremos cuidadosos.. Esta Máquina, este Caminho, suas roupas e corpo, foram esterilizados, como sabem, antes da viagem. Usamos estes capacetes de oxigênio de modo que não possamos introduzir bactérias nesta atmosfera primitiva.

— Como sabemos que animais abater?

— Estão marcados com tinta vermelha — explicou Travis. — Hoje, antes da viagem, mandamos Lesperance aqui com a Máquina. Ele veio a esta época em

particular e seguiu certos animais.

— Estudando-os?

— Isso — falou Lesperance. — Sigo-os por toda sua vida, observando quais vivem mais. Quantas vezes se acasalam. Poucas vezes. A sua vida é curta. Quando vejo que algum vai morrer com uma árvore caindo em cima dele, ou um que se afoga num poço de alcatrão, anoto a hora, minuto, e segundos exatos. Disparo um revólver de tinta. Deixa uma marca vermelha em seus flancos. Não podemos nos enganar. Então correlaciono com a chegada ao Caminho, de modo que encontremos o monstro a não mais de dois minutos de sua morte, inevitável. Desta forma, matamos apenas animais sem futuro, que nunca vão se acasalar de novo. Vê como somos cuidadosos?

— Mas se esta manhã você voltou no tempo, deve ter cruzado conosco mesmos, nosso safári! Como nos saímos? Tivemos sucesso? Conseguimos voltar todos... vivos?

Travis e Lesperance entreolharam-se.

— Isso seria um paradoxo, — falou este último. — O tempo não permite esse tipo de confusão; um homem encontrando a si mesmo. Quando há o risco de tais situações, o tempo desvia-se. Como um avião passando por um vácuo. Sentiu a Máquina pular antes de pararmos? Éramos nós passando por nós mesmos, a caminho do Futuro. Não vimos nada. Não há meio de dizer se esta expedição teve sucesso; se pegamos nosso monstro, ou se todos nós, isto é, o senhor, Sr. Eckels, saiu vivo.

Eckels sorriu, palidamente.

— Parem com essa conversa — interrompeu Travis. — Todos de pé!

Estavam prontos para deixar a Máquina.

A selva era alta, a selva era larga, e a selva era todo o mundo, para sempre. Sons como música, e sons como tendas voando, encheram o ar, e eram pterodátilos planando com cavernosas asas cinzentas, morcegos gigantescos de delírio e febre noturna. Eckels, equilibrado no estreito Caminho, apontou seu rifle, bem-humorado.

— Pare! — falou Travis. — Não aponte nem mesmo por brincadeira, idiota!

Se a arma dispara...

Eckels enrubesceu. — Aonde está nosso Tyranossaurus? Lesperance checou seu relógio de pulso. — Logo à frente. Vamos estar no caminho dele em sessenta segundos. Atenção para a tinta vermelha! Não atire até que eu mande. Fique no caminho. Fique no Caminho!

Moveram-se adiante, pelo vento da manhã.

Estranho — murmurou Eckels. — Lá adiante, daqui a sessenta milhões de anos, fim das eleições. Keith presidente. Todos celebrando. E aqui estamos, perdidos num milhão de anos, e eles não existem ainda. As coisas que nos preocuparam por meses, por uma vida inteira, nem nasceram nem foram idealizadas,ainda.

— Soltar as travas, todos! — ordenou Travis. Você dá o primeiro tiro, Eckels, Billings o segundo, e Kramer o terceiro.

— Já cacei tigre, javali, búfalo, elefante, mas agora, isto é incomparável — disse Eckels. — Estou tremendo como uma criança.

— Ah — fez Travis. Todos pararam.

Travis ergueu a mão. — À frente — falou, em voz baixa. — Na neblina. Lá está ele. Ali está Sua Majestade Real, agora.

A selva era ampla, e cheia de gorjeios, farfalhares, murmúrios e suspiros. Subitamente, tudo cessou, como se alguém tivesse fechado a porta. Silêncio.

Um som de trovão.

Da neblina, a cem jardas, vinha o Tyranossaurus rex.

— É ele — cochichou Eckels, — é ele... — Psss!

Ele veio sobre grandes pernas, oleosas, resilientes. Erguia-se a trinta pés, acima da metade das árvores, um grande deus do mal, dobrando suas delicadas garras de relojoeiro perto de seu peito oleoso, reptílico. Cada pata inferior era um pistão, mil libras de osso branco, mergulhadas em grossas cordas de músculos, revestidas por um brilho de uma pele pedregosa, como a malha de um terrível guerreiro. Cada coxa, uma tonelada de carne, marfim, e aço trançado. E da grande gaiola arquejante da parte superior do corpo, aqueles dois braços delicados pendurados para a frente, braços que poderiam erguer e examinar os homens como

brinquedos, enquanto se dobrava o pescoço de serpente. E a cabeça mesmo, uma tonelada de pedra esculpida, erguida com facilidade contra o céu. Sua boca escancarava-se, expondo uma cerca de dentes como dardos. Seus olhos rolavam, ovos de avestruz, vazios de qualquer expressão, exceto fome. Fechava a boca num sorriso da morte. Corria, seus ossos pélvicos derrubando para os lados árvores e arbustos, seus pés, com garras, afundando-se na terra úmida, deixando marcas de seis polegadas de profundidade aonde quer que apoiasse seu peso. Corria com um passo deslizante de ballet, muito aprumado e equilibrado para suas dez toneladas. Movia-se, cansado, numa arena ensolarada, suas mãos lindamente reptilianas tateando o ar.

— Ora, vejam — Eckels torceu a boca. — Poderia esticar-se e pegar a lua.

— Pssst! — fez Travis, nervoso. — Ele ainda não nos viu.

— Não pode ser morto. — Eckels pronunciou seu veredito, quieto, como se não pudesse haver discussão. Tinha avaliado a evidência, e era esta sua abalizada opinião. O rifle em sua mão parecia uma arma de brinquedo. — Fomos loucos de ter vindo. Isto é impossível.

— Cale-se! — silvou Travis.

— Pesadelo.

— Dê meia volta — comandou Travis. — Vá em silêncio para a Máquina. Podemos reembolsar-lhe metade de sua passagem.

— Não percebia como seria grande, — falou Eckels. — Avaliei mal, foi isso. E agora, quero desistir.

— Ele nos viu!

Lá está a tinta vermelha em seu peito! O Lagarto Tirano levantou-se. Sua carne de armadura rebrilhava como mil moedas verdes. As moedas, com uma crosta de lama, ferviam. No lodo, pequenos insetos esperneavam, de modo que todo o corpo parecia retorcer-se e ondular, mesmo enquanto o monstro não se movia. Expirou. O cheiro de carne crua foi soprado pelos ermos.

— Deixe-me sair daqui — disse Eckels. — Nunca foi como isto, agora. Eu sempre estava certo de que poderia sair vivo. Eu tinha bons guias, bons safáris, e segurança. Desta vez, enganei-me. Encontrei algo que me supera, e reconheço. É

demais para eu enfrentar.

— Não corra — falou Lesperance. — Dê a volta. Esconda-se na Máquina.

— Sim, — Eckels parecia entorpecido. Olhou para seus pés, como que tentando fazê-los mover-se. Deu um grunhido, incapaz.

— Eckels!

Deu alguns passos, piscando, hesitante, — Não por aí!

O Monstro, ao primeiro movimento, impulsionou-se para a frente com um grito terrível. Cobriu cem jardas em seis segundos. Os rifles ergueram-se rapidamente e iluminaram-se, com o fogo. Um vendaval da boca da besta engolfou-os na fedentina do lodo, e sangue envelhecido. O Monstro rugiu, dentes brilhando ao sol. Eckels, sem olhar para trás, caminhou cegamente para a borda do Caminho, sua arma carregada frouxamente em seus braços, saiu do caminho, e andou, inadvertidamente, pela floresta. Seus pés afundaram em musgo verde. Suas pernas o carregavam, e ele se sentia só e afastado dos eventos lá atrás.

Os rifles dispararam de novo. O som perdeu-se no grito e no trovão do lagarto. O grande volume da cauda do animal lançou-se para cima, e para o lado. Árvores explodiram em nuvens de folhas e ramos. O Monstro torceu suas mãos de joalheiro para acariciar os homens, para dobrá-los ao meio, para esmagá-los, como frutinhas, para empurrá-los para seus dentes e sua garganta ruidosa. Seus olhos, quais rochedos, estavam ao nível dos homens. Viram-se espelhados. Dispararam nas pálpebras metálicas e na luminosa íris.

Como um ídolo de pedra, como uma avalanche de montanha, o Tyranossaurus caiu. Trovejando, agarrou árvores, e puxou-as consigo. Agarrou e cortou o Caminho. Os homens precipitaram-se para trás, e para longe. O corpo abateu-se, dez toneladas de carne fria e pedra. Os rifles dispararam. O Monstro brandiu sua cauda blindada, crispou suas mandíbulas de serpente, e imobilizou-se. Uma fonte de sangue jorrava de sua garganta. Em algum lugar lá dentro, um saco de fluido estourou. Borbotões nauseantes inundaram os caçadores. Lá estavam vermelhos,brilhantes.

O trovão dissipou-se.

A selva estava silenciosa. Depois da avalanche, uma paz verde. Depois do

pesadelo, o amanhecer.

Billings e Kramer praguejavam pesadamente, com seus rifles ainda fumegando.

Na Máquina do Tempo, face abatida, Eckels tremia. Tinha conseguido voltar ao caminho, e subira na Máquina.

Travis chegou, olhou para Eckels, pegou gaze de algodão e, virou-se para os outros, que estavam sentados sobre o Caminho.

— Limpem-se.

Limparam o sangue de seus capacetes. Começaram a resmungar, também. O Monstro jazia ali como uma montanha de carne. Dentro dele, podia-se ouvir os sopros e murmúrios, enquanto seus recessos iam morrendo, os órgãos parando de funcionar, líquidos circulan do um último instante, de saco para a bolsa, para vesícula, tudo desligando-se, parando para sempre. Era como ficar perto de uma locomotiva acidentada, ou uma escavadeira a vapor, no momento de desligar, com todas as válvulas sendo desativadas. Ossos estalavam; a tonelagem de sua própria carne, desequilibrada, peso morto, quebrava os delicados braços, do lado de baixo. A carne se assentava aos tremores.

Outro estalido. Mais acima, um enorme galho de árvore partiu de sua pesada ancoragem, caiu. Golpeou certeiramente a fera morta.

— Pronto. — Lesperance verificou seu relógio. — Bem na hora. Essa era a grande árvore que deveria cair e matar este animal, originalmente. — Olhou para os dois caçadores. — Querem tirar a foto de troféu?

— Quê?

— Não podemos levar o troféu para o Futuro. O corpo deve ficar aqui, aonde deveria originalmente morrer, de modo que os insetos, pássaros, e bactérias possam devorá-lo, como devem. Tudo equilibrado. O corpo fica. Mas podemos tirar uma fotografia de vocês a seu lado.

Os dois homens fizeram força para pensar, mas desistiram, abanando as cabeças.

Deixaram-se guiar ao longo do Caminho de metal. Afundaram cansados, nos assentos da Máquina. Olharam de novo para o Monstro arruinado, o montículo em

estagnação, aonde já estranhos pássaros reptilianos e insetos dourados estavam ocupados com a fumegante armadura.

Um som no chão da Máquina do Tempo deixou-os tensos. Eckels estava lá, tremendo.

— Lamento muitíssimo — disse.

— Levante-se! — gritou Travis. Eckels levantou-se.

— Vá para o Caminho sozinho — falou Travis, com seu rifle apontado. Não vai voltar para a Máquina. Vamos deixá-lo aqui!

Lesperance agarrou o braço de Travis. — Espere...

— Fique fora disto! — Travis desvencilhou-se de sua mão. — Este louco quase matou-nos. Mas isso não é tanto assim. Vejam seus sapatos! Vejam! Ele saiu do Caminho. Isso nos arruína! Seremos multados! Milhares de dólares de seguro! Garantimos que ninguém deixa o Caminho, e ele o deixou. Ora, o louco! Terei de informar o Governo. Poderão cancelar nossa licença para viajar. Quem sabe o que ele fez ao Tempo, à História!

— Calma, tudo o que ele fez foi pisar em alguma sujeira.

— Como saber? — gritou Travis. — Não sabemos nada! É um mistério! Saia, Eckels!

Eckels mexeu em sua camisa. — Pago qualquer coisa. Mil dólares! Travis olhou para o talão de cheques de Eckels e cuspiu. — Saia. O Monstro está perto do Caminho. Afunde os braços até os cotovelos na boca dele. Então poderá voltar conosco.

— Isto é irrazoável!

— O Monstro está morto, seu idiota. As balas! As balas não podem ser deixadas para trás. Elas não pertencem ao Passado; poderão mudar alguma coisa. Aqui está a minha faca. Cave-as!

A selva estava viva de novo, cheia de antigos tremores e do barulho dos pássaros. Eckels voltou-se lentamente para olhar o monte de carniça primordial, aquela montanha de pesadelos e terror. Depois de um longo tempo, como um sonâmbulo, arrastou-se ao longo do Caminho.

Voltou, tremendo, cinco minutos depois, com seus braços ensopados e vermelhos até os cotovelos. Estendeu as mãos. Cada uma segurava algumas balas de aço. Então caiu e ficou lá, imóvel.

— Você não precisava obrigá-lo a isso — comentou Lesperance.

— Não? É cedo ainda para dizer. — Travis tocou o corpo, com o pé. — Viverá. Da próxima vez não vai sair para caçar este tipo de caça. OK. — Ergueu o polegar para Lesperance. — Dê a partida. Vamos para casa. 1492 . 1776 . 1812 .

Limparam suas mãos e faces. Trocaram de roupa. Eckels estava de pé de novo, mudo. Travis olhou para ele por dez minutos...

— Não olhe para mim, — exclamou Eckels. — Não fiz nada.

— Quem pode saber?

— Apenas saí do Caminho, foi tudo, um pouco de lama em meus sapatos; que quer que eu faça? Que me ajoelhe e reze?

— Talvez precisemos disso. Estou lhe avisando, Eckels! Posso matá-lo,

ainda.

Minha arma está engatilhada.

— Estou inocente. Não fiz nada! 1999. 2000. 2055.

A Máquina parou.

— Saia — ordenou Travis.

A sala lá estava, tal como quando saíram. Mas não exatamente a mesma. O mesmo homem atrás da mesma escrivaninha. Mas o mesmo homem não parecia estar sentado exatamente atrás da mesma escrivaninha. Travis olhou em volta, depressa. — Tudo em ordem por aqui? — foi logo perguntando.

— Claro. Bem vindos ao lar!

Travis não relaxou. Parecia estar olhando para os próprios átomos do ar, e para o modo pelo qual o sol entrava pela janela alta.

— OK, Eckels, saia. E nunca mais volte. Eckels não podia mover-se.

— Ouviu-me, — falou Travis. — Para o quê está olhando? Eckels ficou, cheirando o ar, e havia algo no ar, uma substância tão tênue, tão sutil, que apenas um fraco aviso de seus sentidos subliminares avisavam-lhe que estava ali. As cores, branco, cinza, azul, laranja, na parede, na mobília, no céu, pela janela, eram... eram... E havia uma sensação. Sua carne crispava-se. Ficou bebendo aquela estranheza com os poros de seu corpo. Em algum lugar, alguém devia estar soprando naqueles apitos que só os cães podem ouvir. Seu corpo gritava silenciosamente, em resposta. Além deste aposento, além desta parede, além deste homem, que não era exatamente o mesmo homem que estava sentado àquela mesa, que não era bem a mesma mesa... estava todo um mundo de ruas e gente.

Que espécie de mundo era agora, não havia como dizer. Ele podia senti-los mover-se ali, além das paredes, quase, como peças de xadrez por um vento quente...

Mas a coisa mais imediata era o anúncio pintado na parede do escritório, o mesmo que havia lido hoje ao entrar. De alguma forma, o anúncio havia mudado:

SEFARIS NU TENPO, INC.

SEFARIS PRA QUALQUER ANO PAÇADO.

CÊ DIS QUI ANIMAU.

NÔIS LEVAMOS CÊ LÃ.

CÊOABAT.

Eckels sentiu-se caindo numa cadeira. Ficou mexendo, como louco, na lama em suas botas. Ergueu um pedaço de algo enlameado, tremendo. — Não, não pode ser, não uma coisinha assim, não!

Embebida na lama, brilhando em verde e dourado e preto, havia uma borboleta, muito bela, e muito morta. Não uma coisa assim! Não uma borboleta! — gritou Eckels.

Caiu ao chão, uma coisa exótica, pequena, que poderia desmanchar equilíbrios e derrubar uma fila de dominós pequenos, e então grandes dominós, e então dominós gigantes, por todos os anos através do Tempo. A mente de Eckels

turbilhonava. Não podia mudar as coisas. Matar uma borboleta não podia ser tão importante! Ou pode- ria?

Seu rosto estava frio. Sua boca hesitava, ao perguntar: — Quem... quem ganhou a eleição presidencial ontem?

O homem atrás da escrivaninha riu-se. — Está brincando? Sabe muito bem. Deutscher, claro! Quem mais? Não aquele maluco pusilânime do Keith. Temos um homem de ferro, agora, um homem de peito! — O funcionário parou. — O que há de errado?

Eckels gemeu. Caiu de joelhos. Examinava a borboleta dourada com dedos trêmulos. — Não podemos — implorava ao mundo, a si mesmo, aos funcionários, à Máquina. — Não podemos levá-la de volta, não podemos fazê-la viver de novo? Não podemos recomeçar? Não poderíamos...

Não se moveu. Olhos fechados, esperou, abalado. Ouviu Travis ofegando, na sala; ouviu Travis apontar o rifle, destravá-lo. Houve um som de trovão.